

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**«MY SECOND MANNER»:
DESAFIOS COLOCADOS À TRADUÇÃO
PELA ESTILÍSTICA DE F. SCOTT FITZGERALD**

Ana Catarina Silveira Brasil

Trabalho final orientado pela Professora Doutora Margarida Vale de Gato,
especialmente elaborado para a obtenção do grau de mestre em Tradução

Relatório de Estágio

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**«MY SECOND MANNER»:
DESAFIOS COLOCADOS À TRADUÇÃO
PELA ESTILÍSTICA DE F. SCOTT FITZGERALD**

Ana Catarina Silveira Brasil

Trabalho final orientado pela Professora Doutora Margarida Vale de Gato,
especialmente elaborado para a obtenção do grau de mestre em Tradução

Relatório de Estágio

2017

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Margarida Vale de Gato, pela enorme dedicação e inesgotável paciência.

À Relógio d'Água, pela importante oportunidade.

À Paula e ao António, pelo tempo dispensado e pelo encorajamento.

Por último, mas acima de tudo, aos meus pais, em especial à minha mãe, sempre capaz de pôr de lado a sua vontade para que eu siga a minha.

RESUMO

O presente relatório de estágio incide sobre a tradução dos contos “The Curious Case of Benjamin Button” e “O Russet Witch!”, da autoria do norte-americano Francis Scott Fitzgerald, a que se procedeu no âmbito do estágio curricular realizado na Relógio d’Água Editores, no contexto do Mestrado em Tradução.

Tendo por finalidade apresentar novas traduções dos referidos contos – escritos naquilo a que Fitzgerald chamou «second manner» – e de modo a reavivar o interesse pela contística fitzgeraldiana, este trabalho apresenta, numa primeira parte, uma contextualização histórica e social do autor e da sua obra, contextualização essa que se considera imprescindível para compreender devidamente a sua prosa ficcional.

Na segunda parte, justifica-se as escolhas de tradução a que se procedeu, tendo por base teorias avançadas por diversos autores, nomeadamente Vinay e Dalbernet (1995), Mona Baker (2005) e Antoine Berman (1997). A exigência inerente à tradução de textos literários, bem como as dificuldades colocadas pela estilística muito particular de Fitzgerald constituem os principais desafios levantados pelas traduções em causa.

Assim, no sentido de manter, tanto quanto possível, as idiossincrasias do autor no texto de chegada, não esquecendo a importância de conservar as referências culturais que tão bem espelham a época e a sociedade norte-americanas retratadas por Fitzgerald, não só nos contos em apreço, mas em toda a sua obra, prevalece – na terminologia de Vinay e Darbelnet – a estratégia de tradução direta. Resulta, portanto, uma tradução, no geral, estrangeirizante (Venuti), ainda que se recorra com alguma frequência a procedimentos de tradução que implicam uma maior aproximação aos modelos literários da língua e da cultura de chegada.

Espera-se que o presente relatório e as traduções nele apresentadas contribuam para uma reflexão sobre o papel da tradução tanto na cultura, como na língua de chegada – papel que ganhou maior relevo ao nível da criação literária com o modernismo –, bem como sobre os diferentes métodos de traduzir. Espera-se ainda que evidenciem a relevância da contística fitzgeraldiana, tantas vezes esquecida em favor da sua restante prosa, promovendo-a e mantendo atualizada a obra de Fitzgerald traduzida em Portugal.

Palavras-chave: Scott Fitzgerald, modernismo norte-americano, conto, tradução literária, estrangeirização

ABSTRACT

This report regards the translation of two short stories, “The Curious Case of Benjamin Button” and “O Russet Witch!”, by the North-American author Francis Scott Fitzgerald. These translations were carried out during the traineeship at the publishing house Relógio d’Água Editores, within the framework of the Master’s Degree in Translation.

Aiming at rendering new translations of the abovementioned short stories – written in a style that Fitzgerald called his «second manner» –, as well as at rekindling the readers’ interest in his short stories, the first part of this work seeks to historically and socially contextualize the author and his *oeuvre*, a contextualization deemed essential to fully understand Fitzgerald’s fictional prose.

The second part of this work is devoted to the translation report itself, in which translation choices are justified according to theories put forward by several authors, namely Vinay and Dalbernet (1995), Mona Baker (2005) and Antoine Berman (1997). The demanding character of literary translation in itself, as well as the difficulties arising from Fitzgerald’s particular stylistics represent the main challenges posed by the translations under analysis.

Therefore, in order to maintain – as much as possible – the author’s idiosyncrasies in the target text, and without overlooking the importance of preserving the cultural references mirroring the period and the society depicted by Fitzgerald, not only in the short stories in question, but also across his prose, preference was given to the strategy of direct translation, according to the terminology established by Vinay and Darbelnet. The general result is a translation in which the foreignness (*Venuti*) of the source text is kept in the target text, although at certain points it was also necessary to resort to translation procedures that entail a greater approximation to the literary models of the target language and culture.

This work, including the translations it showcases, is therefore expected to contribute to a reflection on the role of translation both in the target culture and the target language – a role that gained prominence in modernist aesthetics –, as well as on the different methods of translating. It is also expected to emphasize the significance of Fitzgerald’s short stories, often disregarded in favor of his novels, by promoting them and updating the author’s works translated in Portugal.

Keywords: Scott Fitzgerald, North-American modernism, short story, literary translation, foreignization

ÍNDICE

Agradecimentos	1
Resumo	3
Abstract	4
Contextualização do Estágio	7
Introdução	8
PARTE I	
1.1. F. Scott Fitzgerald: a história de um conflito	13
1.2. O Autor da Era do Jazz: do Modernismo à Depressão	20
1.3. A contística de Fitzgerald	26
1.3.1. Temáticas	28
1.3.2. Estilística	32
1.3.3. <i>Tales of the Jazz Age</i> : temáticas e estilística nos contos em análise	35
a) The Curious Case of Benjamin Button	36
b) O Russet Witch!	37
1.4. Porquê ainda traduzir Fitzgerald?	39
PARTE II	
2.1. Relatório de tradução: nota introdutória	45
2.2. Arcaísmos e Heterolinguismo	49
2.3. Ironia e Humor	52
2.4. Adjetivação e Adverbialização	56
2.5. Utilização de verbos com efeito dramático	60
2.6. Outros casos dignos de menção	63
a) Aspeto intensivo expresso por advérbio junto de verbo	63
b) Equivalência	65
c) Pontuação	66
Considerações finais	68
Bibliografia	71
Sitografia	76
ANEXOS	
The Curious Case of Benjamin Button	79
O Curioso Caso de Benjamin Button	100
O Russet Witch!	122
Ó, feiticeira de cabelo vermelho!	146

CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

Realizado no âmbito do Mestrado em Tradução, o estágio decorreu nas instalações da Relógio d'Água Editores, com sede na Rua Sylvio Rebelo, n.º 15, 1000-282 Lisboa, sob orientação da Professora Doutora Margarida Vale de Gato e do responsável editorial, Francisco Vale.

Com uma duração total de 240 horas, repartidas em 120 horas por semestre, o estágio decorreu de segunda a quinta-feira, das 9:00 às 13:00, perfazendo dezasseis horas semanais. As 120 horas relativas ao primeiro semestre foram distribuídas entre o dia 19 de setembro e o dia 9 de novembro de 2016. Relativamente à carga horária do segundo semestre, a mesma foi distribuída entre os dias 12 de janeiro e 6 de março de 2017.

À estagiária foi proporcionado acesso a um local individual de trabalho, assegurando-se assim a privacidade necessária à realização das tarefas de tradução, a um computador e à Internet, bem como a um exemplar com o conteúdo a traduzir durante o estágio: dois contos do autor norte-americano Francis Scott Fitzgerald, de língua inglesa para língua portuguesa, a saber “The Curious Case of Benjamin Button” e “O Russet Witch!”. Estes contos foram selecionados de entre uma lista de autores e obras fornecida pela editora, com vista à consolidação do seu catálogo. A escolha recaiu sobre F. Scott Fitzgerald por preferência pessoal da estagiária em relação ao autor, bem como à literatura norte-americana, tendo ainda em conta a relevância do autor no mundo literário.

Publicados em livro em 1922, pela editora Charles Scribner's Sons, na compilação *Tales of the Jazz Age*, os contos em causa surgiram no mesmo ano nas revistas *Collier's* e *Metropolitan*, respetivamente. Em Portugal, em 2009, a Editorial Presença publicou um volume com a tradução em língua portuguesa do conto “The Curious Case of Benjamin Button”, sob o título *O Estranho Caso de Benjamin Button*, com tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Em 2011, a Revista Visão, no âmbito da “Coleção Livros de Filmes”, publicou uma compilação de quatro contos de F. Scott Fitzgerald, com tradução de Nuno Castro, igualmente sob o título *O Estranho Caso de Benjamin Button*. Neste volume está incluído o conto “O Russet Witch!”, traduzido como “A Bruxa de Cabelo Avermelhado”¹.

O objetivo subjacente à tradução destes contos no âmbito do estágio prende-se com a importância de atualizar as traduções dos mesmos em língua portuguesa, pois que «até a maior das traduções está destinada a desaparecer no processo de crescimento da respetiva língua» (Benjamin 2015:96). Estas novas traduções procuram assim “renovar” as traduções existentes, bem como reavivar o interesse na obra fitzgeraldiana, promovendo-a.

¹ Contudo, não foi possível ter acesso a qualquer exemplar desta edição, que parece encontrar-se fora de circulação. Assim sendo, ao longo do relatório de tradução, apenas se procederá à comparação de algumas das escolhas de tradução de Fernanda Pinto Rodrigues relativamente ao conto “The Curious Case of Benjamin Button”.

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio divide-se em duas partes, sendo que a primeira parte diz respeito à vida e obra de Francis Scott Fitzgerald. Após uma apresentação dos elementos biográficos que se consideram mais relevantes, procurar-se-á contextualizar a obra de Fitzgerald na cultura e literatura norte-americanas do século XX, seguindo-se uma análise geral da sua contística, designadamente das questões temáticas e estilísticas que subjazem à ficção fitzgeraldiana, bem como dos próprios contos traduzidos. Por fim, procurar-se-á responder à pergunta “Porquê ainda traduzir Fitzgerald?”, no sentido de reforçar a importância de retraduzir literatura e de afirmar a relevância que impende sobre a obra de Fitzgerald ainda hoje.

A segunda parte é dedicada ao relatório de tradução propriamente dito. Nesta parte, após uma breve apresentação dos principais problemas encontrados no decurso da tradução e das estratégias de tradução predominantes, analisar-se-ão as escolhas de tradução, com base nas teorias de autores como Vinay e Darbelnet, Mona Baker e Antoine Berman. As escolhas de tradução analisadas repartem-se em quatro secções, especialmente relevantes no âmbito da tradução literária – Arcaísmos e Heterolingüismo; Ironia e Humor; Adjetivação e Adverbialização; Utilização de verbos com efeito dramático –, traçadas de acordo com as características mais proeminentes da escrita fitzgeraldiana, em particular da contística em análise. Na última secção da segunda parte proceder-se-á à análise de outras escolhas de tradução que se consideram dignas de menção, nomeadamente ao nível da pontuação, mas que não se enquadram nos pontos acima elencados.

Ao longo do relatório, sempre que mencionados títulos das obras de Fitzgerald, optou-se por utilizar a versão original, em inglês, portanto, por força de algumas delas não se encontrarem traduzidas e, sobretudo, por, em vários casos, existirem diferentes traduções para a mesma obra. Exemplo disso é o volume *The Crack-Up*, editado em Portugal sob o título *A Fenda Aberta* (Assírio & Alvim, 2005) e *The crack-up e outros escritos* (Relógio d'Água, 2011). Além disso, por norma, consultou-se as obras em edições de língua inglesa.

Quanto à apresentação formal do relatório, esta segue, de um modo geral, a oitava edição do livro de estilo da *Modern Language Association* (MLA), utilizado na redação de artigos e outros trabalhos na área das Humanidades. De referir, contudo, que, no que diz respeito às citações, se optou por uma apresentação diferente da sugerida pela MLA, nomeadamente pelo sistema “autor-data-página”, uma vez que, além de utilizado com frequência na área dos Estudos de Tradução, se considera que não interfere com a leitura do texto.

De realçar que a pontuação do discurso direto utilizada nas traduções realizadas no âmbito do estágio – aspas elevadas, ao invés de travessão – tem por base a preferência da Relógio d’Água Editores por esta convenção.

Por fim, importa referir que, no presente relatório, em virtude da sua natureza e das limitações da sua dimensão, não se procurará responder às questões perpetuamente levantadas no contexto da tradução, como “O que é a tradução?” ou “Qual o papel do tradutor?” ou ainda “A quem deve ser fiel o tradutor?”. Acredita-se que a tradução não se esgota na restituição da “palavra” ou do “sentido”, nem sequer no equilíbrio entre ambas, pelo que uma tentativa de resposta a questões desta índole exigiria um aprofundamento que um trabalho desta natureza não permite. Bastará, para já, citar George Steiner:

I believe, on the contrary, that we do not know with great precision or confidence what it is that we are asking and, concomitantly, what meaningful answers would really be like. A radical indeterminacy characterizes the question [‘what, then, is translation?’], conceivable answers, and our sense of the relation between them (1998:293).

PARTE I

1.1. F. SCOTT FITZGERALD: A HISTÓRIA DE UM CONFLITO

«[T]he test of a first-rate intelligence is the ability to hold two opposed ideas in the mind at the same time, and still retain the ability to function», escreveu Francis Scott Fitzgerald, em 1936, no seu texto confessional “The Crack-up”¹ (1964:69), que Ruland Bradbury (1971:128) atribuiu a uma tentativa de dissecação do próprio fracasso do autor. De facto, a ambivalência entre ideias opostas, bem como a constante ânsia de as equilibrar, de modo a «manter a capacidade de funcionamento», haveria de marcar indelevelmente não só a vida, mas a obra de F. Scott Fitzgerald.

Nascido no *Midwest*, em St. Paul, Minessota, em 1896, no seio da classe média, Fitzgerald descendia de imigrantes irlandeses, tendo ainda na sua linhagem o advogado e poeta Francis Scott Key, autor da letra do hino dos EUA, em honra de quem herdou o nome.

Cerca de três meses antes do nascimento de Scott Fitzgerald, faleceram as suas duas irmãs, de modo que a sua mãe, Mary “Molly” McQuillan, criou com ele uma relação de tal apego que haveria de influenciar toda a vida do homem e escritor. Fitzgerald chega a afirmar que foi nessa época, três meses antes de nascer, que se tornou escritor². A sua relação com a mãe acaba por se tornar melindrosa, uma vez que ela não se enquadrava nos padrões que Fitzgerald estabelecera para si e para os que o rodeavam, não só por considerar que a mãe carecia de bom gosto, quer no que toca à moda, quer no que toca à literatura, mas também em virtude das limitações morais e culturais da sua classe social. Além disso, atribuía ao modo excessivo como fora protegido algumas das características que considerava responsáveis pelo seu fracasso, nomeadamente pelo facto de se ter tornado um artista, e não um “herói”³. Também a relação com o pai seria permeada por algum ressentimento, uma vez que testemunhara o seu “fracasso”: em determinado momento, o pai perdeu o emprego e enfrentou sérias dificuldades para sustentar a família (ao que não ajudavam os seus problemas com o álcool), o que levou os Fitzgeralds a mudar de cidade várias vezes em pouco tempo.

Estes aspetos, a relação com os pais, a ascendência irlandesa, o nascimento na classe média e no *Midwest*, contribuíram profundamente para a perspetiva que Fitzgerald adotou da vida e do mundo. E que definiu, de modo inequívoco, a sua obra.

¹ O texto integra uma série de três ensaios escritos para a revista *Esquire*: além de “The Crack-up”, “Pasting it Together” e “Handle with Care”. Estes ensaios, e outros textos, foram postumamente reunidos num livro organizado por Edmund Wilson, crítico literário, amigo e colega de Fitzgerald em Princeton, intitulado precisamente *The Crack-Up*.

² Em “Author’s House”, o autobiográfico «autor» afirma: «Well, three months before I was born my mother lost her other two children and I think that came first of all though I don’t know how it worked exactly. I think I started then to be a writer.» (Fitzgerald 1936).

³ «(...) all the complicated dark mixture of my youth and infancy (...) made me a fiction writer instead of a fireman or a soldier.» (*ibid.*).

O autor parecia nutrir uma certa aversão a tudo quanto se traduzisse num meio-termo, a tudo quanto representasse moderação ou incerteza, tendo vivido sempre no extremo – ora feliz, ora infeliz, ora pobre, ora rico, ora fracassado, ora bem-sucedido. Os seus sentimentos em relação à (sua) classe média são disso mesmo sintomáticos. Não obstante a óbvia admiração que nutria pelos ricos, gozava até de mais simpatia pelos pobres do que pela “burguesia”, que considerava inimiga do bom gosto e da sofisticação. Como relembra Kuehl, «[Fitzgerald] once said that if he were unable to live with the rich, his next choice would be the poor. Anything was better than the unstable middle class» (1965:47). No entanto, seria a classe média o seu público, bem como o ponto de partida para a grande maioria das suas histórias.

O próprio *Midwest*, no centro-oeste dos Estados Unidos, representava para Fitzgerald um «ponto médio» de onde teria obrigatoriamente de sair. E sair significava partir rumo à costa leste, símbolo da riqueza e do sonho (e inevitavelmente da corrupção, como o autor viria a descobrir).

Fitzgerald assim fez e, em 1913, foi admitido na Universidade de Princeton, representante do mundo a que tanto queria pertencer. Contudo, Princeton seria palco de outros tantos acontecimentos que ditaram a sua vida e obra, desde cedo, então, permeadas pela ideia de fracasso. Esses acontecimentos prendem-se, por exemplo, com o facto de o autor não ter sido suficientemente grande (ou bom, como ressaltava) para jogar futebol americano em Princeton ou de, em virtude do seu fraco desempenho escolar e da sua reduzida assiduidade, não ter chegado a alcançar a presidência do Triangle Club. O prestigiado clube de comédia musical, ainda existente naquela universidade, representou uma das grandes obsessões de Fitzgerald, até hoje o único aluno a escrever as letras de todas as canções de três espetáculos consecutivos, a saber *Fie! Fie! Fi-Fi!* (1914-1915), *The Evil Eye* (1915-1916) e *Safety First* (1916-1917).

Tudo isto reforçou o seu desinteresse pela vida académica, que abandonaria em 1917 para ingressar no exército. A vida militar acabaria por se revelar outra desilusão, não só por o autor não ter chegado a participar na I Guerra Mundial, terminada no ano seguinte, mas por ele próprio se considerar «the army's worst *aide-de-camp*» (Fitzgerald 1964:85). Fracassado no futebol e na guerra, expoentes da virilidade, Fitzgerald perdia assim as últimas oportunidades de se tornar um herói: «Some old desire for personal dominance was broken and gone. (...) A man does not recover from such jolts.» (Fitzgerald 1964:76). Não voltaria a estudar e a sua desilusão relativamente a Princeton seria espelhada no seu primeiro romance e em vários dos seus contos.

Assim, e talvez de modo mais evidente do que aconteceu com a maioria dos escritores seus contemporâneos, a vida e a obra de Fitzgerald são indissociáveis, quase se confundindo, o que fez dele um dos principais “símbolos” de uma época. Fitzgerald não se limitava a descrever o ambiente dos anos 1920, antes retratando-se nele. Nessa medida,

outras experiências que definiram inequivocamente a sua vida e obra, e, portanto, a sua relação com o dinheiro e o mundo dos ricos, foram as rejeições de duas mulheres, Ginevra King e Zelda Sayre, por questões relacionadas com a posição social e financeira de Fitzgerald. Em 1920, haveria, contudo, de casar com Zelda. Para que tal acontecesse, o autor decidiu demitir-se do seu emprego numa agência de publicidade em Nova Iorque (posição em que era medíocre, como refere nos ensaios que compõem *The Crack-Up*), regressar a St. Paul e reescrever um romance que começara em Princeton, *The Romantic Egotist*, e que fora inicialmente rejeitado pela editora Charles Scribner's Sons. Já com o título *This Side of Paradise*, a obra foi então aceite e publicada pela Scribner's poucos dias antes do casamento de Scott e Zelda, na primavera de 1920.

Ainda que a qualidade desse seu primeiro romance tenha sido amplamente colocada em causa⁴, este foi um sucesso instantâneo, tendo sido vendidos quase cinquenta mil exemplares até ao final de 1920. F. Scott Fitzgerald encontrava, assim, aos vinte e três anos, e com a publicação do seu primeiro livro, o sucesso que tanto ambicionara. Ao longo da sua carreira, que abarcou um período de apenas duas décadas, publicou, além de mais de uma centena de contos, quatro romances, dois dos quais foram *best-sellers* (*This Side of Paradise* e *The Beautiful and Damned*). O seu terceiro romance, *The Great Gatsby*, apesar de ter sido uma desilusão no que respeita a vendas na época da sua publicação, em 1925, é hoje considerado um dos mais importantes clássicos da literatura norte-americana e um símbolo da decadência do sonho americano.

Tornou-se, portanto, evidente, bem no início dos anos 1920, que Fitzgerald sabia escrever para um público que, com o fim da guerra, «apenas queria ser entretido» e que pouco ou nenhum interesse tinha em questões sociológicas ou políticas⁵. O pós-guerra trouxera consigo um alheamento ideológico que Fitzgerald conseguia captar, fazendo valer, na sua ficção, o ambiente em que se movimentava a juventude daquele início de década – o *glamour*, a riqueza, o hedonismo. Contudo, a ficção fitzgeraldiana teria sempre um «toque de desastre» (Fitzgerald 1964:87). Além de entreter, o autor procurava também administrar lições de moral, recorrendo para tal a uma espécie de fatalismo: os seus heróis enfrentam, quase sempre, um destino trágico. Até porque, em virtude, nomeadamente, da sua educação católica, o autor acreditava que a obra de um artista sério não se poderia debruçar apenas sobre questões relacionadas com dinheiro e sucesso.

Facto é que, contrariando a tendência da época, o escritor, ainda na casa dos vinte anos, se tornou uma celebridade literária, muito por conta também das histórias que publicava em revistas populares como *The Saturday Evening Post*. «It seemed like a romantic business to be a successful literary man» (Fitzgerald 1964:69) e, realmente, quantos autores

⁴ A título de exemplo: «It [*This Side of Paradise*] has almost every fault and deficiency that a novel can possibly have. (...) [it] is one of the most illiterate books of any merit ever published (...)» (Wilson 1963:80-81). Fitzgerald ficaria, aliás, conhecido pelos seus erros a nível ortográfico e sintático.

⁵ Afirma o próprio autor: «It was characteristic of the Jazz Age that it had no interest in politics at all.» (Fitzgerald 1964:14).

havam enriquecido e alcançado uma tal popularidade a escrever? Para esta terá contribuído não só a identificação dos leitores com o conteúdo dos textos de Fitzgerald, reconhecendo neles a sua própria história, ou idealizando a partir deles aquela que gostariam que fosse a sua história, mas também, e independentemente das referidas questões de ortografia, a escrita elegante do autor, que procurava também mimetizar a forma como escreviam, ou pelo menos falavam, os ricos.

Mas o sucesso precoce de Fitzgerald teria o seu preço: «The man with the jingle of Money in his pocket who married the girl a year later would always cherish an abiding distrust, an animosity, toward the leisure class» (Fitzgerald 1964:77). Começa assim a acentuar-se a dicotomia que permearia o mundo do escritor quase até ao fim da sua vida: a desconfiança dos ricos, superada pela vontade de partilhar do seu modo de vida. Para o autor, a escassez de recursos financeiros não era necessariamente sinónimo de privação, mas antes uma lembrança de que não era tão rico como os outros, nomeadamente os seus colegas de Princeton. Não obstante, e ainda que Fitzgerald porventura abusasse do seu talento para financiar as suas excentricidades, não conseguia libertar-se da sensação de que uma carreira decente não poderia ter por base apenas a audiência, ou não fosse ele, no fundo, um homem de moral e convicções nobres. Daí que tenha sido sempre um homem dividido entre a sua sensibilidade e o desejo de agradar ao seu público e, portanto, de ser bem-sucedido.

A busca pelo dinheiro, e sobretudo pelo que ele representava, começou assumidamente com a tentativa de conquistar Zelda, tendo-se prolongado com o objetivo de alimentar o estilo de vida que tanto ela como Fitzgerald haviam idealizado e que, de facto, concretizaram. Graças a esse viver desregrado, Scott e Zelda ganharam o estatuto de lendas. Porém, o escritor continuava a acreditar que aqueles que «emigravam» para a classe alta nunca teriam a mesma graciosidade dos que haviam nascido ricos, sendo apenas tolerados por estes.

Fruto da tensão entre os seus padrões, de um modo geral, elevados enquanto escritor e os padrões, bastante convencionais, dos leitores das revistas para as quais escrevia, o trabalho de Fitzgerald, em especial a contística, foi por norma, e até alguns anos após a sua morte, olhado com paternalismo por outros escritores e por críticos⁶. Como se pode ler nos ensaios e notas compilados em *The Crack-Up*, o próprio autor classificava alguns dos seus contos escritos para essas revistas como «junk» ou «trash» e admitiu, numa carta a Max Perkins, editor da Scribner's, «I have no facility. I have a facility for being cheap, if I wanted to indulge that. I can do cheap things» (Turnbull 1970:245). Uma tal admissão constitui mais um exemplo do conflito interior em que Fitzgerald vivia, pois,

⁶ Malcom Bradbury coloca em causa a qualidade dos contos de Fitzgerald: «his financial plight meant rigorous commitment to the production of profitable but artistically disappointing stories» (1971:128). E Arthur Mizener afirma «the normality of its [work] conception of life and the sense of intimacy it creates in his readers (...) meant that his work was regarded with some doubt by his fellow writers and by the critics.» (1963:1).

dada a sua crença nos valores «antigos», como a honra e a coragem, o trabalho representava, para ele, a verdadeira dignidade. No entanto, não fosse essa crença permeada pela veia satírica do autor, este chegava a sacrificar, não raras vezes, a qualidade do seu trabalho em nome de caprichos.

Ainda assim, Scott Fitzgerald dificilmente fugia aos seus valores e à sua educação católica, pelo que uma das ideias mais exploradas na sua obra, mais ou menos evidentemente, terá sido a de moralidade, ou a da sua ausência, numa América que surge como terreno fértil para a decadência e a corrupção. Fitzgerald, contudo, na sua luta pelo equilíbrio, talvez estivesse ainda demasiado envolvido nesse mesmo mundo para o ver claramente e o retratar de forma objetiva, acabando, ele próprio, como os seus heróis, vítima dele. Ou assim defendem alguns autores⁷. Fitzgerald era, ainda assim, um observador da sua sociedade e, conseqüentemente, da natureza humana, o que lhe valeu o título de «profeta do fracasso» (Fiedler 1963:76), sendo que os seus fracassos acabariam por se tornar os seus troféus, provas de que a sociedade e o sonho americanos eram inevitavelmente corruptos. Além disso, às suas fragilidades parecia aliar-se um certo carisma, consubstanciado na elegância da sua escrita.

Os valores morais apresentam-se então como uma das mais proeminentes características associadas à personalidade de Fitzgerald, ainda que não o tenham impedido de “vender” o seu talento para financiar os excessos contra os quais se manifestava. «I had been only a mediocre care-taker of most the things left in my hands, even of my talent» (Fitzgerald 1964:71), viria a admitir. Talvez por isso, na sua obra, reflexo da sua visão do mundo, a riqueza, bem como a beleza, esteja quase sempre associada à maldade.

Verifica-se, assim, que o universo de Fitzgerald é um universo maniqueísta, dividido entre ricos e pobres, puros e corruptos, jovens e acabados, polarizando-se, além disso, entre a costa oeste e a costa leste, esta que, enquanto representante da sofisticação, da cultura e das novas oportunidades (e, necessariamente, da corrupção), é sempre uma atração (ou tentação) e quase sempre o único destino. Um destino que carrega a esperança de que os pobres e os puros, uma vez lá chegados, sejam capazes de inculcar nele os seus valores morais. É o sonho americano. Que nunca se realiza. Não só porque talvez o sonho seja, por natureza, corrupto, mas especialmente porque, na tentativa de tornarem reais as suas fantasias, até os puros abandonam os seus princípios. Como, aliás, até certo ponto, fez Fitzgerald.

Pode ver-se nesta perspectiva, espelhada na sua obra, uma certa herança do puritanismo, também ele caracterizado pelo conflito entre o ideal e o real, o mito e o quotidiano. Talvez por força desse conflito, a crítica social de Fitzgerald, se assim se

⁷ Com base numa perspectiva que procura corroborar a visão de Henry James, Miller escreve: «only when an author is able to view his experience (out of which he derives his material) dispassionately and objectively can he begin to give it shape and coherence in the form of art.» (1964:50). Paul Rosenfeld parece concordar: «But the world of his subject-matter is still too much within Fitzgerald himself for him to see it sustainedly against the universe.» (1964:321).

poderá chamar, nunca tenha sido realizada de modo direto. O autor não tentava impor aos seus leitores, de forma inequívoca, o seu sentido de ordem e moral, fosse por falta de clarividência, fosse por receio de afastar o público.

Nos dez anos que decorreram entre 1921 (ano em que nasceu a filha, Scottie) e 1931, e talvez numa (vã) fuga àqueles valores decadentes, Scott e Zelda viajaram, por diversas vezes para a Europa, tendo residido em várias cidades francesas. A Europa era também esperança de paraíso, a «luz verde» no horizonte, bem como símbolo de sofisticação e novidade a nível literário. Em Paris, Scott haveria de se juntar ao grupo de artistas expatriados encabeçado por Gertrude Stein.

Stein, forte impulsionadora do movimento modernista norte-americano, designaria a segunda geração de modernistas, a qual incluía, além de Fitzgerald, Ernest Hemingway e William Faulkner, entre outros, de «Geração Perdida»⁸, por considerar que os seus membros haviam perdido o rumo, em virtude de terem herdado valores cuja importância se desvanecera com o fim da guerra. Dando seguimento à «reforma literária» iniciada na década de 1910 pela própria Stein, por Ezra Pound e por T.S. Eliot, entre outros, era então tempo de acabar definitivamente com os princípios românticos e vitorianos, pelo que Gertrude Stein tomou Fitzgerald e Hemingway como seus discípulos. Foram estas duas gerações responsáveis pelo início de uma importantíssima era da literatura norte-americana.

Ainda assim, para Fitzgerald, este novo contexto serviria também para revestir os seus fracassos de uma nova importância, visto que lhe era inevitável comparar o seu trabalho e as suas experiências com os de Hemingway, o verdadeiro «he-man», aventureiro, desportista, soldado. Tudo o que Scott Fitzgerald não conseguira ser. E, mesmo tendo sido ele a recomendar Hemingway a Max Perkins e à sua editora, a relação com o escritor, que Fitzgerald considerava a sua «consciência artística» (Fitzgerald 1964:79), haveria de ser sempre pautada pela condescendência com que Hemingway respondia à enorme admiração, sombreada de inveja, que Fitzgerald por ele nutria.

Os anos passados na Europa foram também marcados pelo alcoolismo de Scott e pelos colapsos mentais de Zelda⁹. Assim, com o fim da década de 1920, veio também o declínio de Fitzgerald, cujos últimos anos seriam marcados por algumas passagens mal

⁸ «Gertrude Stein is credited for the term Lost Generation, though Hemingway made it widely known. According to Hemingway's *A Moveable Feast* (1964), she had heard it used by a garage owner in France, who dismissively referred to the younger generation as a *génération perdue*. In conversation with Hemingway, she turned that label on him and declared "You are all a lost generation." He used her remark as an epigraph to *The Sun Also Rises* (1926)». In *Encyclopaedia Britannica* (<https://www.britannica.com/topic/Lost-Generation>).

⁹ Um dos colapsos de Zelda, que considerava ter vivido sempre na sombra do marido, deveu-se à obsessão que esta desenvolvera pelo ballet, a que começou a dedicar-se já tarde, ao sentir-se abandonada por Fitzgerald. O sonho de Zelda de se tornar bailarina não chegou a concretizar-se, mas concretizou-se a sua vontade de escrever um livro. *Save Me The Waltz* foi publicado pela Scribner's em 1932, depois de Scott ter exigido à esposa e ao editor, Perkins, várias alterações ao conteúdo autobiográfico do romance.

sucedidas por Hollywood, onde acabaria por falecer, em 1940. Em Hollywood, trabalhou, na Metro-Goldwyn-Mayer, como argumentista e revisor de guiões, sendo o seu nome pouco reconhecido nesse meio, manifestação do insucesso que viveu nos seus últimos anos de vida. A verdade é que Fitzgerald precisava de rendimentos para sustentar a filha e pagar os internamentos de Zelda e, por essa altura, os seus contos já pouco valiam. Hollywood foi então o derradeiro recurso, que serviria de inspiração ao seu último romance, *The Last Tycoon*, inacabado e publicado postumamente graças ao trabalho de edição de Edmund Wilson. De facto, só após a sua morte, o trabalho de Fitzgerald começou a ser visto com seriedade por críticos e colegas¹⁰. Para tal muito contribuiu, além da publicação de *Tycoon*, a publicação de *The Crack-up*, bem como possivelmente a distância temporal da época e da sociedade que sempre se afiguraram como os temas do escritor.

Em suma, poder-se-á dizer que Fitzgerald viveu dividido entre duas entidades, que nunca conseguiu equilibrar plenamente: entre a sua visão poética do mundo e o próprio mundo, ia alimentando uma obsessão pelo inalcançável, e, entre a sua vaidade e a sua fragilidade, havia um narcisismo torturado, porque consciente das suas fragilidades. Por outro lado, esse conflito interior, «between the futility of effort and the sense of necessity to struggle; the conviction of the inevitability of failure and still the determination to ‘succeed’» (Fitzgerald 1964:70), seria crucial para diferenciar a sua obra.

Em rigor, a própria década de 1920 foi uma época de paradoxos. Entre o fim da I Guerra Mundial e o *Crash* da bolsa, os *roaring twenties* afiguraram-se como um período de crise de identidade social, bem como de rebelião contra um passado conservador e a geração dos pais. Contudo, foi também uma época de repressão e intolerância, consubstanciadas, por exemplo, na Lei Seca e nos movimentos anticomunistas, os chamados *Red Scares*. Assim sendo, quem melhor do que F. Scott Fitzgerald para retratar uma época de paradoxos? Quem melhor do que o escritor e homem cujos sucesso e declínio acompanham os sucessos e o declínio da década? Como o próprio afirmou (1964:252), ninguém poderia ter escrito tão incisivamente a história da juventude daquela geração.

¹⁰ «Reappraisal of Fitzgerald’s work began almost immediately with Edmund Wilson’s introduction to *The Last Tycoon* in 1941.» (Bradbury 1971:128).

1.2. O AUTOR DA ERA DO JAZZ: DO MODERNISMO À DEPRESSÃO

Mais do que cronista da década de 1920, F. Scott Fitzgerald foi porventura o escritor mais representativo da época, que ele próprio cunhou de *Era do Jazz* – talvez a energia crua, o primitivismo e, simultaneamente, a modernidade do jazz justifiquem a designação. Poderá até dizer-se que Fitzgerald foi um dos grandes fomentadores das modas, da atmosfera e do espírito dos anos 1920, uma época de febre e ruína, em que o indivíduo tinha primazia sobre a sociedade.

O início da Era do Jazz, *The Jazz Age*, é frequentemente associado à publicação do primeiro romance de Fitzgerald, *This Side of Paradise*, em 1920. O autor, porém, balizou o início da Era com as manifestações antissocialistas ocorridas no Primeiro de Maio de 1919 em várias cidades dos Estados Unidos¹¹. Mas o biógrafo Andrew Turnbull ressalva:

When Fitzgerald wrote that the Jazz Age began about the time the May Day riots in 1919, he was thinking less, perhaps, of those anti-Socialist demonstrations than of an all-night binge of his own which signaled the decade he chronicled (1970:101).

A «farrá» a que Turnbull se refere foi retratada no conto “May Day”, um dos contos de Fitzgerald que conseguiu reunir mais críticas positivas¹², nomeadamente porque, ao contrário do que era habitual nas suas histórias “comerciais”, toca nas questões políticas e sociais da época.

De facto, a maioria dos contos de Fitzgerald (e até os seus primeiros romances) poderá dar azo a uma ideia, por vezes errada, de superficialidade, não só das personagens, mas do próprio autor. Havia algo de romântico no seu realismo, o que poderia veicular uma imagem de frivolidade. Não obstante, mesmo as suas observações mais casuais são reveladoras de uma clara compreensão do seu tempo, como poucos dos seus contemporâneos o compreenderam. Ainda assim, facto é que os anos 1920 foram uma época de eflorescência de muitos talentos literários, de criatividade e também de alteração de comportamentos, em parte promovida por alguns desses autores.

Essa mudança iniciara-se, então, alguns anos antes, com uma outra importante geração de escritores. Esta geração, associada à década de 1910, procurava instituir o modernismo na literatura, não só opondo-se ao provincianismo da época, mas também respondendo aos avanços alcançados na ciência, na psicologia e na filosofia. O escritor, o

¹¹ «The ten-year period [Jazz Age] that, as if reluctant to die outmoded in its bed, leaped to a spectacular death in October, 1929, began about the time of the May Day riots in 1919.» (Fitzgerald 1964:13).

¹² James Edwin Miller afirma: «These two stories [“May Day” e “The Diamond as Big as the Ritz”] stand as a testimony that Fitzgerald was not dissipating his talent completely in writing for popular magazines.» (1964:59) e Rosenfeld escreve: «“May Day”, perhaps the most mature of all his tales» (1964:321).

artista, tornava-se assim o motor da mudança, bem como o próprio crítico da herança cultural e artística que recebera.

Procurando construir um presente “civilizado”, autores como Pound, Eliot e Stein movimentavam-se entre o passado e o futuro, tentando conciliá-los, almejando uma espécie de renovação literária, consubstanciada no que viria a ser o *slogan* modernista, «Make it New»¹³. O que ambicionavam, enquanto críticos tanto da estabilidade, como da mudança, era uma “tradição do novo”, uma espécie de invenção do passado literário. Para tal, a tradição literária teria de ser desconstruída e (re)construída: não bastava que fosse herdada, teria de ser conquistada.

Assim sendo, Pound começa a “reciclar” a literatura clássica, traduzindo-a com recurso a técnicas modernistas, nomeadamente a colagem e outros procedimentos associados ao seu movimento imagista – pois seria também seu objetivo promovê-lo. Através do que poderia ser hoje conhecido como «transcrição»¹⁴, Pound traz para o mundo ocidental novas traduções de clássicos chineses – *Cathay* (1915) sendo o exemplo-mor –, traduções essas que acarretam uma nova interpretação da literatura. Eram escassos, à época, os modelos para uma revitalização da poesia americana, pelo que Pound se afigura como uma espécie de guia dessa mudança, enquanto agente da cultura, não só através da sua poesia, mas também das suas traduções. O mesmo se poderá afirmar em relação à tradução de *Anabasis*, de St. John Perse, por T.S. Eliot. Nas palavras de Roxana Bîrsanu:

modernist writers went beyond a consideration of translation as a marginal manifestation of a literary system. The modernists revolutionised translation methods and strategies in ways that questioned the notion of accuracy and blurred the boundaries between source and target text (Bîrsanu 2011:179).

Do ponto de vista do modernismo, a tradução cessa então de ser encarada como uma mera transferência linguística: torna-se, antes, um veículo de excelência para a circulação de ideias e a expansão de formas de expressão. Além dos clássicos, os modernistas começaram também a traduzir autores contemporâneos (para leitores contemporâneos), como são exemplo as traduções de William Carlos Williams das obras de Octavio Paz. Nos seus próprios escritos, os modernistas incorporavam citações nas suas línguas originais, como o revelam obras centrais do modernismo de língua inglesa, designadamente *The Waste Land* (1922), de Eliot, ou ainda os *Cantos* de Pound. Este

¹³ A expressão, que serve também de título a uma coleção de ensaios de Ezra Pound, foi “reutilizada” pelo autor após este se ter cruzado com ela na obra chinesa *Da Xue*, que traduziu para inglês sob o título *Ta Hio: The Great Learning, Newly Rendered into the American Language*, mais tarde reintitulado *The Great Digest*. A frase dirá respeito a uma inscrição encontrada na banheira ou baía de um imperador chinês da dinastia Shang (cf. North. “The of Making ‘Make it New’”).

¹⁴ Termo cunhado pelo poeta, ensaísta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos, inspirado precisamente pela ideologia de tradução de Pound: «Em nosso tempo, o exemplo máximo de tradutor-reciador é, sem dúvida, Ezra Pound.» (Campos 1992:35).

multilinguismo, reflexo do interesse dos modernistas por diferentes línguas, culturas e realidades, é também sintomático de outras inovações introduzidas na tradução pelo movimento modernista: não só a de que tradução era tomada como uma técnica de composição, mas a de que o conhecimento da língua de partida não era fundamental. Sabe-se que Pound não era fluente em chinês e que se serviu de traduções de outros autores para traduzir os clássicos chineses. Era pois mais relevante interpretar o texto e o seu papel na sua cultura de origem. O objetivo seria então questionar e reinventar formas de arte, construindo uma cultura contemporânea a partir de velhas raízes, pelo que a tradução se qualifica não só como uma forma de manter essa ligação ao passado, mas também de criar uma nova poética e de expandir, aprofundar, as fronteiras das línguas.

O exposto exemplifica como o modernismo nasceu de um “abalo” nas crenças até então dadas como inabaláveis. Os avanços na ciência e na psicologia foram talvez os grandes impulsionadores do corte com a “velha tradição” do puritanismo. A teoria da seleção natural de Darwin colidira já com os valores puritanos, com a ideia de que todos os seres eram criados à imagem de Deus e estavam destinados a um juízo final, enquanto as ideias de Einstein vieram transformar a percepção até então existente de universo. Do mesmo modo, o surgimento das teorias freudianas despertou o interesse pelo funcionamento da mente, pelas motivações e pelos desejos reprimidos, o que desembocou num interesse pela simbologia. Os escritores modernistas partilham com Freud o interesse pelas motivações psicológicas, sendo também permeáveis à teoria do psicólogo norte-americano William James de que a mente funciona como um rio, uma corrente. Esta ideia de *stream of consciousness* influenciou significativamente o estilo narrativo modernista, ou não tivesse Gertrude Stein sido pupila de William James no Radcliffe College.

Os ideais puritanos tornaram-se assim motivo de revolta na literatura, até porque se revelavam antiestéticos, moralistas e não concediam grande margem à ambiguidade dos símbolos. E os modernistas procuravam uma nova linguagem. Contudo, é inegável a influência do puritanismo na literatura e na cultura norte-americanas: a fuga de um Velho Mundo para um Novo Mundo, a importância de que se revestia o “novo” nas suas narrativas ou a convicção de que os americanos eram guiados por um propósito ou por uma vontade especial constituem ideias por que também se regia o movimento modernista.

Na viragem do século, as artes na América não tinham, portanto, um rumo bem definido, não obedeciam a uma tradição, nem sequer a um sentido estético, pelo que os artistas tinham duas opções: «inward exile, or outward expatriation» (Ruland 1991:203). E uma boa parte, incluindo Stein, Pound, Eliot, H. D., e, mais tarde, Hemingway e

Fitzgerald, escolheu a segunda: viver na Europa, escrevendo sobre a América. William Carlos Williams representa uma das exceções, já que defendia que a “solução” teria de partir de solo americano. Acabou por afastar-se das ideias de Pound, criando-se assim uma espécie de tradição modernista bipartida: a nativa e a cosmopolita.

A verdade é que o cosmopolitismo permite, normalmente, gerar revoluções artísticas. E assim foi. As mudanças introduzidas pelos modernistas a partir da Europa, que começava a viver um período complexo a nível político, só mais tarde seriam adaptadas às tradições americanas, mas, entretanto, Paris tornara-se um laboratório experimental para a jovem «geração perdida» de escritores americanos (cf. Ruland e Bradbury 1991:222).

Ao contrário dos modernistas americanos de 1910, especialmente dedicados à poesia, a segunda geração de modernistas, já mais concentrada no *great American novel*, era uma geração muito competitiva entre si. No entanto, unia-a uma enorme lealdade e um sentimento de luta comum: a luta pela libertação das restrições impostas pelo provincianismo. De modo que, se esta geração estava perdida, não seria tanto por procurar definir os seus valores e a sua identidade, como parecia defender Stein, mas mais por acarretar consigo uma sensação de perda, que se traduzia, por vezes, numa certa nostalgia. Como defendeu Fitzgerald, recusando o rótulo: «[i]f my generation was ever lost it certainly found itself. It is staunch by nature, sophisticated by fact – and rather deeply wise» (Turnbull 1970:344).

Com o fim da I Guerra Mundial, a América, já então na posição de grande potência e de credora da Europa, põe termo, em certa medida, à sua subserviência em relação a esta, nomeadamente a nível cultural¹⁵. Com a desintegração dos impérios europeus e a instabilidade criada pelas revoluções bolcheviques na Rússia, passa a ser a América o centro de criação e inovação, desencadeando-se no país uma revolta estética e de costumes, em que reinará a boémia e que culminará em ruína, com o *Crash* da bolsa, em 1929.

Os modernistas da «Geração Perdida» procuraram criar uma literatura americana que patenteasse esse novo espírito de independência, democracia e nação, pois acreditavam ser já possível escrever grandes obras da literatura com base na experiência americana, tecendo uma nova consciência. Por conseguinte, a literatura americana torna-se uma espécie de literatura moderna mundial, em parte devido à forte influência exercida pela América, em parte devido ao estatuto de língua franca do inglês.

Por outro lado, e em associação às mudanças que ocorriam na Europa, a América vivia também um momento político complexo: os *Red Scares* são exemplo do medo da disseminação dos ideais socialistas e a eleição de Warren G. Harding, em 1920, seria

¹⁵ Fitzgerald escreveu, em 1931, no seu ensaio “Echoes of the Jazz Age”: «We were the most powerful nation. Who could tell us any longer what was fashionable and what was fun?» (1964:14).

sintomática, como afirmou o crítico H.L. Mencken, de um povo que, cansado de intelectuais, procura a «imbecilidade honesta» (cf. Ruland e Bradbury 1991:230). O povo e os artistas estavam cansados de grandes causas, alegava Fitzgerald¹⁶, que, no entanto, não partilhava de modo tão óbvio a desilusão ou o ressentimento que outros escritores da sua geração sentiam em relação à América. Fitzgerald decidiu ir para a Europa essencialmente porque a vida lhe seria aí mais económica, continuando, de uma forma ou de outra, a acreditar no potencial do seu país: «his [Fitzgerald's] sense of the sterility of American life, its distorted values and perverted ethics, was rooted, it seemed, in a satirist's conviction that true values did exist.» (Bradbury 1971:140).

Nesse período, de ilusão, dir-se-ia, entre dois acontecimentos tão graves como uma guerra mundial e a queda de uma bolsa, já não era apenas Freud, ou antes, a mente, que interessava. Também Ford – isto é, o material, a expansão empresarial, o consumismo – foi ganhando terreno. A década de 1920 seria marcada pela exploração de novos gostos e ambições, pela tensão da adaptação a um mundo que se moderniza, partindo uma grande parte da população do campo para a cidade (numa fuga mais literal ao provincianismo), bem como pela tensão entre otimismo e nostalgia, novas experiências e tradição. Esta tensão reflete-se também na ficção americana dos anos 1920, sendo a escrita dos autores mais jovens ainda permeada por essa sensação de falta de rumo e objetivos, decadência, fracasso político, bem como de vazio cultural. Como afirmou Edmund Wilson: «they [young men (...) who write books in the year 1921] have had to derive their chief stimulus from the wars, the society and the commerce of the Age of Confusion itself.» (1963:85).

Embora não se identificasse com a homogeneização da sociedade, resultante dos sistemas de massas desencadeados, entre outros, pela Revolução Industrial, o movimento modernista procurava projetar as novas condições de produção, de disseminação e de consumo. A escrita de Fitzgerald é bem representativa dessa projeção, dando ênfase a novas ideias, como o automóvel, o telefone, o frigorífico, e a novos valores, como o hedonismo. A obsessão do autor pela perda da juventude, por norma, decorrente da obstinada busca pelo prazer imediato, espelha assim uma preocupação nacional.

Como vários modernistas, Fitzgerald foi um autor autobiográfico: não só testemunhou, como partilhou os prazeres e as angústias da sua geração, revelando uma claríssima consciência social, económica e psicológica da época em que viveu os seus também vinte anos. Porém, como afirmou John Aldridge, numa alusão à ficção fitzgeraldiana: «the end of the big party is always implicit in its beginning; the ugliness of age is always visible in the tender beauty of youth» (1963:42). E assim foi, após a euforia inicial do *boom*, quando já pouco havia para gastar e pouco de novo havia para experimentar, o frenesim começa a dar lugar à anomia.

¹⁶ «But, because we were tired of Great Causes, there was no more than a short outbreak of moral indignation, typified by Dos Passo's *Three Soldiers*.» (Fitzgerald 1964:13).

Efetivamente, mais do que uma crise económica, a Depressão desencadeou uma crise cultural e de valores: o grande ideal americano de que o trabalho árduo era sinónimo de recompensa foi posto em causa. Nesse fim de década trágico, começa também a delinear-se o fim de Fitzgerald, acusado de trivialidade por não ter dado, na sua obra, preferência a questões políticas¹⁷, refugiando-se no misticismo e no simbolismo. Com o fim dos anos 1920 e com o seu mundo a fechar-se sobre si, nomeadamente por força do seu alcoolismo e dos colapsos mentais de Zelda, Fitzgerald parecia ter cada vez menos a dizer. O absurdo da vida – *the meaninglessness of life* (cf. Wilson 1963:83) – e a «bancarrota emocional»¹⁸ que, de forma mais ou menos velada, tantas vezes retratara eram agora (ou agora mais obviamente) os seus. Fitzgerald percebeu ainda que o público estava a perder interesse por um dos seus temas prediletos, a sociedade endinheirada, começando a preocupar-se, ainda que discretamente, com outros assuntos e com outro género de literatura, a literatura que rejeitava o capitalismo, em vez de o exultar, de que era exemplo, como se demonstrou, a obra do seu amigo John Dos Passos¹⁹.

Em suma, as extravagâncias dos anos 1920 foram também as extravagâncias de Fitzgerald, assim como a tragédia do seu tempo foi também a sua. Na década seguinte, a moda era já considerar Fitzgerald *passé*. Fosse como fosse, «[n]o one had written so gorgeously than he [Fitzgerald] of America's last fling at adolescence.» (Turnbull 1970:231).

¹⁷ O próprio afirma «my political conscience had scarcely existed for ten years save as an element of irony in my stuff.» (Fitzgerald 1964:79).

¹⁸ «Emotional Bankruptcy» é o título de um conto de Fitzgerald publicado em 1931 na revista *The Saturday Evening Post*.

¹⁹ «His [Fitzgerald's] role as the main spokesman for his generation had been taken over by John Dos Passos.» (Bradbury 1971:131).

1.3. A CONTÍSTICA DE FITZGERALD: TEMÁTICAS E ESTILÍSTICA

Género literário relativamente recente, o conto²⁰ deve muito aos escritores norte-americanos, que, ao longo do século XIX, cimentaram as bases para a criação do novo género. Combinando as dimensões didática e alegórica das narrativas breves tradicionais com uma escrita de carácter realista, que tinha ido beber aos textos ingleses do século XVIII, os autores norte-americanos fazem do conto, já no século XX, «o resultado do cruzamento de ambas as heranças» (Flora 2003:60).

Um autor norte-americano particularmente influente na teorização do conto moderno foi Edgar Allan Poe, ao realçar, para a construção de uma narrativa curta, não só a importância da brevidade, mas também, entre outros aspetos, do envolvimento do leitor, do estilo e da busca de um efeito único (cf. *ibid.*:48), elementos estes que, poder-se-á dizer, foram também privilegiados na contística fitzgeraldiana.

Prolífico escritor de contos, F. Scott Fitzgerald publicou mais de cento e cinquenta ao longo da sua vida, normalmente nas revistas populares da época, como *The Saturday Evening Post*, *The Smart Set* e *Esquire*. Uma boa parte dessa contística foi reunida e publicada nos seguintes volumes: *Flappers and Philosophers* (1920), *Tales of the Jazz Age* (1922), *All the Sad Young Men* (1926) e *Taps at Reveille* (1935). A título póstumo foram publicados outros volumes de contos. Importa aqui referir que, nas décadas de 1920 e 1930, praticamente não havia mercado para volumes de contística, pelo que a Scribner's tentava fazer coincidir, tanto quanto possível, e por motivos comerciais, a publicação dos livros de contos com a publicação dos romances de Fitzgerald.

De facto, a tendência para comparar o conto com o romance tem sido redutora para o primeiro género, fazendo dele um «“parente pobre” a quem ocasionalmente se concede um lugar no banquete dos ricos» (*ibid.*:14). Por outro lado, além de essa tendência estar, ao que parece, a ser contrariada, o conto será porventura um dos géneros literários mais lidos, justamente por força da sua (primeira e) mais frequente forma de publicação, isto é, a publicação em revistas. Os leitores respondiam favoravelmente a estas narrativas, o que, no caso da contística fitzgeraldiana, poderá ser encarado como uma retribuição por verem espelhados, e reiterados, naquelas histórias os valores da sua classe média.

²⁰ Alguns académicos dão preferência à utilização do inglês *short story*, em lugar do português *conto*, por, entre outros motivos, esta designação se afigurar demasiado vaga e abrangente, não respeitando a especificidade do género literário. Como explica Alexandra Assis Rosa: «[“conto”] covers the English “tale” and may also be used for oral, folk tales, and children’s stories. Academics, therefore, tend to use the English “short story”, thus acknowledging the North-American influence and excellence in this literary form and its poetics» (2015:216). Porém, devido à sua natureza, o presente trabalho não se debruçará sobre estas questões terminológicas, nem sobre questões de definição de género literário. Utilizar-se-á, portanto, como se tem feito até aqui, a designação “conto”, considerando-o um género literário. “Conto” é, aliás, a designação utilizada nos volumes de contística fitzgeraldiana traduzida para língua portuguesa.

Não obstante, em virtude da sua natureza “comercial”, e tendo, muitas vezes, por único objetivo a obtenção fácil e rápida de remuneração, muitos contos eram desvalorizados pelo próprio Fitzgerald. Numa carta a Edmund Wilson, o autor referiu-se aos mesmos nestes termos: «Have sold three or four cheap stories to American magazines.» (1964:254). Numa outra carta, desta feita a John Peale Bishop, admite: «I’ve done about 10 pieces of horrible junk in the last year tho that I can never republish or bear to look at – cheap and without the spontaneity of my first work.» (*ibid.*:268).

O fracasso económico da sua peça de teatro, *The Vegetable*, em 1923, bem como de *The Great Gatsby*, em 1925, obrigou-o a continuar a produzir contos, a fim de colmatar as suas dificuldades financeiras. Esses contos eram escritos em poucos dias e envolviam pouca ponderação, de modo que o próprio Fitzgerald lamentava a sua mediocridade: «I now get 2000 a story and they grow worse and worse and my ambition is to get where I need write no more but only novels.» (Fitzgerald 1964:267).

De facto, durante o seu tempo de vida, e ao contrário do que o autor ambicionava e do que acontece atualmente, a contística trouxe-lhe mais sucesso do que os romances, malgrado o êxito dos dois primeiros. Mas os contos de Fitzgerald não constituíam apenas fonte de remuneração e de reputação popular, funcionando também como oficina para os temas e as técnicas que pretendia desenvolver nos romances. Enquanto terreno para experiências, a contística complementa a restante prosa fitzgeraldiana, havendo entre estas uma importante relação de interdependência.

Além disso, e embora nos seus contos Fitzgerald tendesse a escrever aquilo que o público queria ler, o autor conseguia quase sempre, por meio de observações que denotam o seu espírito satírico e alegórico, imprimir uma moralidade mais ou menos implícita à sua prosa, conjugando assim as funções moralizante e lúdica tradicionalmente associadas ao conto. A contística merece, portanto, um lugar na obra ficcional fitzgeraldiana, enquanto representante de temas, de um estilo e de uma voz muito particulares.

1.3.1. TEMÁTICAS

A América e a decadência do sonho americano constituem «o grande tema unificador da escrita» de Fitzgerald (Ribeiro 1992:69). À crítica moral da natureza humana aliam-se temas como exclusão, excesso e idealismo, de cuja necessidade o autor estava tão ciente quanto da sua impossibilidade. Convém, contudo, lembrar que Fitzgerald não era propriamente um pensador. Era antes «um moralista por intuição», nas palavras de Andrews Wanning (1963:59). A sua moralidade traduzia-se apenas numa ligeira atitude de revolta, mais interiorizada do que materializada, propondo-se o autor analisar questões políticas e sociais por meio de questões pessoais. O comportamento das suas personagens é quase sempre medido por padrões implícitos de responsabilidade, honra e coragem estabelecidos pelo próprio Fitzgerald: ainda que o seu pensamento abstrato tivesse as suas limitações, a sua compreensão da natureza humana, escondida nas entrelinhas da sua obra ficcional, revela uma enorme perspicácia.

Escrevendo quase sempre, de uma forma ou de outra, sobre o seu universo, a ficção fitzgeraldiana tem por base inúmeros acontecimentos verídicos, apropriando-se até da formulação de terceiros. Budd Schulberg, com quem Fitzgerald trabalhara em Hollywood, afirma o seguinte, referindo-se ao romance *The Last Tycoon*: «[m]any years have passed but whenever I open this book I still get the same queasy feeling. For those were practically my words» (1972:134). Por sua vez, Zelda chega mesmo a acusar o marido de plágio: «Mr. Fitzgerald (...) seems to believe that plagiarism begins at home.» (Turnbull 1970:184). Zelda inspiraria ainda a figura da *flapper*, a *belle dame sans merci* (que começa sempre como debutante), uma das principais personagens da ficção fitzgeraldiana. Representante do narcisismo e da demanda pela juventude e beleza eternas, a *flapper* é uma sedutora que arrasta as suas conquistas para um mundo materialista, acabando por destruí-las. Assim surge o *homme manqué*, criado, como a *flapper* à imagem de Zelda, à imagem do próprio Fitzgerald.

Embora reconhecesse e fosse favorável às novas liberdades alcançadas pelas mulheres na década de 1920, o autor opunha-se às flexibilidades a que se dava a moral da época. Havia, em Fitzgerald, uma certa aversão à promiscuidade, talvez associada ao seu catolicismo, que acabaria por abjurar. Esta aversão revela-se, por exemplo, no facto de, na ficção fitzgeraldiana, o sexo raramente ser demonstrado, mas sobretudo sugerido, até porque as relações entre homens e mulheres teriam idealmente uma base espiritual²¹. Ainda assim, o próprio Fitzgerald promoveu, em certa medida, esta revolução de

²¹ «Romanticist as he was, he based relations between men and women primarily on spiritual qualities.», argumenta John Kuehl (1965:142).

costumes, fazendo das personagens femininas dos seus contos, quais *Zeldas*, mulheres independentes e determinadas que se comportavam como homens:

quickly the unconventional attitudes and values described in Fitzgerald's early stories were reflected in the magazine advertisements as well as in the pictures illustrating his fiction. Parents might protest angrily against heroines like Bernice, but their daughters promptly imitated her (Piper 1965:74).

Fitzgerald, promotor de modas, portanto, fez da sua vivência o seu tema e dos seus conhecidos as suas personagens, quase sempre vítimas de uma sociedade que as criara como espécimes de beleza e juventude. Talvez fosse esse o protesto social do autor, que parecia querer demonstrar, através das suas personagens, que ser incorruptível é permitir-se ser destruído pelas forças corruptas da sociedade.

Na contística fitzgeraldiana, as personagens, cujo número é, por norma, reduzido (como aliás acontece no género literário em questão), são frequentemente incapazes, apresentando-se perdidas, sem rumo, e emocionalmente insatisfeitas. Primam pelo egoísmo, pela extravagância, pela obsessão, acabando, muitas delas, assoladas pelo arrependimento. As personagens femininas em particular são, como se viu, atraentes, determinadas e inteligentes, mas revelam-se incapazes de partilhar os sonhos e desejos das personagens masculinas. Já estas carecem de estrutura, ou dureza, para alcançarem o seu sonho, e a sua inocência, quando não funciona como um convite à corrupção, acaba por dar lugar ao cinismo, como sucede, aliás, no conto “O Russet Witch!”.

Por detrás da sua, por vezes apenas aparente, glorificação da América e das oportunidades por ela proporcionadas, Fitzgerald esconde uma crítica à irresponsabilidade narcísica dos seus contemporâneos (e porventura à sua), também eles, muitas vezes, destruídos pelo sonho. O Novo Mundo reveste-se assim de uma modernidade cruel, que culmina com o *Crash* da bolsa. A crise financeira acaba por produzir um efeito semelhante ao da I Guerra Mundial, pelo menos, para Fitzgerald, no sentido em que serve de alerta para aquilo a Bradbury (1971:140) denomina precariedade da existência, vulnerabilidade do indivíduo e natureza caótica da realidade. Estes acontecimentos constituem, para Fitzgerald, como que uma metáfora do apocalipse, explorada, de forma mais ou menos subtil, na sua obra enquanto ficção pós-guerra. Destaca-se assim, na prosa fitzgeraldiana, uma preocupação com o tempo, ou a passagem do tempo, a mudança de valores ou a ausência dos mesmos, temas particularmente explorados no conto “The Curious Case of Benjamin Button”.

Enquanto observador perspicaz da sua época, Fitzgerald vai tomando consciência do absurdo da vida²², uma ideia que se opõe em grande medida à de sonho americano, daí que

²² «I was pretty sure living wasn't the reckless, careless business these people thought – this generation just younger than me.» (Fitzgerald 1964:87). Ainda de referir: «He [Fitzgerald] was the first of his generation to know that life was *absurd*» (Morris 1963:26).

tenha escrito sobre a sua contemporaneidade quase sempre em tom trágico. Fruto dessa consciência, bem como da frivolidade e insensibilidade da sociedade americana, frequentemente consubstanciada na evocação de personalidades e episódios da cultura e da história dos EUA, a contística do autor apresenta-se quase sempre em tom irónico e/ou cómico, como adiante se verá. Ainda em virtude dessa consciência, decorrente também da própria experiência pessoal do autor, o fracasso constitui o tema que subjaz a todos os outros temas da prosa fitzgeraldiana: as suas personagens têm a visão toldada pela ideia romântica do sonho americano, vivendo entre a realidade e a ilusão, o brilho do passado e a promessa do futuro. O que normalmente sucede é que o sonho é traído pelo presente, uma vez que nem esse passado fulgoroso existiu, nem esse futuro idealizado se concretiza. Dá-se como que uma morte espiritual do sonho.

Fitzgerald, enquanto homem e escritor, é, como já se referiu, simultaneamente atraído e repellido por essa América, numa luta entre a riqueza e a pobreza, a pureza e a corrupção, a juventude e o envelhecimento, o romântico e o materialista. Assim surge a personagem do romântico corrompido, de que Jay Gatsby é exemplo-mor. *The Great Gatsby* é, concomitantemente, uma crítica severa ao sonho americano, personificada nos destinos de Jay Gatsby e Nick Carraway, e uma homenagem ao mesmo, na medida em que alimenta a ideia de que é o dinheiro que possibilita a realização do sonho, enquanto a desigualdade social apenas serve para realçar o *glamour* da classe alta.

O interesse de Fitzgerald pelas circunstâncias que levam à formação do indivíduo no seio de uma tal sociedade é também visível na personagem de Samuel Meredith, protagonista do conto “The Four Fists”, incluído na coletânea *Flappers and Philosophers* (1920). Meredith é um jovem da alta sociedade que, à força de quatro murros que lhe são administrados em diferentes momentos e em diferentes circunstâncias, tendo eles sido provocados pelo seu snobismo e egoísmo, vai retirando lições importantes sobre si mesmo e moldando o seu carácter em conformidade, até se tornar um homem sem «qualidades esmurráveis» (Fitzgerald 2008:78). Não fosse Fitzgerald um moralista, verifica-se que a sua ficção está repleta desta qualidade de *bildungsroman*, em que as personagens, normalmente as masculinas, se vão modificando até atingirem a maturidade. A questão é que, em Fitzgerald, essa maturidade tanto lhes pode servir para se integrarem na sociedade, como para com ela se desiludirem.

Mas, já na viragem para a década de 1930, com tudo o que esta implicou a nível social, comportamental e económico, Fitzgerald foi perdendo o entusiasmo por questões que já não considerava essenciais, não se conseguindo desapegar suficientemente das suas preocupações para escrever «bons contos», isto é, histórias comerciais que agradassem ao seu público (cf. Turnbull 1970: 304). A sua obra passou então a ser permeada por uma honestidade e por um desencanto especialmente evidentes nos ensaios que constituem *The Crack-Up*. Esta nova fase da sua obra, já mais madura, complexa e profunda, por força das

dificuldades que foi encontrando, traria, de forma mais óbvia, um sentimento de nostalgia, de algo que se perdera. Tal como acontece na sua ficção, mais do que um reflexo da passagem do tempo, a perda da juventude constitui um reflexo de uma sociedade corrupta, um reflexo da força que a máquina exerce sobre os indivíduos.

Assim, sob a alçada do sonho americano, da sua glorificação, do desmascarar da sua natureza corrupta e do seu declínio, Fitzgerald fez da sua viagem pessoal, da sua experiência subjetiva, o seu principal tema. Nessa medida, os seus temas são também eles polarizados: o autor incorpora nas suas personagens os seus ideias – de beleza, juventude, potencial, estatuto social – fazendo-os contrastar com a fealdade, o envelhecimento, o potencial desperdiçado e a pobreza. Há sempre uma tensão entre duas ideias opostas, personificadas nas suas personagens, sendo que uma acaba sempre por suplantar a outra.

1.3.2. ESTILÍSTICA

À luz do exposto, e recorrendo às palavras de Edmund Wilson, Fitzgerald:

has been given imagination without intellectual control of it; he has been given the desire for beauty without an aesthetic ideal; and he has been given a gift for expression without very many ideas to express (1963:80).

Este «dom para a expressão» traduzia-se numa escrita em que se destacava o charme e a elegância. Para tal terá contribuído o seu genuíno interesse pela poesia, que terá sido a sua vocação²³. É, de facto, incontestável a forte preocupação de Fitzgerald com o estilo, uma característica, aliás, da sua geração de escritores, que dava primazia à forma sobre o sentido/a mensagem: «They sought, above all, style, the literary and emotional economy appropriate to a new age» (Bradbury 1971:14).

O estilo de Fitzgerald é pois a característica diferenciadora da sua escrita, ainda que, na verdade, tenha ficado mais conhecido pelos temas que tratava do que por inovações técnicas ao nível da escrita. Ao contrário dos restantes modernistas, Fitzgerald não era propriamente um experimentalista – ou, pelo menos, não ficaria conhecido como tal, mesmo que se servisse dos seus contos para explorar técnicas –, além de que raras vezes recorria ao *stream of consciousness* e de que não se poderá dizer que fosse “económico”, como o era, por exemplo, Hemingway, com as suas frases breves. Como adiante se verá, a escrita fitzgeraldiana, seguindo uma vertente mais tradicional, caracteriza-se antes por frases longas, bem como por comparações e descrições elaboradas, o que facilita a construção de imagens por parte do leitor. De referir, porém, que as suas descrições raramente ilustram locais geográficos, pois os elementos mais comumente descritos por Fitzgerald são as suas personagens. O uso dramático de verbos e a combinação invulgar de adjetivos e nomes, procurando também efeito um dramático que serve ainda para evocar os temas em questão, constituem outras características da escrita fitzgeraldiana.

O autor recorre com frequência a um método de saturação, combinando diferentes estilos, formas e até correntes literárias, do romantismo à fantasia – de que “The Curious Case of Benjamin Button” é exemplo – passando pelo realismo, este que ora revela grande rigor na caracterização das personagens, dos lugares e da sociedade, quase que com um toque de jornalismo, ora pende para o insólito, quase se diria para um realismo mágico *avant la lettre* – um estilo que Fitzgerald designou por «second manner».

²³ No ensaio “Quem é Quem – e Porquê”, Fitzgerald escreve: «No ano lectivo seguinte, 1916-1917, dei comigo a frequentar de novo a universidade mas convencido de que a poesia, e só ela, me interessava» (2005:18), enquanto o biógrafo Andrew Turnbull defende: «He was a natural poet» (1970:318).

Assim, na década de 1920, quando o naturalismo era ainda a convenção na escrita nos EUA (de que são exemplos as obras de Thodore Dreiser e Edith Wharton), o ritmo, a cor e a vivacidade imprimidos aos textos de Fitzgerald pelo seu constante recurso à adjetivação e adverbialização eram uma lufada de ar fresco na ficção norte-americana, acabando o naturalismo desafiado pelo simbolismo modernista, na busca de novos significados.

Além disso, Fitzgerald recorre com frequência ao seu olhar satírico e alegórico, bem como a metáforas, expressão do simbolismo e, portanto, meio de transmissão de mensagens importantes, bem como de crítica social, sendo as suas descrições avivadas por uma espirituosidade que lhe era característica. A esta busca pela sofisticação da escrita²⁴ alia-se simultaneamente uma certa simplicidade vocabular e sintática, malgrado o frequente uso de galicismos e frases longas, o que torna os seus textos acessíveis a um público vasto.

Um outro aspeto que facilita a leitura da ficção fitzgeraldiana é o facto de o autor raras vezes utilizar gírias, embora, com frequência, mimetize sotaques, especialmente nos contos. Mesmo escritos para revistas, estes revelam, de um modo geral, rigor na seleção das palavras, uma forma ponderada e uma certa unidade²⁵, até porque a própria extensão do conto impõe arbitrariamente uma certa unidade, mesmo que superficial (cf. Miller 1964:50). Alguns dos seus contos apresentam ações independentes que se fundem de modo aparentemente aleatório, mas que, regra geral, estão associadas a um tema principal. Caso disso é, uma vez mais, o conto “May Day”, em que os caminhos de diversas personagens se cruzam num único dia, o primeiro de maio, marcado por manifestações antissocialistas.

Os contos de Fitzgerald, pelo menos os iniciais, pareciam então servir para explorar diferentes técnicas de redação, procurando o autor uma técnica apropriada para cada variação específica dos seus temas, que se encontravam já bem delimitados. Nas palavras de James Edwin Miller, como aliás se viu anteriormente:

In some of his short fiction, he was using experimental techniques, and these experiments, besides having interest in their own right, were to prove valuable to him in his longer works (1964:59).

Bastante característico da prosa fitzgeraldiana é também o narrador na terceira pessoa, onisciente, que define e reforça uma posição moral normalmente coincidente com a do autor, mas que, sendo opinativo, é também de fidedignidade relativa. É este o narrador da grande maioria dos seus contos e dos seus primeiros romances²⁶, imprimindo

²⁴ «[H]is writing pours exuberantly out of him», sugere Rosenfeld (1964:317).

²⁵ Edmund Wilson, porém, discorda, como se poderá constatar num ensaio escrito em 1922, no início da carreira literária de Fitzgerald: «his stories have a way of petering out: he seems never to have planned them completely or to have thought out his themes from the beginning.» (1963:84).

²⁶ Porém, com *Gatsby*, Fitzgerald, que, com o seu terceiro romance, queria produzir algo novo e, necessariamente, diferente, revela-se capaz de introduzir uma inovação a esse nível, quase se

à sua ficção um sentimentalismo e um cinismo típicos. Simultaneamente, ao manipular o ponto de vista, este tipo de narrador serve também para atrair o leitor, criando com ele uma certa empatia, uma vez que se afigura como uma voz íntima e espirituosa.

Em suma, a ficção de Fitzgerald, em particular a contística, parece refletir com especial precisão as características que, no final do século XIX, impulsionaram a valorização artística desse género incontornável que compõe a obra fitzgeraldiana:

através de técnicas literárias até aí mais comumente utilizadas pela poesia lírica – a prosa passa a utilizar mais intencionalmente o ritmo, a recorrer com maior frequência a figuras de estilo (em particular à metáfora), à imagética, ao simbolismo. A preocupação com a forma torna-se uma constante e multiplicam-se os exemplos de exploração de pontos de vista e técnicas de focalização, de jogo com os tempos, de aprofundamento da interioridade psicológica, de recusa ou desvalorização da intriga, de sugestão e elisão (Flora 2003:59-60).

eliminando enquanto autor e colocando o leitor em contacto direto com a ação. Quase, porque, na verdade, acaba por dividir-se entre o narrador, Nick Carraway, e o herói, Jay Gatsby. De qualquer forma, Fitzgerald confere assim dimensão à obra, uma vez que Nick, ainda que pouco participando na ação, é profundamente afetado por ela.

1.3.3. *TALES OF THE JAZZ AGE*: TEMÁTICAS E ESTILÍSTICA NOS CONTOS EM ANÁLISE

Após anunciar o fim da *flapper*, elencando, sob o título *My Last Flappers*, a lista dos (aparentemente últimos) contos em que as mesmas surgem, a tabela de conteúdos que Fitzgerald elaborou para a sua coletânea de contos *Tales of the Jazz Age* revela uma lista de «fantasias», em que se inserem “The Curious Case of Benjamin Button” e “O Russet Witch!”. Estes dois contos foram escritos naquilo a que Fitzgerald chamou «my second manner» (2002:6), ou seja, num estilo que mescla realismo e fantasia.

Esta segunda compilação de contos afigura-se bastante heterogénea, revelando a versatilidade da contística fitzgeraldiana, ou não incluisse o aclamado “May Day”, bem como um conto, “Tarquin of Cheapside”, que o autor admite ter escrito com o único propósito de comprar um relógio de seiscentos dólares (*ibid.*:7).

Os contos incluídos em *Tales of the Jazz Age* são, assim, representativos das temáticas que dominaram a obra do autor, desde logo o fascínio pela fortuna mesclado com a consciência de um mundo que ultrapassa a materialidade, o que resulta, não raras vezes, num tom irónico. Também as personagens que povoam estes contos são caracteristicamente fitzgeraldianas, procurando afirmar o seu lugar num mundo que lhes responde com indiferença e, em alguns casos, entre a histeria do pós-guerra.

Nesta coletânea, ressalta, então, a capacidade do autor de produzir uma contística multifacetada, bem como o seu perspicaz olhar em relação à sua sociedade e à sua época. Daí que termine a sua «impossível» tabela de conteúdos com a seguinte dedicatória: «I tender these tales of the Jazz Age into the hands of those who read as they run and run as they read» (*ibid.*:9).

A) THE CURIOUS CASE OF BENJAMIN BUTTON

Na referida tabela, Fitzgerald explica que a inspiração para este conto adveio de um comentário de Mark Twain, no sentido de que a melhor parte da vida tem lugar no seu início e a pior no fim (2002:7). Com esta ideia em mente, Fitzgerald criou uma personagem incomum, mas que serve os seus propósitos de crítica social (mais ou menos velada). Num cenário que combina o realismo com o fantástico – há uma aceitação de um fenómeno estranho no contexto de um mundo reconhecido como normal, isto é, realista –, o processo de crescimento às avessas de Benjamin Button quase parece plausível. Isto porque as personagens que o rodeiam encaram o seu caso não como um mistério ou uma violação das leis da ciência, mas antes como um problema social que lhes causa embaraço. Esta ausência de compaixão para com o protagonista pode pois querer ilustrar a insensibilidade e frivolidade da sociedade americana.

Seguindo o padrão fitzgeraldiano das relações familiares, em que se dá, no seio da família, a rejeição ou o distanciamento de algum dos seus elementos, Benjamin é, em determinados pontos da história, visto como um fardo para todos os envolvidos, desde o pai, à esposa e ao filho. De referir, contudo, a ausência da mãe neste conto. A personagem feminina que sobressai é, então, a de Hildegarde Moncrief, futura esposa de Benjamin. Como habitual na ficção fitzgeraldiana, há uma idealização da mulher na figura de Hildegarde, por quem, previsivelmente, o marido vai perdendo o interesse à medida que esta vai envelhecendo (e ele rejuvenescendo). O desinteresse que Benjamin acaba por nutrir pela esposa é tal que a guerra surge como algo entusiasmante, como uma fuga à monotonia do quotidiano, e eventualmente Hildegarde desaparece do conto.

No que toca a características estilísticas, sobressai a escrita humorística, com um toque de ironia e amplo recurso à hipérbole, bem como a profusa adjetivação e a utilização de verbos com efeito dramático, técnicas aliás imprescindíveis para ilustrar o cenário insólito que se pretende criar. De referir ainda a habitual utilização de símiles por Fitzgerald. A título de exemplo: «beautiful as sin» (p. 89) e «her feet were glittering buttons at the hem of her bustled dress» (p. 89).

Finalmente, uma breve menção ao narrador do conto, que surge inicialmente na primeira pessoa, dirigindo-se de modo direto ao leitor e criando com ele uma certa proximidade desde o início: «I shall tell you what occurred and let you judge for yourself» (p. 79). É interessante ainda notar que, mais adiante, o narrador utiliza já a primeira pessoa do plural – «And here we come to an unpleasant subject» (p. 92) –, trazendo o leitor para o texto e envolvendo-o de modo mais profundo no curioso mundo de Benjamin Button²⁷.

²⁷ Esta proximidade foi, evidentemente, mantida na tradução: «Dir-vos-ei como tudo se passou e deixo que façam os vossos juízos» (p. 100); «E então chegamos a um assunto desagradável» (p. 114).

B) O RUSSET WITCH!

O *self-made man* é o protagonista deste conto, escrito após Fitzgerald ter terminado a primeira versão do seu segundo romance, *The Beautiful and Damned* (1922). Ascendendo na carreira de forma honesta, Merlin Grainger personifica o sonho americano. É cumpridor e sério, sendo recompensado por isso. Mas, claro está, Fitzgerald não permitiria que a sua personagem escapasse incólume. A conclusão é a de que Merlin, ao cumprir zelosamente todas as regras, desperdiçou o seu tempo na terra. Não foi pois o sonho que falhou ao homem, mas o homem que falhou ao sonho.

Ao carecer da força emocional e espiritual necessária para se afirmar perante determinadas situações e determinadas personagens, nomeadamente Caroline, que aqui encarna a mulher idealizada, Merlin Grainger é bastante representativo da personagem masculina fitzgeraldiana anteriormente descrita, ainda que Fitzgerald advirta para que nenhuma das personagens deste conto tenha de ser levada a sério (2002:7). Quanto a Caroline, é curioso notar que a perda da juventude não é, neste caso, sinónimo de perda de fascínio. Apenas Merlin se vai revelando mais desinteressante com a passagem do tempo, sendo, à semelhança de Benjamin Button, rejeitado pela família.

A manutenção do fascínio da mulher até ao final do conto serve, no entanto, um outro propósito: o da revelação ou epifania. Com vista a surpreender o leitor e, neste caso, a realçar a função moralizante do conto, a epifania evidencia ainda a dimensão metafórica e poética do mesmo, «tendo sido uma das técnicas mais utilizadas pelos modernistas», especialmente «para reduzir ou anular o papel da intriga» (Flora 2003:79). A atmosfera deste conto pende, então, para o romântico, para uma hiperbolização da realidade, como que projetando o desejo de transcendência da personagem de Merlin. A revelação implica, portanto, o fim dessa projeção e o confronto com a realidade.

Neste conto, Fitzgerald utiliza os mesmos recursos estilísticos mencionados na análise do conto anterior, destacando-se novamente alguns dos símiles: «Her skirt was pleated like a concertina» (p. 124), «He saw Miss McCracken and Miss Masters as two patches of hair drooping over piles of paper» (p. 124) ou ainda «had let his exterior take on the semblance of a deserted garden» (p. 128).

Quanto ao narrador, este dirige-se, novamente, de modo direto ao leitor: «Merlin Grainger was employed by the Moonlight Quill Bookshop, which you may have visited»²⁸ (p. 122). Já no início do Capítulo IV (pp. 138 e 164), destaca-se uma espécie de monólogo interior, não muito comum na contística fitzgeraldiana, e que parece expressar o discurso mental do narrador, e não do protagonista, preparando o leitor para o novo capítulo. Neste caso, o autor recorre de novo à segunda pessoa do plural, abarcando assim o leitor,

²⁸ Na tradução, optou-se por explicitar o interlocutor, mantendo o tom de proximidade: «Merlin Grainger trabalhava na livraria Moonlight Quill, que o leitor poderá até já ter visitado» (p. 146).

que poderá rever-se naquela reflexão sobre a passagem do tempo. Ademais, Fitzgerald recorre ao tempo presente, como é, aliás, habitual no monólogo interior, caracterizado ainda, nas palavras de Luísa Maria Flora (2003:79), «pela profusão imagética, pelo seu ritmo sincopado e pela dimensão elíptica».

Ainda a este propósito, considerando a ténue fronteira que separa o narrador do autor, será interessante referir a observação de Fitzgerald na tabela de conteúdos que introduz os contos: «I had best say that however the years may have dealt with Merlin Grainger, I myself was thinking always in the present.» (2002:8).

1.4. PORQUÊ AINDA TRADUZIR FITZGERALD?

Todas as traduções se revelam, mais cedo ou mais tarde, imperfeitas, acabando por ser consideradas provisórias. Ou assim alega Susan Sontag no ensaio “The World as India”. Incontornável é que as grandes obras da literatura são frequentemente retraduzidas. Parece impender sobre as traduções um “prazo de validade”. Ou porque se coloca em causa a sua qualidade ou porque a linguagem utilizada se tornou obsoleta ou simplesmente porque importa renovar o interesse dos leitores e promover a literatura.

Aliás, a escolha de traduzir uma obra é já dignificá-la, prestigiá-la. De acordo com o ensaio de Sontag, a arte da tradução literária é uma reivindicação do valor da própria literatura, uma duplicação do seu papel, sendo que, para fazer chegar uma obra literária a um elevado número de leitores, é necessário não só traduzi-la em várias línguas, mas retraduzi-la. É pois através da tradução, testemunho importantíssimo da vida das obras, que o texto dito original «alcança o seu desenvolvimento último, mais amplo e sempre renovado.» (Benjamin 2015:94). A tradução contribui, portanto, para assegurar a sobrevivência de uma obra. É inegável a relevância cultural e até o papel social da tradução no seio da sua “comunidade”: trata-se de um espelho que não só reflete, mas gera uma nova luz, como sugere Steiner (1998). Assim, por muitas vezes que uma obra tenha já sido traduzida numa determinada língua de chegada, haverá sempre algum elemento de novidade. Trata-se, afinal, de um novo texto, que poderá até expandir ou modificar os modelos de tradução existentes na cultura de chegada.

The Great Gatsby, por exemplo, é hoje considerado um clássico da literatura norte-americana e mundial, de modo que existem variadíssimas traduções em língua portuguesa. Aliás, não só de *Gatsby*, mas de todos os romances de Fitzgerald (incluindo o inacabado *The Last Tycoon*) e de alguns ensaios. Mas qual a relevância da obra completa de Fitzgerald, cujos contos sobrevivem hoje como poucos de autores da sua geração, mais de setenta anos passados sobre a sua morte? Porquê traduzi-la ainda? Ou porquê continuar a retraduzi-la?

O mais antigo registo de um conto de Fitzgerald publicado em Portugal data de 1963, de acordo com a base de dados do projeto “Intercultural Literature in Portugal (1930-2000): A Critical Bibliography”²⁹. O conto, “A Dança”, insere-se numa antologia policial publicada pela Editorial Ibis intitulada *40 “best-sellers” do conto policial*. Outros dois contos, “O Mistério da Hipoteca Raymond” e “Uma Pequena Viagem a Casa”, surgem em outras duas antologias do género em 1967 e 1972, respetivamente. Tanto quanto se

²⁹ Projeto de investigação do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, da Universidade Católica Portuguesa (CECC) e do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL/ULICES-UI) que teve início em 2008 e que pretende constituir «uma bibliografia crítica da literatura traduzida para português a partir de qualquer língua estrangeira, e publicada em forma de livro, em Portugal, entre 1930 e 2000». Disponível em <http://www.translatedliteratureportugal.org>.

conseguiu apurar, no período abarcado pelo projeto, não se encontram contos de Fitzgerald noutras antologias³⁰ traduzidas em língua portuguesa que reúnam textos de vários autores³¹, o que poderá ser manifestação de uma certa desvalorização do autor e/ou da sua contística em particular.

Ainda assim, são alguns os volumes de contos de Fitzgerald editados em Portugal, sendo que nenhum coincide com os volumes publicados em vida pelo autor. De acordo com a Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE), o primeiro volume de contos de Fitzgerald publicado em território nacional data da mesma época, de 1965. Intitula-se *Sonhos de Inverno: antologia de contos*, com tradução de H. Silva Letra e edição da Portugália. A mesma antologia foi republicada em 1986 e 2011 pela Relógio d'Água, sob o título *Sonhos de inverno e outros contos*. Esta última edição, de 2011, constitui, até à data de redação do presente relatório, e segundo os dados da PORBASE, a mais recente publicação de um volume de contos de Fitzgerald em Portugal.

Não será então tempo de dar novo fôlego à sua obra, que em muito ultrapassa o romance, seja retraduzindo-a, seja, o que é talvez mais importante, trazendo a público traduções inéditas dos seus contos e ensaios?

De facto, ao escrever nos anos 1920, e sobre eles, Fitzgerald construiu uma herança muito relevante, impregnada de uma nostalgia que se vai adensando com a passagem do tempo e que parece atrair e unir os leitores. Em 1941, poucos meses após a morte do autor, Glenway Wescott afirmava:

for other reasons – obscurity of sentiment, facetiousness – a large part of his work may not endure, as readable reading matter for art's sake. It will be precious as documentary evidence, instructive exemple (1964:326).

Embora a afirmação de Wescott não esteja totalmente desfasada da realidade atual, uma vez que boa parte da obra fitzgeraldiana não parece ter passado a barreira do tempo, talvez se afigure um pouco redutor classificá-la como mera documentação de uma época. Enquanto tal, é de facto inquestionável o seu valor, até porque Fitzgerald se envolveu na «história como consciência da década» (Bradbury 1971:14). No entanto, a distância temporal desse momento histórico parece contribuir para a valorização dos seus escritos:

Mahjongg, crossword puzzles, Freud, bathtub gin, Warren G. Harding, and Fitzgerald are inextricably one; the time amounts to a consistent betrayal of the man. Yet the distance that separates his time from ours enables us to rediscover him in a fresh focus and to see in the important things he wrote that other dimension, always there, but obscured until now by the glitter of his surfaces (Aldridge 1963:40).

³⁰ Sendo que «anthologies are a privileged site for intercultural exchanges» (Assis Rosa 2013:3).

³¹ Nem mesmo nas edições da antologia *Os Melhores Contos Americanos*, publicadas entre 1943 e 1966.

Ademais, talvez seja prudente colocar a hipótese de que a obra de Fitzgerald, em particular os seus romances, suscita interesse ainda hoje, continuando a ser traduzida, não só por retratar uma época – a ascensão e queda do idealismo americano –, mas também por ter por base temas “universais”, que dizem respeito à natureza humana. O narcisismo, o fracasso, o poder, a depressão (económica e pessoal), a busca pela beleza e juventude e a eventual consciência da inutilidade dessa demanda são antíteses que acabam por se fundir na ficção fitzgeraldiana e com as quais a maioria dos indivíduos se poderá identificar. Além disso, não raras vezes, são enigmáticas as motivações das personagens, que, deixando-se guiar por fantasias, expectativas e ilusões, acabam desiludidas e/ou arrependidas.

No século XXI, em especial nesta segunda década, época de domínio das redes sociais, de crise social, económica e de valores, época em que impera o narcisismo, questões desta natureza dificilmente seriam mais relevantes. Mas, porque aparentemente frívolos, dir-se-ia que estes temas – a busca pela juventude, riqueza e sucesso, os interesses românticos de jovens – combinam melhor com uma ficção popular do que com uma literatura duradoura. No entanto, refletem os interesses da sociedade e a cultura norte-americanas da época – e possivelmente da atual –, auxiliando assim a construção de uma identidade. A seguinte afirmação de Piper, ainda que datada de 1965, mantém-se relevante hoje:

The great resurgence of interest in Fitzgerald's work is undoubtedly due in part to the fact that the urban values and problems which he describes are more representative of society today than when his work first appeared (Piper 1965:292).

Assim sendo, importa, de facto, continuar a traduzir Fitzgerald. Não apenas os seus romances, mas também os seus contos, que tendem a ser esquecidos, não obstante constituírem uma componente de inegável relevância para o estudo e a preservação da obra do autor, até porque serviam de “oficina” para a restante prosa. O presente relatório procura, assim, contribuir para esse estudo e essa preservação, sendo que alguns dos desafios apresentados pela tradução dos contos em análise se prenderam, além de com questões relacionadas com a própria estilística do autor, com a preocupação de manter atual a obra de Fitzgerald sem ignorar o contexto histórico e social em que foram criados.

PARTE II

2.1. RELATÓRIO DE TRADUÇÃO: NOTA INTRODUTÓRIA

Sendo a literatura uma «instituição cultural» (Toury 2012:201), poder-se-á encarar a tradução literária¹ como uma importante forma de preencher lacunas na cultura de chegada (com algo que já existia noutra cultura), na medida em que contribui para a importação de obras e até de géneros literários. A tradução é, por conseguinte, um valioso canal – por norma, invisível – de intercâmbio cultural, um dos mais importantes canais indiretos de interferência de sistemas literários, culturais e linguísticos.

Assim defende Even-Zohar, autor da Teoria dos Polissistemas, admitindo que a literatura traduzida assume, normalmente, uma posição periférica nos polissistemas literários, sendo que, quando a sua posição é central, se esbatem as fronteiras entre a obra dita original e a própria tradução, que passa a ser vista como uma «quasi-tradução» (Even-Zohar 2009:203).

Não obstante o impacto e a função da tradução na evolução das culturas, línguas e literaturas ter sido frequentemente desconsiderado por algumas áreas de estudo, Even-Zohar vê, ainda assim, a literatura traduzida como um dos sistemas mais ativos de um polissistema literário (*ibid.*:200).

Em Portugal, tendo em conta a tradição de consumo de literatura traduzida, a tradução tem ocupado uma posição bastante significativa, se não mesmo central, no polissistema literário. Ainda que, de acordo com Alexandra Assis Rosa (2006), seja difícil obter dados sistemáticos relativamente aos hábitos de leitura dos portugueses ao longo das últimas décadas, o seu estudo sobre a tradução em Portugal sugere que a literatura traduzida ascendeu a cerca de 38% da oferta literária em Portugal entre 1985 e 1999, sendo que, deste valor, 17,14% dos títulos foram traduzidos do inglês, representando a língua mais traduzida. Em relação à procura, o estudo indica que, entre os títulos mais vendidos, a literatura traduzida corresponde a um valor que poderá variar entre os 52% e os 67% (*ibid.*:6).

Um outro estudo da mesma autora (2013), incidindo sobre a tradução de contos de língua inglesa para língua portuguesa, revela que, do *corpus* em análise, que incluía 140 volumes de contos publicados ao longo do século XX em Portugal, os volumes de contos traduzidos representavam 92% do *corpus*. Desses 140 volumes, a maioria (51) tinha como língua de partida o inglês, sendo os autores dos contos de várias nacionalidades, nomeadamente britânica (22 autores) e norte-americana² (13).

¹ Não se faz, neste trabalho, distinção entre tradução literária e tradução de textos literários, como sugere Toury (2012), considerando-se que ambas as formulações dizem respeito à tradução de textos tidos como literários na cultura de chegada.

² De referir que os volumes que compõem o *corpus* em análise não induzem qualquer conto de F. Scott Fitzgerald, possivelmente pelos motivos já sugeridos neste relatório.

Deste estudo em particular, poder-se-á concluir que a publicação dos volumes em causa visava colmatar uma lacuna no sistema literário português, resultante da escassa produção de contística em língua portuguesa, o que reflete uma posição dominante por parte do sistema literário de língua inglesa, pelo menos no que toca ao género em causa. De facto, os sistemas são, eles próprios, estratificados, o que significa que algumas das suas secções podem assumir posições centrais, enquanto outras assumem posições periféricas.

De acordo com Gideon Toury (2012), e ainda no âmbito das teorizações de Even-Zohar, a posição ocupada pela tradução no sistema social e literário da cultura de chegada auxilia o tradutor na determinação das estratégias de tradução a seguir. Assim, e à luz dos dados acima referidos, poder-se-á, discutivelmente, afirmar que o tradutor português goza de alguma liberdade nas suas escolhas, uma vez que o leitor nacional, enquanto frequente consumidor de literatura traduzida, será, em princípio, tolerante a um método de tradução que permite uma maior interferência do texto de partida no texto de chegada, ou seja, tolerante a uma tradução adequada, na terminologia de Toury. E tanto mais o será se a língua de partida for o inglês, visto que a literatura traduzida a partir de língua inglesa parece ser a privilegiada pelo leitor português. Além disso, considerando que existe alguma congruência entre os dois sistemas culturais, elevam-se as possibilidades de manter as características do texto de partida no de chegada.

Em todo o caso, e precisamente porque a tradução envolve, pelo menos, duas línguas e duas culturas, a relação entre estas deve ser regulada, a fim de evitar tensões (Toury 2012:207), o que implica, quase sempre, um certo ajuste ao sistema de chegada. A tradução obedece, assim, a uma série de restrições socioculturais, que Toury designa por normas e que Mona Baker define como opções que os tradutores tomam regularmente num determinado contexto sociocultural (2005:164).

No caso das traduções em análise no presente relatório, seguiu-se, portanto, a norma inicial de tradução adequada, na terminologia de Toury, a qual implica a sujeição ao texto de partida, resultando na referida «tradução adequada».

Naturalmente, como ressalva Toury, o comportamento do tradutor não é sistemático e as normas são instáveis por natureza (ou não se encontrassem num plano que surge entre as regras e as idiossincrasias), pelo que, ao longo das traduções em análise, várias vezes se chegou a um compromisso entre os extremos implicados pela norma inicial. Inevitavelmente, mas também muito por força da escrita fitzgeraldiana, que recorre constantemente à utilização de adjetivos e de advérbios de modo antepostos a nomes ou adjetivos participiais, afigurou-se necessário proceder, por várias vezes, a alterações em relação ao texto de partida.

A análise das escolhas de tradução que agora se segue reger-se-á essencialmente pelo modelo traçado por Vinay e Darbelnet em *Comparative Stylistics of French and English* (1995), em virtude da sua abrangência e de a sua metodologia de tradução se basear na análise

comparativa entre o inglês, língua de partida das traduções em causa, e o francês, língua com características, de um modo geral, semelhantes às do português, sendo o modelo facilmente adaptável à língua portuguesa. Como é evidente, ao longo do relatório, far-se-á menção a outros modelos e autores que se considerem relevantes, em especial à teoria analítica de Berman, sendo que, quando tal não suceder, a terminologia utilizada dirá respeito às estratégias e aos procedimentos estipulados por Vinay e Darbelnet.

Desde já, importa clarificar a distinção que Vinay e Darbelnet estabelecem entre estratégia e procedimento. O primeiro termo diz respeito à abordagem ou orientação global do tradutor em relação ao texto de partida e o segundo às técnicas ou métodos utilizados pelo tradutor face a situações particulares encontradas no texto de partida. As duas estratégias identificadas pelos autores consistem em tradução direta, que remete para a tradução literal, e em tradução oblíqua, que remete para uma tradução tida como livre.

De acordo com este modelo, e como se poderá deduzir do exposto relativamente à norma inicial de Toury, prevaleceu a estratégia de tradução direta, nomeadamente o procedimento de tradução literal, uma vez que se optou por manter no texto de chegada a maioria das idiossincrasias de F. Scott Fitzgerald: mantiveram-se, quase sempre, os estrangeirismos e arcaísmos encontrados no texto de partida, a adjetivação recorrente e as frases longas, entre outros aspetos. Não obstante, sentiu-se necessidade de alterar, uma ou outra vez, a pontuação, que, de facto, difere de língua para língua, não só para facilitar a leitura, mas também porque o leitor português, em princípio, não acolhe tão bem como o inglês frases que se apresentem muito longas, nem a utilização recorrente do ponto e vírgula, como adiante se verá.

Assim, inevitavelmente, recorreu-se com alguma frequência a uma estratégia de tradução oblíqua e a alguns dos seus procedimentos, em particular à transposição – «probably the most common structural change undertaken by translators» (Vinay e Dalbernet 1995:94) –, a fim de evitar, em especial, a repetição de advérbios de modo terminados em “-mente”, que tornariam o texto traduzido demasiado denso. Importa ainda realçar que a amplificação é um procedimento quase inevitável na tradução de ambos os contos, uma vez que a língua inglesa se caracteriza por ser mais lacónica do que a portuguesa. Antoine Berman, que usa o termo alongamento, argumenta que «[q]ualquer tradução é tendencialmente mais longa do que o original» (1997:46), o que, por norma, resulta da aplicação de procedimentos de tradução que o autor considera deformantes, como adiante se verá.

Algumas das grandes questões que se levantaram ao nível da tradução advieram do facto de os textos de partida perfazerem quase um século e do facto de o autor a traduzir escrever num estilo muito próprio, duas características do texto de partida que se pretendeu, tanto quanto possível, preservar. Assim sendo, e como é prática em tradução literária, algumas decisões de tradução foram tomadas em conjunto com o editor – e, neste

caso, também em colaboração com a orientadora de estágio –, designadamente no que se refere às formas de tratamento e ao recurso a notas de rodapé.

Por fim, a relevância do nome e da obra de Fitzgerald ao nível da literatura mundial adensa o sentido de responsabilidade (e humildade) do tradutor perante a tarefa de traduzir os seus escritos. Consequentemente, e por todos os motivos elencados nestas páginas, as traduções a seguir analisadas procuraram manter os sentidos e potencialidades conotativas do texto de partida, de forma a transmitir ao leitor português, tanto quanto possível, o mesmo clima e as mesmas sensações proporcionados ao leitor do texto de partida.

2.2. ARCAÍSMOS E HETEROLINGUISMO

Susan Bassnett advoga que a arcaização da linguagem em tradução está «fora de moda» (2003:75). Contudo, os textos aqui em apreço foram publicados em 1922, há quase 100 anos, de modo que se afigurou importante manter na tradução não só a riqueza vocabular neles patente, mas também um certo exotismo, enquanto manifestação do seu contexto temporal. Em todo o caso, teve-se em conta que a tradução se dirige a um público contemporâneo, pelo que, no âmbito dos arcaísmos, se tentou não cair em artificialismos. Tal seria, porém, difícil, considerando que os arcaísmos e estrangeirismos mantidos não serão totalmente estranhos ao leitor português e, portanto, pouco interferirão com a leitura.

De ressaltar que se optou por conjugar, neste ponto 2.2., arcaísmos e heretolinguismo, na medida em que uma boa parte dos arcaísmos o são, precisamente, porque surgem, no texto de partida, em francês, como é o caso de *chauffer*. Tivesse Fitzgerald optado por utilizar os vocábulos de língua inglesa correspondentes e turvar-se-ia o contexto temporal e social que os contos ilustram. Ao manter os vocábulos franceses no texto de chegada, mantém-se pois a linguagem arcaica (do ponto de vista do leitor contemporâneo) e o heterolinguismo³ do texto de partida, este último tanto mais importante se considerarmos que, na década de 1920, o francês era também a língua de prestígio em Portugal. Assim sendo, o leitor do texto de chegada ficará não só – e até certo ponto – em pé de igualdade com o leitor do texto de partida, mas mais próximo do próprio autor.

Assegura-se, assim, por meio de arcaísmos, empréstimos e decalques, uma certa «visibilidade» do tradutor. Além disso, poderá considerar-se que estas formas conferem sofisticação ao texto (Baker 2005:25), bem como um sabor nostálgico, bastante condizente, como se viu, com o tom da obra de Fitzgerald.

As escolhas de tradução a seguir analisadas não se devem, portanto, à inexistência de um equivalente em português, resultando antes da norma que se escolheu seguir. Com a conservação dos arcaísmos e do heterolinguismo no texto de chegada, mantém-se ainda aquilo que Mona Baker (2005:15) denomina «significado evocado» decorrente do «dialeto temporal» – vocabulário utilizado em diferentes períodos da história – utilizado por Fitzgerald.

³ Reine Meylaerts (2006) considera que a tradução é ainda vista como a transposição de um código fonte (monolíngue) para outro código fonte (monolíngue). A autora adverte, assim, para a importância de não negligenciar o facto de nem todos os textos serem completamente monolíngues. É, aliás, este o caso dos contos de Fitzgerald em análise.

O Curioso Caso de Benjamin Button			Trad. Fernanda Pinto Rodrigues
2.2.1	As long ago as 1860 it was the proper thing to be born at home. (p. 79)	Nos longínquos tempos de 1860, era de preceito nascer em casa. (p. 100)	No longínquo ano de 1860 a maneira correcta de nascer era em casa. (p. 7)
2.2.2	(...) in the ante-bellum Baltimore. (p. 79)	(...) na Baltimore ante bellum . (p. 100)	(...) na Baltimore de antes da guerra . (p. 7)
2.2.3	(...) climbed into his phaeton (...). (p. 80)	(...) subiu para o seu fáeton (...). (p. 101)	(...) entrou para o fáeton (...). (p. 10)
2.2.4	He was not to wear his spectacles (...). (p. 86-7)	Não poderia usar lunetas (...). (p. 108)	Não usaria óculos (...). (p. 31)
2.2.5	(...) he scored seven touchdowns and fourteen field goals (...). (p. 94)	(...) fez sete touchdowns e catorze field goals (...). (p. 116)	(...) marcara sete touchdowns e catorze field goals (...). (p. 60).

Relativamente aos pontos 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.4, importa referir que Fernanda Pinto Rodrigues não opta pela arcaização, sendo que no primeiro caso prevalece, na sua tradução, um certo efeito humorístico desencadeado pela expressão «the proper thing». Porém, tendo em conta que essa expressão é recuperada no final do conto («no one thought it ‘the thing’ to mention», p. 97), julgou-se importante escolher uma formulação que não só remetesse para uma linguagem arcaizante, mas também que pudesse ser “reutilizada”, mantendo – na ótica de Berman – as redes significantes subjacentes ao texto de partida. E assim foi: «ninguém pensou que seria “de preceito” referir» (p. 120). Por outro lado, na tradução de Pinto Rodrigues perde-se esse efeito de remissão, ou seja, destrói-se a rede, ao escolher a tradutora a formulação: «(...) ninguém achou adequado mencionar» (p. 69).

No ponto 2.2.2, de mencionar o empréstimo do latim, língua que se poderá considerar também de prestígio, enquanto Pinto Rodrigues opta por traduzir a expressão latina. Em 2.2.3, ambas as tradutoras optam pelo decalque e, em 2.2.5, pelo empréstimo. Trata-se, aliás, neste caso, de terminologia do futebol americano, a qual, tendo equivalentes em português, parece mais acessível ao leitor na sua “língua de origem”, graças à difusão das expressões em causa. Além disso, esta opção permite introduzir na tradução aquilo a que Vinay e Darbelnet chamam «o sabor da cultura da língua de partida» (1995:32).

De um modo geral, fica-se com a ideia de que, na tradução de Pinto Rodrigues, prevalece o carácter domesticante (Venuti), ainda que a tradutora opte manter alguns elementos estrangeirizantes, ao não traduzir títulos como *Mr.*, *Mrs.*, *Miss* ou expressões como *Yale College* (p. 8).

Ó, feiticeira de cabelo vermelho!		
2.2.6	(...) he assumed for the working day the attitude of a disillusioned connoisseur . (p. 122)	(...) tomava, durante a jornada de trabalho, a postura de um connoisseur desencantado. (p. 146)
2.2.7	The party of four had become so riotous that the head-waiter had approached and spoken to them (...) (p. 132)	O grupo tornara-se de tal forma desordeiro que o maitre se aproximara para falar com os seus elementos (...). (p. 156)
2.2.8	He did not eat supper with Caroline. (p. 122)	Não ceava com ela, porém. (p. 146)
2.2.9	The motors speeding along the avenue were compelled to stop, and in a jiffy were piled three, five, and six deep at the edge of the crowd; auto-busses , top-heavy turtles of traffic, plunged into the jam (...) (p. 137)	Os carros a motor que aceleravam avenida abaixo eram compelidos a parar e num ápice ali se empilharam, três, cinco, seis, mesmo à beira da multidão. Os ónibus , pesadas tartarugas do trânsito, acabaram também no congestionamento (...). (p. 162)
2.2.10	waved white bouquets at waiting chauffeurs . (p. 135)	(...) acenavam ramos de flores brancas aos chauffeurs que as aguardavam. (p. 160)

Nestes casos, de mencionar, no ponto 2.2.7, a utilização de um empréstimo apenas na tradução, no sentido de dotar o texto de chegada de uma linguagem arcaizante, ao invés de se utilizar o mais banal (e porventura até mais contemporâneo) «chefe de sala». Pelos mesmos motivos, optou-se também por traduzir «waiter» (p. 131) por «garçon» (p. 157). Esta escolha, que visa ainda imprimir alguma elegância ao texto, é considerada por Antoine Berman uma tendência deformante, denominada enobrecimento. Por outro lado, este procedimento permite manter o exotismo do texto. Além disso, optou-se, no ponto 2.2.8, pelo mais arcaico verbo «cear», em vez de «jantar».

No ponto 2.2.9, afigurou-se preferível explicitar, ou clarificar, no âmbito da teoria analítica de Berman, traduzindo «motors» por «carros a motor», o que evidencia que o automóvel não seria tão comum na época como outros meios de transporte. Pouco comum seriam também os autocarros, daí que se tenha escolhido a tradução «ónibus» para «auto-busses», considerando também que, por exemplo, Eça de Queirós utiliza, por várias vezes, o termo na sua obra *A Cidade e as Serras*⁴, publicada cerca de vinte anos antes dos contos em questão.

De facto, este procedimento é, por vezes, inevitável e mesmo Berman admite que a clarificação é inerente à tradução, «na medida em que *qualquer* acto de tradução é explicador» (1997:45). No mesmo sentido, Steiner afirma que a mecânica da tradução é, sobretudo, explicativa, isto é, tende a explicitar (1998:291).

⁴ A título de exemplo: «fila atroante de ónibus» (2007:19) e «a nossa vitória quase se despedaçou contra um ónibus retumbante» (2007:21).

2.3. IRONIA E HUMOR

Evidentemente, as dificuldades inerentes à tradução não decorrem apenas de aspetos linguísticos, mas também, não raras vezes, de questões relacionadas, por exemplo, com referências culturais presentes no texto de partida que poderão não encontrar equivalência na cultura de chegada ou ainda com aspetos relativos ao próprio «tom» do texto. Perante estes casos, revela-se frequentemente necessário priorizar o «tom» à «letra», sob pena de o texto de chegada não reproduzir a intenção e o efeito do texto de partida. Nas palavras de Clifford Landers: «[b]y assigning a high priority to tone, the translator avoids such traps as a slavish fealty to literal meaning that distorts the author's intent» (2001:67).

Nestas circunstâncias, e a fim de «trazer o leitor para o texto», como defendia Schleiermacher, poderá ser relevante introduzir notas de rodapé, que não são normalmente recomendadas, como advoga Landers (*ibid.*:93), uma vez que destroem o «efeito mimético» em relação ao texto de partida e interferem com a fluidez do texto. Por outro lado, o mesmo autor relembra que a aceitação de notas de rodapé por parte dos leitores parece seguir «linhas nacionais» (*ibid.*), exemplificando com o caso dos tradutores franceses, que a elas recorrem com frequência. Considera-se que, para o leitor português, também não será totalmente estranho o encontro com notas de rodapé, embora, nestes casos, a editora que publica a tradução tenha sempre uma (ou a última) palavra a dizer.

Nos casos de seguida analisados, as notas utilizadas não resultam de dificuldades de tradução, mas antes da intenção de fornecer ao leitor informações de ordem cultural, importantes não tanto para compreender o rumo da história, ou o próprio conto, mas para compreender o tom da história, materializado nas expressões humorísticas com que Fitzgerald retrata a sociedade norte-americana. Para estas referências culturais, Vinay e Darbelnet utilizam a designação «prestigious allusions» (1995:257), no sentido em que exploram o conhecimento generalizado de acontecimentos históricos e culturais para provocar alguma forma de impacto, e sugerem que se proceda à sua tradução por via da equivalência, de forma a facilitar a assimilação da referência. Porém, nos casos em análise, não se considerou essa possibilidade, em virtude da importância de manter as referências à cultura e sociedade norte-americanas. Optou-se antes pela introdução de notas de rodapé.

De facto, o humor, bem como a ironia nostálgica e pessimista constituem características importantes da escrita fitzgeraldiana que, expressas por meio de vários artifícios, dotam os contos de um tom quase trágico-cómico. A importância de manter estas idiossincrasias no texto de chegada coloca ao tradutor alguns desafios, ilustrados nos seguintes casos.

O Curioso Caso de Benjamin Button		Trad. Fernanda Pinto Rodrigues	
2.3.1	At present, so I am told , the high gods of medicine have decreed (...). (p. 79)	Nos dias de hoje, ao que me dizem , os grandes deuses da medicina decretaram (...). (p. 100)	Presentemente, segundo me dizem , os sumo-sacerdotes da medicina decretaram (...). (p. 7)
2.3.2	(...) he was gazing at a man of threescore and ten – a baby of threescore and ten (...). (p. 81)	(...) encarava um homem que passara já da meia-idade, um bebé de setenta anos (...). (p. 102)	(...) estava a olhar para um homem de setenta anos... um bebé de setenta anos (...). (p. 14).
2.3.3	It was said that Benjamin was really the father of Roger Button, that he was his brother who had been in prison for forty years, that he was John Wilkes Booth in disguise – and, finally, that he had two <u>small conical horns sprouting from</u> his head. (p. 91)	Chegou a dizer-se que Benjamin era, na realidade, o pai de Roger Button ou o seu irmão que estivera preso durante quarenta anos, que era John Wilkes Booth disfarçado e até que tinha dois <u>chifrezinhos cónicos a brotar-lhe</u> da cabeça. (p. 113)	Disse-se que Benjamin Button era, realmente, o pai de Roger Button, que era o seu irmão que estivera preso, que era John Wilkes Booth disfarçado e, finalmente, que tinha dois <u>pequenos chifres cónicos a brotar</u> da cabeça. (p. 45)
2.3.4	He became known, journalistically, as the Mystery Man of Maryland . (p. 91)	Benjamin tornou-se conhecido, no meio jornalístico, como o “Misterioso Marido de Maryland” . (p. 113)	Tornou-se jornalisticamente conhecido como o Homem Mistério de Maryland . (p. 46)
2.3.5	(...) the dealer kept insisting to Benjamin that a nice Y.W.C.A. badge would look just as well and be much more fun to play with. (p. 96)	(...) o vendedor insistia com Benjamin na ideia de que um bonito crachá da Associação Cristã da Mocidade Feminina ficaria igualmente bem, além de que daria um ótimo brinquedo. (p. 119)	(...) o empregado teimava em insistir que um bonito distintivo da I.W.C.A. ficaria igualmente bem e seria mais divertido para brincar. (p. 67)

Enquanto no caso 2.3.1 o procedimento de tradução literal permitiu manter o efeito humorístico e irónico do texto de partida, o caso patente em 2.3.2 exigiu uma solução mais criativa, que passou pelo que se poderá considerar uma explicitação, sob pena de se sacrificar o efeito humorístico do texto de Fitzgerald, como parece acontecer na tradução de Pinto Rodrigues, ainda que a repetição da referência à idade tenha também um efeito potencialmente cómico.

Em 2.3.3, recorreu-se, como mencionado, a uma nota de rodapé, a fim de explicar a referência a John Wilkes Booth. Já o aspeto atenuativo ou diminutivo de «small conical horns» foi expresso através da inserção do sufixo “inho”, ao invés de se utilizar o adjetivo

“pequeno”, não só para evitar a utilização de dois adjetivos, optando assim pela concentração, mas também para contribuir para o efeito humorístico. A mesma intenção subjaz à escolha de acrescentar o pronome “lhe” ao verbo. De referir que, na tradução de Pinto Rodrigues, nenhuma destas soluções foi a escolhida.

Em 2.3.4, uma vez que o contexto permitia a tradução de «man» como «marido», recorreu-se a essa explicitação, a fim de manter a aliteração, enquanto Pinto Rodrigues optou pela tradução literal.

Em 2.3.5, o procedimento seguido foi também o da explicitação, por não se considerar a sigla Y.W.C.A. do conhecimento geral do leitor português. Na tradução de Pinto Rodrigues, de mencionar a introdução da sigla I.W.C.A., cujo significado não se conseguiu apurar.

Ó, feiticeira de cabelo vermelho!		
2.3.6	(...) invited Miss Masters to have supper with him at Pulpat's French Restaurant, where one could still obtain red wine at dinner, despite the Great Federal Government . (p. 127)	(...) convidou a <i>Miss</i> Masters para cear com ele no restaurante francês Pulpat's, onde ainda se conseguia beber vinho tinto ao jantar, malgrado o Grandioso Governo Federal . (p. 152)
2.3.7	(...) having a strong penchant for <u>ceremonial</u> , the proprietor even went so far as to buy two skull-caps of shoddy red felt (...). (p. 128)	(...) dada a sua especial predileção por <u>cerimónias</u> , o proprietário chegou ao ponto de comprar dois solidéus de feltro vermelho ordinário (...). (p. 152)
2.3.8	But as at that time the cent was rapidly approaching the purchasing power of the Chinese ubu (...). (p. 129)	Porém, como naquela altura o centavo se aproximava rapidamente do poder de compra do ubu chinês (...). (p. 153)
2.3.9	(...) around his whole world there would be the arms of Olive, a little stouter, the arms of her neo-Olivian period (...). (p. 130)	(...) à volta de todo o seu mundo, haveria os braços de Olive, um pouco mais robustos, os braços do seu período neo-oliviano (...). (p. 155)
2.3.10	The hall had an ancient smell—of the vegetables of 1880, of the furniture polish in vogue when “Adam-and-Eve” Bryan ran against William McKinley (...). (p. 133)	O aroma do átrio era, também ele, ancestral – de vegetais de 1880, de verniz da mobília em voga quando o Bryan do Adão e Eva se candidatou a presidente dos EUA contra William McKinley (...). (p. 158)

Em 2.3.6, a tradução literal de «great» por «grandioso» resulta na manutenção do efeito irónico que Fitzgerald procurava produzir no contexto das restrições impostas pela Lei Seca, além de permitir conservar a aliteração.

No caso seguinte, de entre várias possibilidades de tradução literal, optou-se pela forma «solidéu», que remete para o contexto religioso e solene, em virtude da anterior referência a «cerimónias».

Em 2.3.8 e 2.3.9, procedeu-se uma vez mais à tradução literal. Visto que tanto o «ubu chinês», como o «período neo-oliviano» são criações de Fitzgerald, e tal será provavelmente claro para o leitor, não se afigurou adequado tentar proceder a uma adaptação. A tradução literal permite, então, manter o efeito de bizarria do texto de partida, provocando no leitor do texto de chegada, potencialmente, e dentro do possível, as mesmas sensações provocadas no leitor do texto de partida.

Por fim, no último caso, como em 2.3.3, e partindo do pressuposto de que o leitor português não está familiarizado com o significado da expressão «‘Adam-and-Eve’ Bryan», optou-se pela introdução de uma nota de rodapé. Como defende Steiner:

The translator must actualize the implicit ‘sense’, the denotative, connotative, illative, intentional, associative range of significations which are implicit in the original, but which it leaves undeclared or only partly declared simply because the native auditor or reader has an immediate understanding of them (1998:291).

Por outro lado, convém lembrar que, tratando-se de uma referência a um acontecimento histórico já longínquo, é possível que o leitor de língua inglesa contemporâneo até não esteja familiarizado com a expressão em causa. Mas não será também dever do tradutor contribuir para aprofundar o conhecimento do leitor e aguçar a sua curiosidade? Com esta premissa em mente, optou-se pela tradução literal da referida «prestigious allusion», com introdução de nota de rodapé, ao invés da explicitação, por exemplo, que implicaria traduzir «‘Adam-and-Eve’ Bryan» pelo nome do advogado/político em causa, William Jennings Bryan. Evita-se, assim, a perda do efeito humorístico e mantém-se referência a um momento histórico importante para os EUA.

2.4. ADJETIVAÇÃO E ADVERBIALIZAÇÃO

Na Parte I deste relatório, referiu-se que uma das características mais proeminentes da escrita de Fitzgerald consistia na utilização recorrente de adjetivos e advérbios de modo. Enquanto, para o leitor, esta particularidade da ficção fitzgeraldiana pode ajudar a captar a sua atenção e facilitar a construção de imagens, para o tradutor a questão toma outros contornos.

Ao compararem a língua inglesa com a francesa, Vinay e Darbelnet chegaram à conclusão de que a primeira, além de ter à sua disposição um maior número de adjetivos e advérbios, tem a possibilidade de utilizar nomes com a função de adjetivos, sendo mais flexível na utilização de qualificadores (2005:124). Em relação aos advérbios de modo em particular, os autores reconhecem:

Not only do adverbs in “-ment” seem cumbersome, they are restricted in their application. Conversely, the suffix “-ly” in English can be attached to any adjective and even to participles (*ibid.*:126).

Ora, estas observações são igualmente aplicáveis à língua portuguesa, o que significa que um texto de partida em que se faça uso recorrente de adjetivos e advérbios terminados em “-mente”, como são os de Fitzgerald, pode colocar alguns desafios ao tradutor.

Outro aspeto da escrita fitzgeraldiana digno de nota é a sua interessante colocação de adjetivos e nomes. Mona Baker define colocação («collocation») como a tendência de certas palavras para surgirem em combinação com outras (2005:47). Trata-se pois da combinação de palavras que se consideram mais ou menos compatíveis com base no seu significado proposicional, combinação essa que, normalmente, obedece a «restrições de seleção» (*ibid.*:14). Porém, ainda de acordo com Baker, essas restrições são deliberadamente infringidas no âmbito da linguagem figurada, o que revela a natureza, por vezes, «negociável» do significado das palavras:

statements about collocation are made in terms of what is typical or untypical rather than what is admissible or inadmissible. This means that there is no such thing as an impossible collocation (*ibid.*:50).

Assim sendo, uma colocação atípica produzirá determinados efeitos no leitor, dependendo dos vocábulos combinados. Em Fitzgerald, as colocações são, em regra, bastante marcadas («marked collocations»), ou seja, a combinação de palavras é de tal forma invulgar que desafia as expectativas e a experiência do leitor, captando a sua atenção. Trata-se, de resto, de uma técnica frequentemente utilizada em ficção.

Seguem-se alguns exemplos de colocações invulgares, ainda que comuns na escrita fitzgeraldiana, bem como exemplos de adjetivação tripla e adverbializada, igualmente característica da sua prosa. De referir que, tendo em conta o objetivo da tradução, ou seja, aproximar o leitor do texto de partida e do autor, e sem prejuízo das restrições da língua de chegada, a tradução registou poucas alterações. Até porque, como advoga Baker: «[i]deally, the translation of a marked collocation will be similarly marked in the target language» (*ibid.*:61).

O Curioso Caso de Benjamin Button		Trad. Fernanda Pinto Rodrigues	
2.4.1	(...) the eyes underneath were faded and watery and tired. (p. 84)	(...) o facto de os olhos que lhe estavam por baixo serem uns olhos esbatidos e aguados e cansados. (p. 106)	(...) o facto de, por baixo delas, os seus olhos estarem baços, lacrimosos e cansados. (p. 25).
2.4.2	(...) and nice soft mushy foods (...). (p. 98)	(...) papas de aveia e outras comidas agradáveis, suaves e pastosas (...). (p. 121)	(...) com papas de aveia e comidas moles. (p. 74)
2.4.3	(...) manufacturing eternal cardboard necklaces. (p. 86)	(...) confeccionar eternos colares de papelão. (p. 107)	(...) fazer infindáveis colares de cartão. (p. 29)
2.4.4	(...) the rustle of the silver wheat under the moon. (p. 89)	(...) o rumorejar do trigo prateado sob a lua. (p. 111)	(...) o roçar do trigo prateado debaixo da lua. (p. 40)
2.4.5	(...) no token came to him (...) of the glittering years when (...). (p. 98)	Não lhe acudiam quaisquer lembranças (...) dos resplandecentes anos em que (...). (p. 121)	(...) não lhe acudiam lembranças (...) dos anos esplendorosos em que (...). (p. 74.)

Em 2.4.1, está-se perante uma tripla adjetivação, traduzida de forma literal. Mantiveram-se, assim, as conjunções coordenativas copulativas, de modo a respeitar a opção estilística do autor do texto de partida, que lhe é, aliás, frequente e que imprime ritmo ao texto, outra particularidade da prosa de Fitzgerald. Evita-se, assim, como no ponto seguinte, a destruição de ritmos, de acordo com a teoria analítica de Berman. Tal já não acontece na tradução de Pinto Rodrigues, que apresenta uma alteração à estrutura sintática, fazendo recurso a uma convenção mais comum na língua de chegada: a utilização de vírgulas na separação de elementos enumerados. Berman considera esta última opção também uma tendência deformante, que designa por racionalização.

Foi precisamente a essa tendência que se recorreu no ponto 2.4.2, pois, ao contrário do que acontece com o inglês, dificilmente se aceitaria, em língua portuguesa, pelo menos num texto desta natureza, a coordenação assindética de três adjetivos e importa também

«não forçar os meios disponíveis na língua de chegada» (Vinay e Darbelnet 1995:235). Já Pinto Rodrigues opta pela economia, omitindo o adjetivo «nice» e recorrendo à concentração dos adjetivos «soft» e «mushy» num único adjetivo, sinónimo de ambos. Do ponto de vista da teoria bermaniana, estas opções contribuem para a destruição de ritmos, além de que empobrecem quantitativa e qualitativamente o texto. Também de acordo com Berman, de referir que ambas as opções de tradução ilustradas no ponto 2.4.2, bem como a tradução de Pinto Rodrigues patente em 2.4.1 contribuem para a destruição do sistematismo do conto, uma vez que interferem com as construções tipicamente utilizadas pelo autor. Ainda em relação aos conectores, Vinay e Darbelnet ressaltam que o inglês está muito menos dependente dos mesmos, ao contrário do francês (e do português), sendo que utiliza com frequência a estrutura denominada «zero connectors» (*ibid.*:235), isto é, a parataxe. Como exemplificado no caso 2.4.2, os elementos da frase encontram-se justapostos e a relação entre eles está implícita. Cabe pois ao tradutor de língua portuguesa, neste caso, identificar e explicitar essa relação, recorrendo aos conectores adequados.

Os últimos três casos ilustram as referidas questões de colocação. A combinação atípica de adjetivo e nome é mantida em ambas as traduções, sendo que a combinação vocabular «infindáveis colares» e «anos esplendorosos» parece causar menos estranheza, o que não seria porventura a intenção do autor. Assim, ao traduzir literalmente os adjetivos «eternal», «silver» (o que também acontece na tradução de Pinto Rodrigues) e «glittering», evita-se a tendência deformante que Berman denomina empobrecimento qualitativo, que consiste na utilização, no texto de chegada, de equivalentes que carecem da mesma riqueza sonora e significante, ou seja, de iconicidade, dos vocábulos utilizados no texto de partida.

Neste contexto, importa fazer referência à tradução do título do conto “The Curious Case of Benjamin Button”. Ao contrário de Fernanda Pinto Rodrigues, que optou pelo que se poderá considerar uma explicitação, intitulado o texto de chegada de “O Estranho Caso de Benjamin Button”, optou-se, novamente, pela tradução literal. O título “O Curioso Caso de Benjamin Button” conserva a aliteração existente no texto de partida, bem como a riqueza semântica do adjetivo “curioso”, que remete para a mescla de fantástico e realismo que caracteriza o conto. De ressaltar que a tradução dos títulos dos contos foi necessariamente discutida com o editor.

Ó, feiticeira de cabelo vermelho!		
2.4.6	(...) the name over the door whose serpentine embroidery had once shone so insolently bright , was allowed to grow dim and take on the indescribably vague color of old paint (...). (p. 128)	(...) enquanto o nome sobre a porta, cujo bordado em serpentina outrora brilhara com tamanha insolência , se deixou ficar a meia-luz e tomou a cor indescritivelmente vaga de tinta velha (...). (p. 152)
2.4.7	(...) Caroline danced with grace and vivacity , her pink, filmy dress	(...) Caroline dançava, graciosa e vivaz , o vestido rosa e fino rodopiando à sua

	swirling about her, her agile arms playing in supple, tenuous gestures along the smoky air . (p. 132)	volta, os braços ágeis movendo-se docilmente em gestos ténues por entre o ar enfumaçado . (p. 157)
2.4.8	(...) something very grand and brave and beautiful would soon happen to them if they were docile and obedient to their rightful superiors and kept away from pleasure. (p. 134)	(...) algo grandioso e admirável e belo lhes aconteceria em breve se fossem dóceis e obedientes para com os seus legítimos superiores e se mantivessem longe do prazer. (p. 159)
2.4.9	Around them delightedly danced the two thousand miraculously groomed children of the very rich, correctly cute and curled , shining like sparkling little jewels upon their mothers' fingers. (p. 135)	A sua volta, dançavam deliciados os dois mil filhos dos muito ricos: miraculosamente asseados, corretamente apumados e penteados , brilhando como joiazinhas cintilantes nos dedos das suas mães. (p. 160)
2.4.10	“(...) to remind me that <i>my</i> son hurls my gray failure in my face?” (p. 144)	“Para me lembrares de que o <i>meu</i> filho me atira à cara o meu grisalho fracasso? ” (p. 170)

Na tradução dos casos aqui representados, é notória a combinação de dois procedimentos: a transposição (opcional) e a tradução literal. De facto, afigurou-se necessário alterar, no texto de chegada, a classe gramatical de algumas palavras, no sentido de não sobrecarregar a tradução, acima de tudo, com advérbios de modo terminados em -mente, que, como se viu, pela sua morfologia, adensariam e amplificariam demasiado o texto. A transposição ocorreu, por exemplo, de advérbio para nome («insolently» - «insolência»), de adjetivo para nome («dim» - «meia-luz») e vice-versa («grace and vivacity» - «graciosa e vivaz»), bem como de adjetivo para advérbio («supple» - «docilmente») e vice-versa («delightedly» - «deliciados»).

Na tradução de trechos desse género, em que abunda a adjetivação e a adverbialização, procurou-se, porém, não destruir os ritmos. Exemplo disso é o caso ilustrado no ponto 2.4.9, em que se conservou a sequência de dois advérbios de modo – que visam intensificar o adjetivo que modificam – e a aliteração («miraculosamente asseados, corretamente apumados e penteados»). Será ainda de salientar a expressão do aspeto atenuativo ou diminutivo de «little jewels» através da inserção do sufixo “inho”, tanto para efeitos de concentração, como para reforçar o tom irónico da passagem.

Por fim, o ponto 2.4.10 exemplifica outro caso de colocação marcada, uma vez que o adjetivo «gray» não modifica, normalmente, nomes abstratos, como «failure». À semelhança dos casos analisados anteriormente, a colocação foi mantida no texto de chegada, na medida em que se trata de linguagem figurada, em particular de uma hipálage (como acontece, aliás, em 2.4.4), conferindo ao texto um certo efeito dramático e um significado expressivo que contraria as expectativas do leitor.

2.5. UTILIZAÇÃO DE VERBOS COM EFEITO DRAMÁTICO

Na sequência do ponto anterior, proceder-se-á agora à análise da tradução de verbos que Fitzgerald utiliza com efeito dramático. Este efeito advém, novamente, da questão da colocação, uma vez que o autor recorre a uma combinação incomum de verbos e nomes, que surpreende o leitor. Do mesmo modo, a estratégia passou pela tradução direta, procurando manter o importante efeito dramático que Fitzgerald confere à sua prosa. Além disso, será também papel do tradutor tentar alargar o horizonte de expectativas do leitor:

Writers, and translators, often appeal to their readers to modify their expectations (...). We are normally prepared to accept a great deal of unusual and even bizarre linguistic behaviour provided it can be justified, for instance on the basis of poetic creativity or humour (Baker 2005:52).

Ademais, a iconicidade a que Berman alude reveste-se de especial importância neste ponto. De acordo com o autor, «[é] icónico o termo que, em relação ao seu referente, constrói uma imagem, produz uma consciência de semelhança» (1997:48). De facto, por norma, os verbos que Fitzgerald escolhe para a sua ficção estão peçados dessa iconicidade, que se procurou manter por meio da tradução literal, evitando assim o empobrecimento qualitativo.

O Curioso Caso de Benjamin Button		Trad. Fernanda Pinto Rodrigues
2.5.1	Mr. Button seized a hospital shears and with three quick snaps amputated a large section of the beard. (p. 84)	O Sr. Button agarrou numa tesoura cirúrgica e, em três rápidos estalos, amputou uma grande porção daquela barba. (p. 105)
2.5.2	A full moon drenched the road to the lustreless color of platinum, and late-blooming harvest flowers breathed into the motionless air aromas that were like low, half-heard laughter. (p. 89)	A lua cheia encharcava a estrada de uma platina baça e as flores tardias respiravam para o ar imperturbado aromas que eram como que risadas a meia-voz. (p. 110)
2.5.3	(...) watching with murderous eyes the young bloods of Baltimore as they	(...) observando com um olhar mortífero o jovem sangue de Baltimore que redemoinhava em torno
		(...) observando com olhos mortíferos os jovens de Baltimore que se moviam em redor de Hildegarde

	edded around Hildegard Moncrief (...). (p. 89)	de Hildegard Moncrief (...). (p. 111)	Moncrief (...). (p. 42)
2.5.4	(...) he atoned at last by bestowing on him what amounted to adulation. (p. 92)	(...) redimia-se agora, agraciando-o com o que ascendia a adulação. (p. 114)	(...) reparava agora, finalmente, essa falta tratando-o com o que equivalia a adulação. (p. 51)
2.5.5	The colonel roared with laughter . (p. 97)	O coronel ribombou numa gargalhada . (p. 119)	O coronel desatou a rir ruidosamente . (p. 68)

Como referido, os casos aqui elencados remetem para questões de colocação, uma vez que, por exemplo, o verbo «to amputate» não se associa tipicamente a «beard», nem o verbo «to drench» a «full moon». No entanto, esta combinação não é aleatória, resultando em efeitos metafóricos e até simbólicos que, além de relevantes para o discorrer do conto, revelam um importante traço da ficção fitzgeraldiana que se quis manter na tradução.

Como havia sucedido com a adjetivação, também os verbos parecem perder força expressiva na tradução de Pinto Rodrigues, especialmente nos casos elencados de 2.5.3 a 2.5.5, dando-se de novo um empobrecimento qualitativo. De notar que, em 2.5.5, a tradutora procura compensar essa perda com a introdução do advérbio de modo «ruidosamente», o que contribui para a amplificação do texto de chegada (ou alongamento, na terminologia bermaniana).

Ó, feiticeira de cabelo vermelho!		
2.5.6	She sat usually in the profile chair near the window, but sometimes honored the <i>chaise longue</i> by the lamp (...). (p. 123)	Por norma, Caroline sentava-se numa cadeira baixa junto à janela, ainda que, por vezes, concedesse essa honra à <i>chaise longue</i> ao lado do candeeiro (...). (p. 147)
2.5.7	A breeze was crying down the streets, whisking along battered newspapers and pieces of things, and little lights were pricking out all the windows (...). (p. 124)	Uma brisa chorava rua abaixo, sacudindo e levando consigo jornais despedaçados e bocados de objetos, enquanto algumas luzinhas picotavam as janelas (...). (p. 148)
2.5.8	(...) darkness brooded out into the areaway, seemed to grope blindly in at his <u>expectant, uncurtained</u> window. (p. 130)	A escuridão aninhava-se na passagem, como que apalpando às cegas a rua até chegar à janela dele, <u>expectante e despida de cortinas</u> . (p. 154)
2.5.9	(...) her mouth hinted yet of kisses, as did the profile that came sometimes between his eyes and a row of books, when it was twilight in the bookshop where the crimson lamp presided no more. (p. 131)	(...) a sua boca insinuava ainda beijos, tal qual o perfil que, por vezes, surgia entre os seus olhos e uma fila de livros, quando pousava o crepúsculo na loja onde o candeeiro carmesim já não reinava . (p. 155)
2.5.10	The first fire-engine arrived, filling	Chegou o primeiro carro de bombeiros e,

<p>the Sunday air with smoke, clanging and crying a <u>brazen, metallic</u> message down the <u>high, resounding</u> walls. (p. 137)</p>	<p>enchendo de fumo o ar de domingo, cantou e clangorou uma mensagem <u>metálica e insolente</u> que ressoou ao longo das paredes <u>altas</u> dos edifícios. (p. 162)</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O caso exposto em 2.5.6 representa uma transposição opcional verbo-nome, procedimento que não é, aliás, raro na tradução para língua portuguesa, dado o papel privilegiado que esta língua atribui ao nome, como Vinay e Darbelnet (1995:101) alegam acontecer no francês. Aliás, a secção 2.4 apresenta diversas situações de transposição para nome, designadamente a partir de advérbios e adjetivos. Assim, vários são os casos em que, mesmo sendo possível recorrer a um verbo, advérbio ou adjetivo, a utilização de um nome ou de uma expressão nominal se afigura uma solução mais natural na língua portuguesa, como exemplificado em 2.5.6.

No caso seguinte, a tradução literal de «crying» pretende manter a personificação, ou prosopopeia, da brisa, e, portanto, o efeito dramático e simbólico do verbo. No caso 2.5.8, e visando o mesmo objetivo, recorreu-se a uma explicitação da expressão «whisking along». Este procedimento decorreu da dificuldade de traduzir «along» em combinação com «whisking» – uma colocação atípica –, e que se solucionou com a introdução de um outro verbo, «levar (com)». Esta opção resulta nas tendências deformantes de clarificação e, portanto, de alongamento, as quais podem, se utilizadas excessivamente, resultar em sobretradução. Por outro lado, esta solução serve um propósito importante: o reforço da personificação e do efeito dramático.

Em todos os restantes casos se está também perante personificações – da escuridão, da boca, do candeeiro e do carro de bombeiros –, as quais foram mantidas por meio de uma tradução literal. Em 2.5.8, de referir a tradução do advérbio de modo «blindly» pela mais idiomática locução adverbial «às cegas» e, em 2.5.10, a transposição do adjetivo «resounding» para o verbo «ressoar» inserido numa oração relativa, o que implica uma suplementação⁵ e altera a estrutura sintática do texto de partida. Esta alteração afigurou-se importante, não só para evitar outra sequência adjetival (após «metálica e insolente») – que, por sua vez, surge após uma sequência verbal («cantou e clangorou») –, mas porque a frase resultaria pouco clara sem a introdução de um verbo naquele ponto.

⁵ «The translation technique of adding lexical items in the target language which are required by its structure and which are absent in the source language» (Vinay e Dalbarnet 1995:350). Neste caso, o item lexical adicionado consiste no pronome relativo “que”.

2.6. OUTROS CASOS DIGNOS DE MENÇÃO

A presente secção pretende apenas ilustrar mais alguns desafios colocados ao tradutor pelas idiossincrasias estilísticas de Fitzgerald.

a) ASPETO INTENSIVO EXPRESSO POR ADVÉRBIO JUNTO DE VERBO

	O Curioso Caso de Benjamin Button	Trad. Fernanda Pinto Rodrigues	
2.6.1	<p>The old man looked placidly from one to the other for a moment, and then suddenly spoke in a cracked and ancient voice. “Are you my father?” he demanded. Mr. Button and the nurse started violently. “Because if you are,” went on the old man querulously, “I wish you'd get me out of this place--or, at least, get them to put a comfortable rocker in here.”</p> <p>“Where in God's name did you come from? Who are you?” burst out Mr. Button frantically. “I can't tell you exactly who I am,” replied the querulous whine, “because I've only been born a few hours--but my last name is certainly Button.” (p. 82)</p>	<p>Por um instante, o velho olhou placidamente do Sr. Button para a enfermeira e, de repente, falou, numa voz quebrada e ancestral. “O senhor é o meu pai?” perguntou. O Sr. Button e a enfermeira sobressaltaram-se violentamente. “Porque, se é,” continuou o velho rezingão, “gostava que me levasse daqui ou, pelo menos, que os convencesse a trazerem-me uma cadeira de baloiço confortável.” “Por amor de Deus, mas de onde vieste tu? Quem és?” explodiu desenfreado o Sr. Button. “Não sou capaz de lhe dizer exatamente quem sou,” respondeu o choramingas queixoso, “porque nasci há poucas horas, mas o meu último nome é mesmo Button.” (p. 103)</p>	<p>O velho olhou placidamente de um para o outro, durante um momento, e, de súbito, perguntou numa voz esganiçada e senil: – É o meu pai? Mr. Button e a enfermeira estremeceram violentamente. – Porque, se é – continuou o velho, rezinguento –, quero que me tire deste lugar... ou, pelo menos, que lhes diga que ponham aqui uma cadeira de balanço confortável. – De onde demónio veio vocês? Quem é? – explodiu Mr. Button, exasperado. – Não lhe sei dizer exatamente quem sou – respondeu a voz esganiçada e rabugenta – porque nasci há poucas, apenas... mas o meu apelido é, sem dúvida, Button. (p. 14)</p>
2.6.2	<p>“That's my age,” asserted Benjamin, flushing slightly. The registrar eyed him wearily.</p>	<p>“É a minha idade.” afirmou Benjamin, corando ligeiramente. O secretário olhou-o exaurido.</p>	<p>– É essa a minha idade – afirmou Benjamin, corando ligeiramente. O escrivão olhou-o, enfadado.</p>

<p>“Now surely, Mr. Button, you don't expect me to believe that.” Benjamin smiled wearily. “I am eighteen,” he repeated. The registrar pointed sternly to the door. (p. 87)</p>	<p>“Bom, Sr. Button, não espera certamente que eu acredite nisso.” Benjamin sorriu, também ele exaurido. “Tenho dezoito anos.” repetiu. O secretário apontou austeramente para a porta. (p. 109)</p>	<p>– Não espera, certamente, que eu acredite nisso, Mr. Button. Benjamin sorriu, cansado. – Tenho dezoito anos – repetiu. O escrivão apontou, carrancudo, para a porta. (p. 35)</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ó, feiticeira de cabelo vermelho!	
<p>2.6.3 (...) that laughter of Caroline's that he knew so well stirred him, lifted him, called his heart imperiously over to her table, whither it obediently went. He could see her quite plainly, and he fancied that in the last year and a half she had changed, if ever so slightly. (p. 131)</p>	<p>(...) aquele riso de Caroline, que conhecia tão bem, abalou-o, animou-o, chamou imperiosamente o seu coração à mesa dela, ao que ele obedeceu. Conseguia vê-la bastante bem e apreciava o facto de ela ter mudado no último ano e meio, ainda que pouco. (p. 155)</p>

Os casos 2.6.1, 2.6.2 e 2.6.3 ilustram uma vez mais a proliferação de advérbios de modo a que Fitzgerald se presta, proliferação essa resolvida em ambos os textos de chegada pela alternância entre tradução literal e transposição opcional. Veja-se, por exemplo, a tradução do advérbio «frantically» pelos adjetivos «desenfreado» e «exasperado». Há, contudo, uma questão a sublinhar nestes casos: os advérbios de modo não surgem aqui associados a nomes ou adjetivos, mas a verbos, por norma, declarativos. Conclui-se assim que o aspeto intensivo ou aumentativo é expresso, nestes casos, não pelo próprio verbo – utilizado pois em sentido literal –, mas pelo advérbio, sendo este a conferir o efeito dramático aos passos em causa.

b) EQUIVALÊNCIA

O Curioso Caso de Benjamin Button		Trad. Fernanda Pinto Rodrigues
2.6.4	<p>“... And what do you think should merit our biggest attention after hammers and nails?” the elder Button was saying.</p> <p>“Love,” replied Benjamin absent-mindedly.</p> <p>“Lugs?” exclaimed Roger Button, “Why, I’ve just covered the question of lugs.” (p. 90)</p>	<p>“E o que te parece mais importante para o nosso negócio, depois dos martelos e dos pregos?” perguntou o Button mais velho.</p> <p>“Amar,” respondeu Benjamin ausente.</p> <p>“Amarras?!” exclamou Roger Button. “Ora, isso nem é para aqui chamado!” (p. 112)</p>

Ó, feiticeira de cabelo vermelho!	
2.6.5	<p>“Silver Bones,” he announced suddenly out of a slight pause.</p> <p>“What?” demanded Merlin, suspecting that the stiffness of his sinews were being commented on.</p> <p>“Silver Bones. That was the guy that done the crime.”</p> <p>“Silver Bones?”</p> <p>“Silver Bones. Indian, maybe.” (p. 139)</p>

De acordo com Vinay e Darbelnet, do procedimento de equivalência resulta uma réplica da mesma situação encontrada no texto de partida por meio de uma total reformulação de frases (1995:342). Ou seja, mantém-se o sentido, mas não a imagem. Ora, nos casos em apreço, e a fim de manter o tom humorístico dos textos de partida, foi necessário transferir os jogos de palavras para um outro plano. Daí resultou uma total ou significativa reformulação de frases. De referir que, ainda assim, foi possível, no caso 2.6.5, recorrer também à tradução literal («Indian, maybe» - «Às tantas, é índio»).

C) PONTUAÇÃO

O Curioso Caso de Benjamin Button			Trad. Fernanda Pinto Rodrigues
2.6.6	Hildegarde had chosen to marry for mellowness, and marry she did... (p. 91)	Hildegarde escolhera casar com um homem maduro. E assim fez. (p. 113)	Hildegarde escolhera casar pela maturidade – e casou! (p. 47).
2.6.7	Benjamin regarded him with dazed eyes just as the eastern sky was suddenly cracked with light, and an oriole yawned piercingly in the quickening trees... (p. 90)	Benjamin fitou-o com um olhar confuso, enquanto o céu oriental se rasgava de luz e um papa-figos bocejava estridente nas árvores apressadas... (p. 112)	Benjamin fitou-o com olhos pasmos no preciso momento em que uma réstia de luz se abria subitamente no céu, do lado oriental, e um papa-figos piava agudamente nas árvores trémulas... (p. 44)

Ó, feiticeira de cabelo vermelho!		
2.6.8	The country house did not come, but a month in an Asbury Park boarding-house each summer filled the gap; and during Merlin's two weeks' holiday this excursion assumed the air of a really merry jaunt—especially when, with the baby asleep in a wide room opening technically on the sea, Merlin strolled with Olive along the thronged board-walk puffing at his cigar and trying to look like twenty thousand a year. (p. 135)	A casa de campo não chegou a aparecer, mas esse vazio era compensado pelo mês que passavam numa pensão em Asbury Park todos os verões. Durante as duas semanas de férias de Merlin, a viagem tomava o ar de um passeio deveras alegre, em especial quando, estando o bebé a dormir num amplo quarto que dava, tecnicamente, para o mar, Merlin caminhava com Olive no apinhado passadiço de madeira, baforando o charuto e fazendo-se passar por alguém que ganha vinte mil dólares por ano. (p. 160)

Servem estes casos de exemplo das poucas situações em que se procedeu a uma alteração da pontuação. Na perspectiva de Schleiermacher, a tradução não se deve apresentar como um texto originalmente escrito na língua de chegada⁶, neste caso o português, e, de facto, em língua inglesa, recorre-se com menos frequência à divisão do texto em parágrafos (Vinay e Darbelnet 1995:245). Tal situação pode chocar com as expectativas do leitor português, porventura habituado a frases não tão longas. Não

⁶ Ou, nas palavras de Steiner, «[t]he proposition 'the foreign poet [writer] would have produced such and such a text had he been writing in my language' is a projective fabrication» (1998:351).

obstante, como se viu, as expectativas do leitor não têm necessariamente de ser preenchidas (Baker 2005: 251).

Poder-se-á ainda considerar a perspetiva de Venuti, que defende a «visibilidade» do tradutor por meio de uma organização sintática peculiar que permita que a qualidade estrangeira do texto de partida seja mantida. Nesse sentido, conservou-se na tradução a maioria das frases longas tão típicas da prosa fitzgeraldiana, embora, no caso ilustrado em 2.6.8, se tenha optado por substituir o ponto e vírgula por um ponto final, mais comumente utilizado em língua portuguesa. Esta alteração não parece interferir significativamente nem o ritmo, nem com o sentido do texto, ainda que se possa alegar que contribui para destruir os sistematismos e a rede do conto, ou não se tratasse de uma racionalização.

Por outro lado, é de ressaltar que, no conto “O Curioso Caso de Benjamin Button”, vários são os capítulos que terminam com reticências. Em alguns desses casos, as reticências foram mantidas na tradução, por se considerar que reforçam o ambiente de mistério e imprevisibilidade que caracteriza o texto. Não obstante, noutros casos, como no exemplificado em 2.6.6, as afirmações são de tal modo assertivas que não se considerou justificável manter as reticências, substituindo-as por um ponto final. De referir que, curiosamente, a tradução de Pinto Rodrigues reproduz sempre as reticências em final de capítulo, exceto no caso exemplificado, em que o recurso ao ponto de exclamação produz um efeito enfático algo diferente do decorrente das reticências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução é sempre «homogénea e incoerente em simultâneo», alega Berman (1997:52). É, de facto, esta a conclusão que se poderá retirar do processo de tradução de contos de F. Scott Fitzgerald realizado no âmbito do estágio curricular na Relógio d'Água Editores.

Ainda que se tenha optado por seguir a norma inicial de tradução adequada, ou seja, por privilegiar o texto de partida perante as escolhas a tomar, a tradução resulta sempre uma «miscelânea» de estratégias e procedimentos. Nesta medida, nem sempre é possível, nem mesmo preferível, evitar as tendências deformantes delineadas por Berman. Como admite o próprio, a tradução resulta sempre uma combinação de tendências deformantes evitadas e produzidas.

Em todo o caso, na tradução dos contos em análise, a estratégia predominante foi efetivamente a da tradução direta, prevalecendo o procedimento de tradução literal. Não obstante, como é evidente, afigurou-se necessário recorrer, com alguma frequência, a uma estratégia de tradução oblíqua, em especial ao procedimento de transposição, sempre opcional, contudo. O recurso a este procedimento decorreu da própria estilística do autor traduzido, em particular do seu uso recorrente de adjetivos e advérbios. Outras dificuldades advieram, por exemplo, do facto de os contos em questão serem já antigos, o que implicou especial ponderação na escolha vocabular. Assim sendo, não raras vezes, se considerou adequado o recurso a arcaísmos, ainda que se corra o risco de que, como adverte Steiner, mesmo utilizando «equivalentes cronológicos precisos», estes estejam já imbuídos da percepção que deles existe na atualidade, podendo funcionar como «antiguidades» (1998:352).

Ainda assim, e na medida em que se pretendeu trazer o leitor para o texto e o autor, para a sua época e a sua sociedade, nas traduções aqui apresentadas prevaleceu a estrangeirização, nomeadamente através da manutenção dos referidos arcaísmos e do heretolinguismo, muitas vezes a eles associados. Por outro lado a tradução do conto “The Curious Case of Benjamin Button” de Fernanda Pinto Rodrigues é bastante mais domesticante – ou aceitável, na terminologia de Toury –, evidenciando uma maior sujeição aos modelos literários da cultura de chegada. Esta estratégia de tradução implicou a supressão de algumas particularidades do texto de partida e, por vezes, do próprio estilo fitzgeraldiano, como, por exemplo, a comum utilização de galicismos ou de verbos com efeito dramático.

«Each translation falls short», defende George Steiner (1998:283), e assim parece ser para todo o tradutor. Daí a importância de retraduzir. Dar novo fôlego às obras literárias de autores de renome foi também um dos objetivos por que se regeu este trabalho. Mas a

tradução serve ainda para dar novo ânimo à língua de chegada, contribuindo para a expansão das suas fronteiras.

Assim sendo, como advoga Toury (2012:204), mesmo as traduções que cumprem escrupulosamente os requisitos de aceitabilidade podem não ser aceites no sistema de chegada, ou eventualmente deixar de o ser. Pelo contrário, as traduções que se afastam das convenções nele utilizadas, aproximando-se antes do texto de partida, podem alcançar um lugar no sistema. Por conseguinte, e ainda que a tradução não possa «aspirar à durabilidade das suas criações» (Benjamin 2015:98), será sempre dever e propósito do tradutor pugnar por um trabalho de criação definitivo, nunca esquecendo o seu papel de promotor da expansão e do enriquecimento culturais.

Ainda no contexto do estágio curricular, importa referir alguns ensinamentos retirados, como a relevância do papel do editor, que auxilia o processo de escolhas de tradução, ou que eventualmente as determina. E ainda a especial exigência inerente à tradução de textos literários, que implica uma revisão aturada do texto literário traduzido, a fim de evitar não só imprecisões ao nível da tradução, mas também de garantir a sua eufonia.

Ao longo da elaboração do presente relatório, chegou-se ainda à conclusão de que a literatura disponibilizada nas bibliotecas portuguesas sobre a vida e obra de F. Scott Fitzgerald se encontra já bastante desatualizada, o que veio reforçar o objetivo de reavivar o interesse pelo autor e pela sua obra, em especial pela contística, bastante mais negligenciada do que os seus romances.

Para essa negligência, haverá diversas justificações, entre elas, o facto de esse género literário ser normalmente preterido em favor do romance e a fraca qualidade de muitos dos contos de Fitzgerald, como o próprio admitia. Por outro lado, e fruto do conflito interior que sempre assolou o autor, este era também um artista que, de um modo geral, encarava a sua escrita com seriedade, ainda que, durante o seu tempo de vida, tenha sido quase sempre considerado um escritor popular.

Deste modo, e à luz do exposto na Parte I, Fitzgerald desenvolveu, desde cedo, um sentimento de inferioridade, não raras vezes associado a questões de ordem económica e social. Numa tentativa de contrariar esse sentimento, Fitzgerald foi explorando todos os seus recursos, físicos, mentais, emocionais e financeiros, entregando-se a um modo de viver extravagante por que ficaria conhecido, chegando mesmo a negligenciar o seu trabalho. Quando atingiu o limite, sendo que o processo foi acelerado pelo seu alcoolismo e pelos colapsos mentais de Zelda, «quebrou-se como um prato velho», para recuperar a analogia que o autor utiliza no seu ensaio “The Crack-Up” (1964:72).

Nesse texto, bem como nos restantes ensaios que escreveu para a *Esquire* em 1936, Fitzgerald evidencia uma perspetiva mais madura e complexa da (sua) vida do que a encontrada em boa parte da contística, reflexo da consciência que foi tomando do absurdo

da vida e do custo dessa consciência. Nesses ensaios – «a report from the limbo of the All-American mind» (Wright 1963:27) –, Fitzgerald retrata-se quase como um mártir, um derrotado vitorioso, pois que, como para algumas das suas personagens, o fracasso é símbolo de resistência à força corrupta da máquina que é a América.

Ainda assim, não obstante ter sempre imprimido um toque de tragicidade e nostalgia à sua ficção, esta destaca-se também pelos ambientes glamorosos que descreve e pela exuberância das suas personagens, qual retrato do espírito e dos valores da época em que Fitzgerald escreveu, e sobre a qual escreveu, bem como da própria dualidade em que vivia.

Na década de 1920 – os *roaring twenties* – temas desta natureza não pareciam esgotar-se, sendo que também não havia, nas revistas populares para as quais Fitzgerald escrevia, espaço para histórias que envolvessem pessimismo, cinismo ou realismo. Ainda assim, poder-se-á dizer que havia, por norma, um toque de idealismo e cinismo na sua prosa.

A década termina então com o *Crash* da bolsa, que se traduz numa nova crise de valores, tal como acontecera após a I Guerra Mundial. Esta nova crise afetará particularmente, como se viu, a obra de Fitzgerald, pois acontecimentos desta natureza eram, para o autor, como que a confirmação do absurdo da vida. Além disso, naturalmente, o próprio panorama literário começa a alterar-se nos anos 1930, com escritores que revelavam, por via das circunstâncias, uma orientação política mais vincada do que a da maioria dos seus antecessores. Seriam estes últimos então acusados de excessiva preocupação com a forma e o estilo, por oposição a questões de natureza política e social (cf. Bradbury 1971:34).

Sem dúvida, um dos legados que a importante geração de escritores a que Fitzgerald pertenceu deixou à literatura prende-se com o relevo que atribuiu à técnica e ao estilo. Embora não fosse propriamente inovadora, a escrita fitzgeraldiana é um bom exemplo dessa preocupação, tornando-se um elemento distintivo da prosa do autor, bem como o foram os seus temas, sempre inspirados pela sua própria experiência: a América, o sonho, o fracasso. Poder-se-á até questionar se Fitzgerald teria sido um escritor diferente não fossem os seus fracassos. Em todo o caso, é inegável a importância destes temas no perdurar da sua obra. Além da relevância que advém de espelhar uma época histórica, a prosa fitzgeraldiana persiste porque toca, de forma mais ou menos subtil, em questões transversais a todo o ser humano, como o são o sucesso e o fracasso. Nas palavras de Wright Morris, «[t]he issues are still alive in anyone who is still alive» (1963:30).

Seria talvez interessante distinguir entre Fitzgerald, a lenda, e Fitzgerald, o escritor. Porém, Fitzgerald viveu e escreveu de tal forma mergulhado na sua época, na sua vivência, e de tal forma dividido entre o que era e o que queria ser que esse exercício se torna ingrato. Até porque essa dualidade distingue também a sua obra. Para já, o que fica é a voz de um contador de histórias totalmente imerso no seu tempo e que ainda hoje ecoa.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

TEXTOS-FONTE

Fitzgerald, F. Scott. *O Estranho Caso de Benjamin Button*. Trad. Fernanda Pinto Rodrigues. Presença. 2009.

_____. *Tales of the Jazz Age*. Ed. James L. W. West III. Cambridge University Press. 2002.

OUTRAS OBRAS LITERÁRIAS

Fitzgerald, F. Scott. *A Fenda Aberta*. Assírio & Alvim. 2005.

_____. “Author’s House”. *Esquire*. 1936. Disponível em <http://classic.esquire.com/authors-house>. Acesso em 09-06-2017.

_____. *The Crack-up: with other uncollected pieces, note-books and unpublished letters*. Ed. Edmund Wilson. New Directions Paperbook. 1964.

_____. *The Curious Case of Benjamin Button and Six Other Stories*. Penguin Books. 2008.

Queiroz, Eça de. *A Cidade e as Serras*. Livros do Brasil. 2007.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

Aldridge, John. “Fitzgerald: The Horror and the Vision of Paradise”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 32-42.

Assis Rosa, Alexandra. “Does translation have a say in the history of our contemporary linguacultures? Some figures on translation in Portugal”. *Polifonia* 9. 2006, pp. 77-94.

_____. “The Power of Locality and the Use of English: A Case Study of Non-Translation in the Portuguese Blogosphere”. *How Peripheral is the Periphery? Translating Portugal Back and Forth. A Tribute to João Ferreira Duarte*. Ed. Rita Bueno Maia, Marta Pacheco Pinto e Sara Ramos Pinto. Cambridge Scholars Press. 2015, pp. 205-220.

- _____. “The Short Story in English meets the Portuguese Reader: On the ‘External History’ of Portuguese Anthologies of Short Stories Translated from English”. *Translation in Anthologies and Collections (19th and 20th Centuries)*. Ed. Teresa Seruya, Lieven D’hulst, Alexandra Assis Rosa e Maria Lin Moniz. John Benjamins. 2013, pp. 35-56.
- Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos. *Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos: F. Scott Fitzgerald*. Edições Afrontamento. 1992.
- Baker, Mona. *In Other Words: a coursebook on translation*. Routledge. 2005.
- Barrento, João. *O Poço de Babel: para uma poética da tradução literária*. Relógio d’Água. 2002.
- Bassnett, Susan. *Translation Studies*. 3.^a ed. Routledge. 2003.
- Benjamin, Walter. *Linguagem, Tradução, Literatura*. Trad. João Barrento. Assírio & Alvim. 2015.
- Berman, Antoine. “A Tradução da Letra ou a Pousada do Longínquo”. *Tradutor Dilacerado: reflexões de autores franceses sobre tradução*. Coord. Guilhermina Jorge. Colibri. 1997, pp. 15-63.
- Bîrsanu, Roxana. “T.S. Eliot and the Modernist Approach to Translation”. *Scientia Traductionis* 9. Universidade Federal de Santa Catarina. 2011, pp. 179-190.
- Bradbury, Malcom. *The American Novel and the Nineteen Twenties*. Edward Arnold. 1971.
- Breitwieser, Mitchell. “F. Scott Fitzgerald and Epochal Representation”. *American Literary History*, Vol. 12, n.º 3, History in the Making. Oxford University Press. 2000, pp. 359-381. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/490207>. Acesso em 06-03-2017.
- Campos, Haroldo de. *Metalinguagem e Outras Metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 4.^a ed. Editora Perspectiva. 1992.
- Childs, Peter. *Modernism*. Routledge. 2004.

- Eco, Umberto. *Dizer quase a mesma coisa sobre tradução*. Trad. José Colaço Barreiros. Difel. 2005.
- Even-Zohar, Itamar. “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”. *The Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. Routledge. 2009, pp. 199-204.
- Fiedler, Leslie. “Some Notes on F. Scott Fitzgerald”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 70-76.
- Flora, Luísa Maria. *Short Story: Um Género Literário Em Ensaio Académico*. Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa e Edições Colibri. 2003.
- Fussell, Edwin. “Fitzgerald’s Brave New World”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 43-56.
- Gray, Richard. *A History of American Literature*. 2.^a ed. Willey-Blackwell. 2012.
- Keshmiri, Fahimeh e Mina Mahdikhani. “F. Scott Fitzgerald’s Unique Literary and Writing Style”. Canadian Center of Science and Education. 2015. Disponível em <http://www.ccsenet.org/journal/index.php/ells/article/viewFile/44230/26674>. Acesso em 27-05-2017.
- Kuehl, John (introd.). *The Apprentice Fiction of F. Scott Fitzgerald, 1909-1917*. Rutgers University. 1965.
- Landers, Clifford. *Literary Translation: a practical guide*. Multilingual Matters. 2001.
- Marcus, Greil e Werner Sollors (ed.). *A New Literary History of America*. Belknap Press of Harvard University. 2009.
- Meylaerts, Reine. “Heterolingualism in/and translation: How legitimate are the Other and his/her language? An introduction”. *Target* 18:1. 2006, pp. 1-15.
- Miller, James Edwin. *F. Scott Fitzgerald: his art and his technique*. New York University Press. 1964.

- Mishra, Pankaj e Benjamin Moser. “Can writers still ‘Make it New?’”. *The New York Times*. 2014. Disponível em <https://www.nytimes.com/2015/01/04/books/review/can-writers-still-make-it-new.html>. Acesso em 04-06-2017.
- Mizener, Arthur (ed.). *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Prentice Hall. 1963.
- Morris, Wright. “The Function of Nostalgia: F. Scott Fitzgerald”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 25-31.
- Munday, Jeremy. *Introducing Translation Studies: theories and applications*. Routledge. 2006.
- North, Michael. “The Making of ‘Make it New’”. *Guernica Magazine*. 2013. Disponível em <https://www.guernicamag.com/the-making-of-making-it-new/>. Acesso em 04-06-2017.
- Piper, Henry Dan. *F. Scott Fitzgerald: a critical portrait*. Holt, Rinehart and Winston. 1965.
- Ribeiro, Eduardo. “Era uma vez (n)a América: a outra ficção de F. Scott Fitzgerald”. *Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos: F. Scott Fitzgerald*. Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos. Edições Afrontamento. 1992.
- Rosenfeld, Paul. “F. Scott Fitzgerald”. *The Crack-up: with other uncollected pieces, note-books and unpublished letters*. Ed. Edmund Wilson. New Directions Paperbook. 1964, pp. 317-322.
- Ruland, Richard e Malcom Bradbury. *From Puritanism to Postmodernism: a history of American Literature*. Routledge. 1991.
- Schleiermacher, Friedrich. *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Trad. José Miranda Justo. Porto Editora. 2003.
- Schulberg, Budd. *The Four Seasons of Success*. Doubleday & Company, Inc. 1972.
- Sontag, Susan. “The World as India: The St. Jerome Lecture on Literary Translation.” Disponível em <http://www.susansontag.com/prize/onTranslation.shtml>. Acesso em 15-03-2017.

- Steiner, George. *After Babel: aspects of language and translation*. 3.^a ed. Oxford University Press. 1998.
- Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond*. John Benjamins. 2012.
- Trilling, Lionel. “F. Scott Fitzgerald”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 11-19.
- Troy, William. “Scott Fitzgerald – The Authority of Failure”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 20-24.
- Turnbull, Andrew. *Scott Fitzgerald*. Penguin Books. 1970.
- Venuti, Lawrence. *The Translator’s Invisibility: a history of translation*. Routledge. 2005.
- _____ (ed.). *The Translation Studies Reader*. Routledge. 2009.
- Vinay, Jean-Paul e Jean Darbelnet. *Comparative Stylistics of French and English: a methodology for translation*. John Benjamins. 1995.
- Wanning, Andrews. “Fitzgerald and His Brethren”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essays*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 57-63.
- Wescott, Glenway. “The Moral of Scott Fitzgerald”. *The Crack-up: with other uncollected pieces, note-books and unpublished letters*. Ed. Edmund Wilson. New Directions Paperbook. 1964, pp. 323-337.
- Wilson, Edmund. “F. Scott Fitzgerald”. *F. Scott Fitzgerald: a collection of critical essay*. Ed. Arthur Mizener. Prentice Hall. 1963, pp. 80-85.
- Winters, Marion. “F. Scott Fitzgerald’s *Die Schönen und Verdammten*: a corpus-based study of speech-act report verbs as a feature of translators’ style”. *Meta* 523. Les Presses de l’Université de Montréal. 2007, pp. 412–425.

SITOGRAFIA

Academy of American Poets

www.poets.org

Base Nacional de Dados Bibliográficos

<http://porbase.bnportugal.pt>

Encyclopaedia Britannica

www.britannica.com

Intercultural Literature in Portugal (1930-2000): A Critical Bibliography

www.translatedliteratureportugal.org

MLA Formatting and Style Guide

<http://owl.english.purdue.edu/owl/resource/747/01/>

One Look Dictionary Search

www.onelook.com

Priberam Dicionário

www.priberam.pt/dlpo

The American Heritage Dictionary of the English Language

www.ahdictionary.com

ANEXOS

THE CURIOUS CASE OF BENJAMIN BUTTON

I

As long ago as 1860 it was the proper thing to be born at home. At present, so I am told, the high gods of medicine have decreed that the first cries of the young shall be uttered upon the anesthetic air of a hospital, preferably a fashionable one. So young Mr. and Mrs. Roger Button were fifty years ahead of style when they decided, one day in the summer of 1860, that their first baby should be born in a hospital. Whether this anachronism had any bearing upon the astonishing history I am about to set down will never be known.

I shall tell you what occurred, and let you judge for yourself.

The Roger Buttons held an enviable position, both social and financial, in ante-bellum Baltimore. They were related to the This Family and the That Family, which, as every Southerner knew, entitled them to membership in that enormous peerage which largely populated the Confederacy. This was their first experience with the charming old custom of having babies - Mr. Button was naturally nervous. He hoped it would be a boy so that he could be sent to Yale College in Connecticut, at which institution Mr. Button himself had been known for four years by the somewhat obvious nickname of "Cuff."

On the September morning consecrated to the enormous event he arose nervously at six o'clock dressed himself, adjusted an impeccable stock, and hurried forth through the streets of Baltimore to the hospital, to determine whether the darkness of the night had borne in new life upon its bosom.

When he was approximately a hundred yards from the Maryland Private Hospital for Ladies and Gentlemen he saw Doctor Keene, the family physician, descending the front steps, rubbing his hands together with a washing movement - as all doctors are required to do by the unwritten ethics of their profession.

Mr. Roger Button, the president of Roger Button & Co., Wholesale Hardware, began to run toward Doctor Keene with much less dignity than was expected from a Southern gentleman of that picturesque period.

"Doctor Keene!" he called. "Oh, Doctor Keene!"

The doctor heard him, faced around, and stood waiting, a curious expression settling on his harsh, medicinal face as Mr. Button drew near.

"What happened?" demanded Mr. Button, as he came up in a gasping rush. "What was it? How is she? A boy? Who is it? What -"

"Talk sense!" said Doctor Keene sharply, He appeared somewhat irritated.

"Is the child born?" begged Mr. Button.

Doctor Keene frowned. "Why, yes, I suppose so - after a fashion." Again he threw a curious glance at Mr. Button.

"Is my wife all right?"

"Yes."

"Is it a boy or a girl?"

"Here now!" cried Doctor Keene in a perfect passion of irritation, "I'll ask you to go and see for yourself. Outrageous!" He snapped the last word out in almost one syllable, then he turned away muttering: "Do you imagine a case like this will help my professional reputation? One more would ruin me - ruin anybody."

"What's the matter?" demanded Mr. Button appalled. "Triplets?"

"No, not triplets!" answered the doctor cuttingly. "What's more, you can go and see for yourself. And get another doctor. I brought you into the world, young man, and I've been physician to your family for forty years, but I'm through with you! I don't want to see you or any of your relatives ever again! Good - bye!"

Then he turned sharply, and without another word climbed into his phaeton, which was waiting at the curbstone, and drove severely away.

Mr. Button stood there upon the sidewalk, stupefied and trembling from head to foot. What horrible mishap had occurred? He had suddenly lost all desire to go into the Maryland Private Hospital for Ladies and Gentlemen - it was with the greatest difficulty that, a moment later, he forced himself to mount the steps and enter the front door.

A nurse was sitting behind a desk in the opaque gloom of the hall. Swallowing his shame, Mr. Button approached her.

"Good morning," she remarked, looking up at him pleasantly.

"Good morning. I - I am Mr. Button."

At this a look of utter terror spread itself over girl's face. She rose to her feet and seemed about to fly from the hall, restraining herself only with the most apparent difficulty.

"I want to see my child," said Mr. Button.

The nurse gave a little scream. "Oh - of course!" she cried hysterically. "Upstairs. Right upstairs. Go - up!"

She pointed the direction, and Mr. Button, bathed in cool perspiration, turned falteringly, and began to mount to the second floor. In the upper hall he addressed another nurse who approached him, basin in hand. "I'm Mr. Button," he managed to articulate. "I want to see my -"

Clank! The basin clattered to the floor and rolled in the direction of the stairs. Clank! Clank! I began a methodical decent as if sharing in the general terror which this gentleman provoked.

"I want to see my child!" Mr. Button almost shrieked. He was on the verge of collapse.

Clank! The basin reached the first floor. The nurse regained control of herself, and threw Mr. Button a look of hearty contempt.

"All right, Mr. Button," she agreed in a hushed voice. "Very well! But if you knew what a state it's put us all in this morning! It's perfectly outrageous! The hospital will never have a ghost of a reputation after -"

"Hurry!" he cried hoarsely. "I can't stand this!"

"Come this way, then, Mr. Button."

He dragged himself after her. At the end of a long hall they reached a room from which proceeded a variety of howls - indeed, a room which, in later parlance, would have been known as the "crying - room." They entered.

Ranged around the walls were half a dozen white - enameled rolling cribs, each with a tag tied at the head.

"Well," gasped Mr. Button, "which is mine?"

"There!" said the nurse.

Mr. Button's eyes followed her pointing finger, and this is what he saw. Wrapped in a voluminous white blanket, and partly crammed into one of the cribs, there sat an old man apparently about seventy years of age. His sparse hair was almost white, and from his chin dripped a long smoke - colored beard, which waved absurdly back and forth, fanned by the breeze coming in at the window. He looked up at Mr. Button with dim, faded eyes in which lurked a puzzled question.

"Am I mad?" thundered Mr. Button, his terror resolving into rage. "Is this some ghastly hospital joke?"

"It doesn't seem like a joke to us," replied the nurse severely. "And I don't know whether you're mad or not - but that is most certainly your child."

The cool perspiration redoubled on Mr. Button's forehead. He closed his eyes, and then, opening them, looked again. There was no mistake - he was gazing at a man of threescore and ten - a baby of threescore and ten, a baby whose feet hung over the sides of the crib in which it was reposing.

The old man looked placidly from one to the other for a moment, and then suddenly spoke in a cracked and ancient voice. "Are you my father?" he demanded.

Mr. Button and the nurse started violently.

"Because if you are," went on the old man querulously, "I wish you'd get me out of this place - or, at least, get them to put a comfortable rocker in here,"

"Where in God's name did you come from? Who are you?" burst out Mr. Button frantically.

"I can't tell you exactly who I am," replied the querulous whine, "because I've only been born a few hours - but my last name is certainly Button."

"You lie! You're an impostor!"

The old man turned wearily to the nurse. "Nice way to welcome a new - born child," he complained in a weak voice. "Tell him he's wrong, why don't you?"

"You're wrong. Mr. Button," said the nurse severely. "This is your child, and you'll have to make the best of it. We're going to ask you to take him home with you as soon as possible - some time today."

"Home?" repeated Mr. Button incredulously.

"Yes, we can't have him here. We really can't, you know?"

"I'm right glad of it," whined the old man. "This is a fine place to keep a youngster of quiet tastes. With all this yelling and howling, I haven't been able to get a wink of sleep. I asked for something to eat" - here his voice rose to a shrill note of protest - "and they brought me a bottle of milk!"

Mr. Button sank down upon a chair near his son and concealed his face in his hands. "My heavens!" he murmured, in an ecstasy of horror. "What will people say? What must I do?"

"You'll have to take him home," insisted the nurse - "immediately!"

A grotesque picture formed itself with dreadful clarity before the eyes of the tortured man - a picture of himself walking through the crowded streets of the city with this appalling apparition stalking by his side. "I can't. I can't," he moaned.

People would stop to speak to him, and what was he going to say? He would have to introduce this - this septuagenarian: "This is my son, born early this morning." And then the old man would gather his blanket around him and they would plod on, past the bustling stores, the slave market - for a dark instant Mr. Button wished passionately that his son was black - past the luxurious houses of the residential district, past the home for the aged...

"Come! Pull yourself together," commanded the nurse.

"See here," the old man announced suddenly, "if you think I'm going to walk home in this blanket, you're entirely mistaken."

"Babies always have blankets."

With a malicious crackle the old man held up a small white swaddling garment. "Look!" he quavered. "This is what they had ready for me."

"Babies always wear those," said the nurse primly.

"Well," said the old man, "this baby's not going to wear anything in about two minutes. This blanket itches. They might at least have given me a sheet."

"Keep it on! Keep it on!" said Mr. Button hurriedly. He turned to the nurse. "What'll I do?"

"Go down town and buy your son some clothes."

Mr. Button's son's voice followed him down into the hall: "And a cane, father. I want to have a cane."

Mr. Button banged the outer door savagely...

II

"Good - morning," Mr. Button said nervously, to the clerk in the Chesapeake Dry Goods Company. "I want to buy some clothes for my child."

"How old is your child, sir?"

"About six hours," answered Mr. Button, without due consideration.

"Babies' supply department in the rear."

"Why, I don't think - I'm not sure that's what I want. It's - he's an unusually large - size child. Exceptionally - ah large."

"They have the largest child's sizes."

"Where is the boys' department?" inquired Mr. Button, shifting his ground desperately. He felt that the clerk must surely scent his shameful secret.

"Right here."

"Well -" He hesitated. The notion of dressing his son in men's clothes was repugnant to him. If, say, he could only find a very large boy's suit, he might cut off that long and awful beard, dye the white hair brown, and thus manage to conceal the worst, and to retain something of his own self - respect - not to mention his position in Baltimore society.

But a frantic inspection of the boys' department revealed no suits to fit the new - born Button. He blamed the store, of course - in such cases it is the thing to blame the store.

"How old did you say that boy of yours was?" demanded the clerk curiously.

"He's - sixteen."

"Oh, I beg your pardon. I thought you said six hours. You'll find the youths' department in the next aisle."

Mr. Button turned miserably away. Then he stopped, brightened, and pointed his finger toward a dressed dummy in the window display. "There!" he exclaimed. "I'll take that suit, out there on the dummy."

The clerk stared. "Why," he protested, "that's not a child's suit. At least it is, but it's for fancy dress. You could wear it yourself!"

"Wrap it up," insisted his customer nervously. "That's what I want."

The astonished clerk obeyed.

Back at the hospital Mr. Button entered the nursery and almost threw the package at his son. "Here's your clothes," he snapped out.

The old man untied the package and viewed the contents with a quizzical eye.

"They look sort of funny to me," he complained, "I don't want to be made a monkey of -"

"You've made a monkey of me!" retorted Mr. Button fiercely. "Never you mind how funny you look. Put them on - or I'll - or I'll spank you." He swallowed uneasily at the penultimate word, feeling nevertheless that it was the proper thing to say.

"All right, father" - this with a grotesque simulation of filial respect - "you've lived longer; you know best. Just as you say."

As before, the sound of the word "father" caused Mr. Button to start violently.

"And hurry."

"I'm hurrying, father."

When his son was dressed Mr. Button regarded him with depression. The costume consisted of dotted socks, pink pants, and a belted blouse with a wide white collar. Over the latter waved the long whitish beard, drooping almost to the waist. The effect was not good.

"Wait!"

Mr. Button seized a hospital shears and with three quick snaps amputated a large section of the beard. But even with this improvement the ensemble fell far short of perfection. The remaining brush of scraggly hair, the watery eyes, the ancient teeth, seemed oddly out of tone with the gaiety of the costume. Mr. Button, however, was obdurate - he held out his hand. "Come along!" he said sternly.

His son took the hand trustingly. "What are you going to call me, dad?" he quavered as they walked from the nursery - "just 'baby' for a while? till you think of a better name?"

Mr. Button grunted. "I don't know," he answered harshly. "I think we'll call you Methuselah."

III

Even after the new addition to the Button family had had his hair cut short and then dyed to a sparse unnatural black, had had his face shaved so close that it glistened, and had been attired in small - boy clothes made to order by a flabbergasted tailor, it was impossible for Button to ignore the fact that his son was an excuse for a first family baby. Despite his aged stoop, Benjamin Button - for it was by this name they called him instead of by the appropriate but invidious Methuselah - was five feet eight inches tall. His clothes did not conceal this, nor did the clipping and dyeing of his eyebrows disguise the fact that the eyes under - were faded and watery and tired. In fact, the baby - nurse who had been engaged in advance left the house after one look, in a state of considerable indignation.

But Mr. Button persisted in his unwavering purpose. Benjamin was a baby, and a baby he should remain. At first he declared that if Benjamin didn't like warm milk he could go without food altogether, but he was finally prevailed upon to allow his son bread and butter, and even oatmeal by way of a compromise. One day he brought home a rattle and, giving it to Benjamin, insisted in no uncertain terms that he should "play with it," whereupon the old man took it with - a weary expression and could be heard jingling it obediently at intervals throughout the day.

There can be no doubt, though, that the rattle bored him, and that he found other and more soothing amusements when he was left alone. For instance, Mr. Button discovered one day that during the preceding week he had smoked more cigars than ever before - a phenomenon, which was explained a few days later when, entering the nursery unexpectedly, he found the room full of faint blue haze and Benjamin, with a guilty expression on his face, trying to conceal the butt of a dark Havana. This, of course, called for a severe spanking, but Mr. Button found that he could not bring himself to administer it. He merely warned his son that he would "stunt his growth."

Nevertheless he persisted in his attitude. He brought home lead soldiers, he brought toy trains, he brought large pleasant animals made of cotton, and, to perfect the illusion which he was creating - for himself at least - he passionately demanded of the clerk in the toy - store whether "the paint would come off the pink duck if the baby put it in his mouth." But, despite all his father's efforts, Benjamin refused to be interested. He would steal down the back stairs and return to the nursery with a volume of the Encyclopedia Britannica, over which he would pore through an afternoon, while his cotton cows and his Noah's ark were left neglected on the floor. Against such stubbornness Mr. Button's efforts were of little avail.

The sensation created in Baltimore was, at first, prodigious. What the mishap would have cost the Buttons and their kinsfolk socially cannot be determined, for the outbreak of the Civil War drew the city's attention to other things. A few people who were unfailingly polite racked their brains for compliments to give to the parents - and finally hit upon the ingenious device of declaring that the baby resembled his grandfather, a fact which, due to the standard state of decay common to all men of seventy, could not be denied. Mr. and Mrs. Roger Button were not pleased, and Benjamin's grandfather was furiously insulted.

Benjamin, once he left the hospital, took life as he found it. Several small boys were brought to see him, and he spent a stiff - jointed afternoon trying to work up an interest in tops and marbles - he even managed, quite accidentally, to break a kitchen window with a stone from a sling shot, a feat which secretly delighted his father.

Thereafter Benjamin contrived to break something every day, but he did these things only because they were expected of him, and because he was by nature obliging.

When his grandfather's initial antagonism wore off, Benjamin and that gentleman took enormous pleasure in one another's company. They would sit for hours, these two, so far apart in age and experience, and, like old cronies, discuss with tireless monotony the slow events of the day. Benjamin felt more at ease in his grandfather's presence than in his parents' - they seemed always somewhat in awe of him and, despite the dictatorial authority they exercised over him, frequently addressed him as "Mr."

He was as puzzled as any one else at the apparently advanced age of his mind and body at birth. He read up on it in the medical journal, but found that no such case had been previously recorded. At his father's urging he made an honest attempt to play with other boys, and frequently he joined in the milder games - football shook him up too much, and he feared that in case of a fracture his ancient bones would refuse to knit.

When he was five he was sent to kindergarten, where he initiated into the art of pasting green paper on orange paper, of weaving colored maps and manufacturing eternal cardboard necklaces. He was inclined to drowse off to sleep in the middle of these tasks, a habit which both irritated and frightened his young teacher. To his relief she complained to his parents, and he was removed from the school. The Roger Buttons told their friends that they felt he was too young.

By the time he was twelve years old his parents had grown used to him. Indeed, so strong is the force of custom that they no longer felt that he was different from any other child - except when some curious anomaly reminded them of the fact. But one day a few weeks after his twelfth birthday, while looking in the mirror, Benjamin made, or thought he made, an astonishing discovery. Did his eyes deceive him, or had his hair turned in the dozen years of his life from white to iron - gray under its concealing dye? Was the network of wrinkles on his face becoming less pronounced? Was his skin healthier and firmer, with even a touch of ruddy winter color? He could not tell. He knew that he no longer stooped, and that his physical condition had improved since the early days of his life.

"Can it be - ?" he thought to himself, or, rather, scarcely dared to think.

He went to his father. "I am grown," he announced determinedly. "I want to put on long trousers."

His father hesitated. "Well," he said finally, "I don't know. Fourteen is the age for putting on long trousers - and you are only twelve."

"But you'll have to admit," protested Benjamin, "that I'm big for my age."

His father looked at him with illusory speculation. "Oh, I'm not so sure of that," he said. "I was as big as you when I was twelve."

This was not true - it was all part of Roger Button's silent agreement with himself to believe in his son's normality.

Finally a compromise was reached. Benjamin was to continue to dye his hair. He was to make a better attempt to play with boys of his own age. He was not to wear his

spectacles or carry a cane in the street. In return for these concessions he was allowed his first suit of long trousers...

IV

Of the life of Benjamin Button between his twelfth and twenty - first year I intend to say little. Suffice to record that they were years of normal ungrowth. When Benjamin was eighteen he was erect as a man of fifty; he had more hair and it was of a dark gray; his step was firm, his voice had lost its cracked quaver and descended to a healthy baritone. So his father sent him up to Connecticut to take examinations for entrance to Yale College. Benjamin passed his examination and became a member of the freshman class.

On the third day following his matriculation he received a notification from Mr. Hart, the college registrar, to call at his office and arrange his schedule. Benjamin, glancing in the mirror, decided that his hair needed a new application of its brown dye, but an anxious inspection of his bureau drawer disclosed that the dye bottle was not there. Then he remembered - he had emptied it the day before and thrown it away.

He was in a dilemma. He was due at the registrar's in five minutes. There seemed to be no help for it - he must go as he was. He did.

"Good - morning," said the registrar politely. "You've come to inquire about your son."

"Why, as a matter of fact, my name's Button -" began Benjamin, but Mr. Hart cut him off.

"I'm very glad to meet you, Mr. Button. I'm expecting your son here any minute."

"That's me!" burst out Benjamin. "I'm a freshman."

"What!"

"I'm a freshman."

"Surely you're joking."

"Not at all."

The registrar frowned and glanced at a card before him. "Why, I have Mr. Benjamin Button's age down here as eighteen."

"That's my age," asserted Benjamin, flushing slightly.

The registrar eyed him wearily. "Now surely, Mr. Button, you don't expect me to believe that."

Benjamin smiled wearily. "I am eighteen," he repeated.

The registrar pointed sternly to the door. "Get out," he said. "Get out of college and get out of town. You are a dangerous lunatic."

"I am eighteen."

Mr. Hart opened the door. "The idea!" he shouted. "A man of your age trying to enter here as a freshman. Eighteen years old, are you? Well, I'll give you eighteen minutes to get out of town."

Benjamin Button walked with dignity from the room, and half a dozen undergraduates, who were waiting in the hall, followed him curiously with their eyes. When he had gone a little way he turned around, faced the infuriated registrar, who was still standing in the door - way, and repeated in a firm voice: "I am eighteen years old."

To a chorus of titters which went up from the group of undergraduates, Benjamin walked away.

But he was not fated to escape so easily. On his melancholy walk to the railroad station he found that he was being followed by a group, then by a swarm, and finally by a dense mass of undergraduates. The word had gone around that a lunatic had passed the entrance examinations for Yale and attempted to palm himself off as a youth of eighteen. A fever of excitement permeated the college. Men ran hatless out of classes, the football team abandoned its practice and joined the mob, professors' wives with bonnets awry and bustles out of position, ran shouting after the procession, from which proceeded a continual succession of remarks aimed at the tender sensibilities of Benjamin Button.

"He must be the Wandering Jew!"

"He ought to go to prep school at his age!"

"Look at the infant prodigy!"

"He thought this was the old men's home."

"Go up to Harvard!"

Benjamin increased his gait, and soon he was running. He would show them! He would go to Harvard, and then they would regret these ill - considered taunts!

Safely on board the train for Baltimore, he put his head from the window. "You'll regret this!" he shouted.

"Ha - ha!" the undergraduates laughed. "Ha - ha - ha!" It was the biggest mistake that Yale College had ever made...

V

In 1880 Benjamin Button was twenty years old, and he signaled his birthday by going to work for his father in Roger Button & Co., Wholesale Hardware. It was in that same year that he began "going out socially" - that is, his father insisted on taking him to several fashionable dances. Roger Button was now fifty, and he and his son were more and more companionable - in fact, since Benjamin had ceased to dye his hair (which was still grayish) they appeared about the same age, and could have passed for brothers.

One night in August they got into the phaeton attired in their full-dress suits and drove out to a dance at the Shevlins' country house, situated just outside of Baltimore. It was a gorgeous evening. A full moon drenched the road to the lustreless color of platinum, and late - blooming harvest flowers breathed into the motionless air aromas that were like low, half - heard laughter. The open country, carpeted for rods around with bright wheat, was translucent as in the day. It was almost impossible not to be affected by the sheer beauty of the sky - almost.

"There's a great future in the dry - goods business," Roger Button was saying. He was not a spiritual man - his aesthetic sense was rudimentary.

"Old fellows like me can't learn new tricks," he observed profoundly. "It's you youngsters with energy and vitality that have the great future before you."

Far up the road the lights of the Shevlins' country house drifted into view, and presently there was a sighing sound that crept persistently toward them - it might have been the fine plaint of violins or the rustle of the silver wheat under the moon.

They pulled up behind a handsome brougham whose passengers were disembarking at the door. A lady got out, then an elderly gentleman, then another young lady, beautiful as sin. Benjamin started; an almost chemical change seemed to dissolve and recompose the very elements of his body. A rigor passed over him, blood rose into his cheeks, his forehead, and there was a steady thumping in his ears. It was first love.

The girl was slender and frail, with hair that was ashen under the moon and honey-colored under the sputtering gas - lamps of the porch. Over her shoulders was thrown a Spanish mantilla of softest yellow, butterflyed in black; her feet were glittering buttons at the hem of her bustled dress.

Roger Button leaned over to his son. "That," he said, "is young Hildegarde Moncrief, the daughter of General Moncrief."

Benjamin nodded coldly. "Pretty little thing," he said indifferently. But when the negro boy had led the buggy away, he added: "Dad, you might introduce me to her."

They approached a group, of which Miss Moncrief was the center. Reared in the old tradition, she curtsied low before Benjamin. Yes, he might have a dance. He thanked her and walked away - staggered away.

The interval until the time for his turn should arrive dragged itself out interminably. He stood close to the wall, silent, inscrutable, watching with murderous eyes the young bloods of Baltimore as they eddied around Hildegarde Moncrief, passionate admiration in their faces. How obnoxious they seemed to Benjamin; how intolerably rosy! Their curling brown whiskers aroused in him a feeling equivalent to indigestion.

But when his own time came, and he drifted with her out upon the changing floor to the music of the latest waltz from Paris, his jealousies and anxieties melted from him like a mantle of snow. Blind with enchantment, he felt that life was just beginning.

"You and your brother got here just as we did, didn't you?" asked Hildegarde, looking up at him with eyes that were like bright blue enamel.

Benjamin hesitated. If she took him for his father's brother, would it be best to enlighten her? He remembered his experience at Yale, so he decided against it. It would be rude to contradict a lady; it would be criminal to mar this exquisite occasion with the grotesque story of his origin. Later, perhaps. So he nodded, smiled, listened, was happy.

"I like men of your age," Hildegarde told him. "Young boys are so idiotic. They tell me how much champagne they drink at college, and how much money they lose playing cards. Men of your age know how to appreciate women."

Benjamin felt himself on the verge of a proposal - with an effort he choked back the impulse.

"You're just the romantic age," she continued - "fifty. Twenty - five is too worldly-wise; thirty is apt to be pale from overwork; forty is the age of long stories that take a whole cigar to tell; sixty is - oh, sixty is too near seventy; but fifty is the mellow age. I love fifty."

Fifty seemed to Benjamin a glorious age. He longed passionately to be fifty.

"I've always said," went on Hildegarde, "that I'd rather marry a man of fifty and be taken care of than many a man of thirty and take care of him."

For Benjamin the rest of the evening was bathed in a honey - colored mist. Hildegarde gave him two more dances, and they discovered that they were marvelously in accord on all the questions of the day. She was to go driving with him on the following Sunday, and then they would discuss all these questions further.

Going home in the phaeton just before the crack of dawn, when the first bees were humming and the fading moon glimmered in the cool dew, Benjamin knew vaguely that his father was discussing wholesale hardware.

"... And what do you think should merit our biggest attention after hammers and nails?" the elder Button was saying.

"Love," replied Benjamin absent - mindedly.

"Lugs?" exclaimed Roger Button, "Why, I've just covered the question of lugs."

Benjamin regarded him with dazed eyes just as the eastern sky was suddenly cracked with light, and an oriole yawned piercingly in the quickening trees...

VI

When, six months later, the engagement of Miss Hildegarde Moncrief to Mr. Benjamin Button was made known (I say "made known," for General Moncrief declared he would rather fall upon his sword than announce it), the excitement in Baltimore society reached a feverish pitch. The almost forgotten story of Benjamin's birth was remembered

and sent out upon the winds of scandal in picaresque and incredible forms. It was said that Benjamin was really the father of Roger Button, that he was his brother who had been in prison for forty years, that he was John Wilkes Booth in disguise - and, finally, that he had two small conical horns sprouting from his head.

The Sunday supplements of the New York papers played up the case with fascinating sketches which showed the head of Benjamin Button attached to a fish, to a snake, and, finally, to a body of solid brass. He became known, journalistically, as the Mystery Man of Maryland. But the true story, as is usually the case, had a very small circulation.

However, every one agreed with General Moncrief that it was "criminal" for a lovely girl who could have married any beau in Baltimore to throw herself into the arms of a man who was assuredly fifty. In vain Mr. Roger Button published Us son's birth certificate in large type in the Baltimore Blaze. No one believed it. You had only to look at Benjamin and see.

On the part of the two people most concerned there was no wavering. So many of the stories about her fiance were false that Hildegarde refused stubbornly to believe even the true one. In vain General Moncrief pointed out to her the high mortality among men of fifty - or, at least, among men who looked fifty; in vain he told her of the instability of the wholesale hardware business. Hildegarde had chosen to marry for mellowness, and marry she did...

VII

In one particular, at least, the friends of Hildegarde Moncrief were mistaken. The wholesale hardware business prospered amazingly. In the fifteen years between Benjamin Button's marriage in 1880 and his father's retirement in 1895, the family fortune was doubled - and this was due largely to the younger member of the firm.

Needless to say, Baltimore eventually received the couple to its bosom. Even old General Moncrief became reconciled to his son - in - law when Benjamin gave him the money to bring out his History of the Civil War in twenty volumes, which had been refused by nine prominent publishers.

In Benjamin himself fifteen years had wrought many changes. It seemed to him that the blood flowed with new vigor through his veins. It began to be a pleasure to rise in the morning, to walk with an active step along the busy, sunny street, to work untiringly with his shipments of hammers and his cargoes of nails. It was in 1890 that he executed his famous business coup: he brought up the suggestion that *all nails used in nailing up the boxes in which nails are shipped are the property of the shippee*, a proposal which became a statute, was

approved by Chief Justice Fossile, and saved Roger Button and Company, Wholesale Hardware, more than six hundred nails every year.

In addition, Benjamin discovered that he was becoming more and more attracted by the gay side of life. It was typical of his growing enthusiasm for pleasure that he was the first man in the city of Baltimore to own and run an automobile. Meeting him on the street, his contemporaries would stare enviously at the picture he made of health and vitality.

"He seems to grow younger every year," they would remark. And if old Roger Button, now sixty - five years old, had failed at first to give a proper welcome to his son he atoned at last by bestowing on him what amounted to adulation.

And here we come to an unpleasant subject which it will be well to pass over as quickly as possible. There was only one thing that worried Benjamin Button; his wife had ceased to attract him.

At that time Hildegarde was a woman of thirty - five, with a son, Roscoe, fourteen years old. In the early days of their marriage Benjamin had worshipped her. But, as the years passed, her honey - colored hair became an unexciting brown, the blue enamel of her eyes assumed the aspect of cheap crockery - moreover, and, most of all, she had become too settled in her ways, too placid, too content, too anemic in her excitements, and too sober in her taste. As a bride it been she who had "dragged" Benjamin to dances and dinners - now conditions were reversed. She went out socially with him, but without enthusiasm, devoured already by that eternal inertia which comes to live with each of us one day and stays with us to the end.

Benjamin's discontent waxed stronger. At the outbreak of the Spanish - American War in 1898 his home had for him so little charm that he decided to join the army. With his business influence he obtained a commission as captain, and proved so adaptable to the work that he was made a major, and finally a lieutenant - colonel just in time to participate in the celebrated charge up San Juan Hill. He was slightly wounded, and received a medal.

Benjamin had become so attached to the activity and excitement of array life that he regretted to give it up, but his business required attention, so he resigned his commission and came home. He was met at the station by a brass band and escorted to his house.

VIII

Hildegarde, waving a large silk flag, greeted him on the porch, and even as he kissed her he felt with a sinking of the heart that these three years had taken their toll. She was a woman of forty now, with a faint skirmish line of gray hairs in her head. The sight depressed him.

Up in his room he saw his reflection in the familiar mirror - he went closer and examined his own face with anxiety, comparing it after a moment with a photograph of himself in uniform taken just before the war.

"Good Lord!" he said aloud. The process was continuing. There was no doubt of it - he looked now like a man of thirty. Instead of being delighted, he was uneasy - he was growing younger. He had hitherto hoped that once he reached a bodily age equivalent to his age in years, the grotesque phenomenon which had marked his birth would cease to function. He shuddered. His destiny seemed to him awful, incredible.

When he came downstairs Hildegard was waiting for him. She appeared annoyed, and he wondered if she had at last discovered that there was something amiss. It was with an effort to relieve the tension between them that he broached the matter at dinner in what he considered a delicate way.

"Well," he remarked lightly, "everybody says I look younger than ever."

Hildegard regarded him with scorn. She sniffed. "Do you think it's anything to boast about?"

"I'm not boasting," he asserted uncomfortably.

She sniffed again. "The idea," she said, and after a moment: "I should think you'd have enough pride to stop it."

"How can I?" he demanded.

"I'm not going to argue with you," she retorted. "But there's a right way of doing things and a wrong way. If you've made up your mind to be different from everybody else, I don't suppose I can stop you, but I really don't think it's very considerate."

"But, Hildegard, I can't help it."

"You can too. You're simply stubborn. You think you don't want to be like any one else. You always have been that way, and you always will be. But just think how it would be if every one else looked at things as you do - what would the world be like?"

As this was an inane and unanswerable argument Benjamin made no reply, and from that time on a chasm began to widen between them. He wondered what possible fascination she had ever exercised over him.

To add to the breach, he found, as the new century gathered headway, that his thirst for gaiety grew stronger. Never a party of any kind in the city of Baltimore but he was there, dancing with the prettiest of the young married women, chatting with the most popular of the debutantes, and finding their company charming, while his wife, a dowager of evil omen, sat among the chaperons, now in haughty disapproval, and now following him with solemn, puzzled, and reproachful eyes.

"Look!" people would remark. "What a pity! A young fellow that age tied to a woman of forty - five. He must be twenty years younger than his wife." They had

forgotten - as people inevitably forget - that back in 1880 their mammas and papas had also remarked about this same ill - matched pair.

Benjamin's growing unhappiness at home was compensated for by his many new interests. He took up golf and made a great success of it. He went in for dancing: in 1906 he was an expert at "The Boston," and in 1908 he was considered proficient at the "Maxine," while in 1909 his "Castle Walk" was the envy of every young man in town.

His social activities, of course, interfered to some extent with his business, but then he had worked hard at wholesale hardware for twenty - five years and felt that he could soon hand it on to his son, Roscoe, who had recently graduated from Harvard.

He and his son were, in fact, often mistaken for each other. This pleased Benjamin - he soon forgot the insidious fear which had come over him on his return from the Spanish - American War, and grew to take a naive pleasure in his appearance. There was only one fly in the delicious ointment - he hated to appear in public with his wife. Hildegarde was almost fifty, and the sight of her made him feel absurd...

IX

One September day in 1910 - a few years after Roger Button & Co., Wholesale Hardware, had been handed over to young Roscoe Button - a man, apparently about twenty years old, entered himself as a freshman at Harvard University in Cambridge. He did not make the mistake of announcing that he would never see fifty again, nor did he mention the fact that his son had been graduated from the same institution ten years before.

He was admitted, and almost immediately attained a prominent position in the class, partly because he seemed a little older than the other freshmen, whose average age was about eighteen.

But his success was largely due to the fact that in the football game with Yale he played so brilliantly, with so much dash and with such a cold, remorseless anger that he scored seven touchdowns and fourteen field goals for Harvard, and caused one entire eleven of Yale men to be carried singly from the field, unconscious. He was the most celebrated man in college.

Strange to say, in his third or junior year he was scarcely able to "make" the team. The coaches said that he had lost weight, and it seemed to the more observant among them that he was not quite as tall as before. He made no touchdowns - indeed, he was retained on the team chiefly in hope that his enormous reputation would bring terror and disorganization to the Yale team.

In his senior year he did not make the team at all. He had grown so slight and frail that one day he was taken by some sophomores for a freshman, an incident which

humiliated him terribly. He became known as something of a prodigy - a senior who was surely no more than sixteen - and he was often shocked at the worldliness of some of his classmates. His studies seemed harder to him - he felt that they were too advanced. He had heard his classmates speak of St. Midas's, the famous preparatory school, at which so many of them had prepared for college, and he determined after his graduation to enter himself at St. Midas's, where the sheltered life among boys his own size would be more congenial to him.

Upon his graduation in 1914 he went home to Baltimore with his Harvard diploma in his pocket. Hildegard was now residing in Italy, so Benjamin went to live with his son, Roscoe. But though he was welcomed in a general way there was obviously no heartiness in Roscoe's feeling toward him - there was even perceptible a tendency on his son's part to think that Benjamin, as he moped about the house in adolescent mooniness, was somewhat in the way. Roscoe was married now and prominent in Baltimore life, and he wanted no scandal to creep out in connection with his family.

Benjamin, no longer persona grata with the debutantes and younger college set, found himself left much done, except for the companionship of three or four fifteen - year - old boys in the neighborhood. His idea of going to St. Midas's school recurred to him.

"Say," he said to Roscoe one day, "I've told you over and over that I want to go to prep, school."

"Well, go, then," replied Roscoe shortly. The matter was distasteful to him, and he wished to avoid a discussion.

"I can't go alone," said Benjamin helplessly. "You'll have to enter me and take me up there."

"I haven't got time," declared Roscoe abruptly. His eyes narrowed and he looked uneasily at his father. "As a matter of fact," he added, "you'd better not go on with this business much longer. You better pull up short. You better - you better" - he paused and his face crimsoned as he sought for words - "you better turn right around and start back the other way. This has gone too far to be a joke. It isn't funny any longer. You - you behave yourself!"

Benjamin looked at him, on the verge of tears.

"And another thing," continued Roscoe, "when visitors are in the house I want you to call me 'Uncle' - not 'Roscoe,' but 'Uncle,' do you understand? It looks absurd for a boy of fifteen to call me by my first name. Perhaps you'd better call me 'Uncle' all the time, so you'll get used to it."

With a harsh look at his father, Roscoe turned away...

X

At the termination of this interview, Benjamin wandered dismally upstairs and stared at himself in the mirror. He had not shaved for three months, but he could find nothing on his face but a faint white down with which it seemed unnecessary to meddle. When he had first come home from Harvard, Roscoe had approached him with the proposition that he should wear eye - glasses and imitation whiskers glued to his cheeks, and it had seemed for a moment that the farce of his early years was to be repeated. But whiskers had itched and made him ashamed. He wept and Roscoe had reluctantly relented.

Benjamin opened a book of boys' stories, *The Boy Scouts in Bimini Bay*, and began to read. But he found himself thinking persistently about the war. America had joined the Allied cause during the preceding month, and Benjamin wanted to enlist, but, alas, sixteen was the minimum age, and he did not look that old. His true age, which was fifty - seven, would have disqualified him, anyway.

There was a knock at his door, and the butler appeared with a letter bearing a large official legend in the corner and addressed to Mr. Benjamin Button. Benjamin tore it open eagerly, and read the enclosure with delight. It informed him that many reserve officers who had served in the Spanish - American War were being called back into service with a higher rank, and it enclosed his commission as brigadier - general in the United States army with orders to report immediately.

Benjamin jumped to his feet fairly quivering with enthusiasm. This was what he had wanted. He seized his cap, and ten minutes later he had entered a large tailoring establishment on Charles Street, and asked in his uncertain treble to be measured for a uniform.

"Want to play soldier, sonny?" demanded a clerk casually.

Benjamin flushed. "Say! Never mind what I want!" he retorted angrily. "My name's Button and I live on Mt. Vernon Place, so you know I'm good for it."

"Well," admitted the clerk hesitantly, "if you're not, I guess your daddy is, all right."

Benjamin was measured, and a week later his uniform was completed. He had difficulty in obtaining the proper general's insignia because the dealer kept insisting to Benjamin that a nice Y.W.C.A. badge would look just as well and be much more fun to play with.

Saying nothing to Roscoe, he left the house one night and proceeded by train to Camp Mosby, in South Carolina, where he was to command an infantry brigade. On a sultry April day he approached the entrance to the camp, paid off the taxicab which had brought him from the station, and turned to the sentry on guard.

"Get some one to handle my luggage!" he said briskly.

The sentry eyed him reproachfully. "Say," he remarked, "where you goin' with the general's duds, sonny?"

Benjamin, veteran of the Spanish - American War, whirled upon him with fire in his eye, but with, alas, a changing treble voice.

"Come to attention!" he tried to thunder; he paused for breath - then suddenly he saw the sentry snap his heels together and bring his rifle to the present. Benjamin concealed a smile of gratification, but when he glanced around his smile faded. It was not he who had inspired obedience, but an imposing artillery colonel who was approaching on horseback.

"Colonel!" called Benjamin shrilly.

The colonel came up, drew rein, and looked coolly down at him with a twinkle in his eyes. "Whose little boy are you?" he demanded kindly.

"I'll soon darn well show you whose little boy I am!" retorted Benjamin in a ferocious voice. "Get down off that horse!"

The colonel roared with laughter.

"You want him, eh, general?"

"Here!" cried Benjamin desperately. "Read this." And he thrust his commission toward the colonel.

The colonel read it, his eyes popping from their sockets.

"Where'd you get this?" he demanded, slipping the document into his own pocket.

"I got it from the Government, as you'll soon find out!"

"You come along with me," said the colonel with a peculiar look. "We'll go up to headquarters and talk this over. Come along."

The colonel turned and began walking his horse in the direction of headquarters. There was nothing for Benjamin to do but follow with as much dignity as possible - meanwhile promising himself a stern revenge.

But this revenge did not materialize. Two days later, however, his son Roscoe materialized from Baltimore, hot and cross from a hasty trip, and escorted the weeping general, sans uniform, back to his home.

XI

In 1920 Roscoe Button's first child was born. During the attendant festivities, however, no one thought it "the thing" to mention, that the little grubby boy, apparently about ten years of age who played around the house with lead soldiers and a miniature circus, was the new baby's own grandfather.

No one disliked the little boy whose fresh, cheerful face was crossed with just a hint of sadness, but to Roscoe Button his presence was a source of torment. In the idiom of

his generation Roscoe did not consider the matter "efficient." It seemed to him that his father, in refusing to look sixty, had not behaved like a "red-blooded he-man" - this was Roscoe's favorite expression - but in a curious and perverse manner. Indeed, to think about the matter for as much as a half an hour drove him to the edge of insanity. Roscoe believed that "live wires" should keep young, but carrying it out on such a scale was - was - was inefficient. And there Roscoe rested.

Five years later Roscoe's little boy had grown old enough to play childish games with little Benjamin under the supervision of the same nurse. Roscoe took them both to kindergarten on the same day, and Benjamin found that playing with little strips of colored paper, making mats and chains and curious and beautiful designs, was the most fascinating game in the world. Once he was bad and had to stand in the corner - then he cried - but for the most part there were gay hours in the cheerful room, with the sunlight coming in the windows and Miss Bailey's kind hand resting for a moment now and then in his tousled hair.

Roscoe's son moved up into the first grade after a year, but Benjamin stayed on in the kindergarten. He was very happy. Sometimes when other tots talked about what they would do when they grew up a shadow would cross his little face as if in a dim, childish way he realized that those were things in which he was never to share.

The days flowed on in monotonous content. He went back a third year to the kindergarten, but he was too little now to understand what the bright shining strips of paper were for. He cried because the other boys were bigger than he, and he was afraid of them. The teacher talked to him, but though he tried to understand he could not understand at all.

He was taken from the kindergarten. His nurse, Nana, in her starched gingham dress, became the center of his tiny world. On bright days they walked in the park; Nana would point at a great gray monster and say "elephant," and Benjamin would say it after her, and when he was being undressed for bed that night he would say it over and over aloud to her: "Elyphant, elyphant, elyphant." Sometimes Nana let him jump on the bed, which was fun, because if you sat down exactly right it would bounce you up on your feet again, and if you said "Ah" for a long time while you jumped you got a very pleasing broken vocal effect.

He loved to take a big cane from the hat - rack and go around hitting chairs and tables with it and saying: "Fight, fight, fight." When there were people there the old ladies would cluck at him, which interested him, and the young ladies would try to kiss him, which he submitted to with mild boredom. And when the long day was done at five o'clock he would go upstairs with Nana and be fed on oatmeal and nice soft mushy foods with a spoon.

There were no troublesome memories in his childish sleep; no token came to him of his brave days at college, of the glittering years when he flustered the hearts of many girls. There were only the white, safe walls of his crib and Nana and a man who came to see him sometimes, and a great big orange ball that Nana pointed at just before his twilight bed hour and called "sun." When the sun went his eyes were sleepy - there were no dreams, no dreams to haunt him.

The past - the wild charge at the head of his men up San Juan Hill; the first years of his marriage when he worked late into the summer dusk down in the busy city for young Hildegard whom he loved; the days before that when he sat smoking far into the night in the gloomy old Button house on Monroe Street with his grandfather - all these had faded like unsubstantial dreams from his mind as though they had never been. He did not remember.

He did not remember clearly whether the milk was warm or cool at his last feeding or how the days passed - there was only his crib and Nana's familiar presence. And then he remembered nothing. When he was hungry he cried - that was all. Through the noons and nights he breathed and over him there were soft mumblings and murmurings that he scarcely heard, and faintly differentiated smells, and light and darkness.

Then it was all dark, and his white crib and the dim faces that moved above him, and the warm sweet aroma of the milk, faded out altogether from his mind.

O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON

I

Nos longínquos tempos de 1860, era de preceito nascer em casa. Nos dias de hoje, ao que me dizem, os grandes deuses da medicina decretaram que os primeiros gritos da mocidade devem ser emitidos no anestésico ar de um hospital, de preferência de um que esteja em voga. Por isso, o jovem casal Button estava cinquenta anos à frente das modas do seu tempo quando, num dia de verão de 1860, decidiu que o seu primeiro rebento haveria de nascer num hospital. Se este anacronismo esteve, de alguma forma, relacionado com a surpreendente história que irei agora lavrar, isso nunca se saberá.

Dir-vos-ei como tudo se passou e deixo que façam os vossos juízos.

Os senhores Button ocupavam uma posição invejável, quer social, quer financeiramente, na Baltimore *ante bellum*. Eram aparentados com Esta Família e Aqueloutra Família, o que, como sabiam todos os Sulistas, lhes conferia o direito de ingressarem na vasta elite que povoava quase toda a Confederação. Era esta a sua primeira experiência com o antigo e encantador costume de ter filhos. O Sr. Button estava, naturalmente, nervoso. Esperava que fosse um rapaz, para o enviar para a Universidade de Yale, no Connecticut, uma instituição em que o próprio Sr. Button fora, durante quatro anos, conhecido pela relativamente óbvia alcunha de “Punho”¹.

Na manhã de setembro consagrada ao grande acontecimento, o Sr. Button levantou-se nervosamente às seis da manhã, vestiu-se, acomodou um impecável lenço à volta do pescoço e apressou-se pelas ruas de Baltimore a caminho do hospital, a fim de averiguar se a escuridão da noite trouxera no seu seio uma nova vida.

Quando se encontrava a cerca de noventa metros do Hospital Privado de Maryland para Senhoras e Cavalheiros, viu o Dr. Keene, médico da família, descer a escadaria da frente, esfregando as mãos como se as estivesse a lavar – como é, aliás, tacitamente exigido a todos os médicos pela ética da sua profissão.

O Sr. Roger Button, presidente da Roger Button & Co., Grossistas de Ferragens, começou a correr em direção ao Dr. Keene, com muito menos dignidade do que a que seria de esperar de um carvalheiro sulista daquele pitoresco período.

“Dr. Keene!” gritou. “Ó, Dr. Keene!”

O médico ouviu-o, voltou-se e parou à espera, assomando-lhe ao rosto severo e medicinal, enquanto o Sr. Button se aproximava, uma expressão curiosa.

“O que aconteceu?” perguntou o Sr. Button, subindo as escadas numa correria ofegante. “O que foi? Como está ela? Um rapaz? Quem é? O que...?”

¹ Jogo de palavras entre “cuff” (punho de uma camisa) e o apelido da personagem, Button (botão) (N. da T.).

“Fale como deve ser, homem!” disse bruscamente o Dr. Keene, que parecia um pouco irritado.

“A criança já nasceu?” perguntou o Sr. Button.

O Dr. Keene franziu o sobrolho.

“Ora, pois, pode dizer-se que sim” respondeu o médico, lançando novamente um olhar curioso ao Sr. Button.

“A minha esposa está bem?”

“Sim.”

“É um rapaz ou uma rapariga?”

“Ora agora!” gritou o Dr. Keene num autêntico acesso de cólera.

“Vá ver com os seus próprios olhos. Um ultraje!”

Rosnou estas palavras quase numa única sílaba e então voltou costas, resmungando:

“Agora um caso destes vai lá ajudar a minha reputação profissional! Mais um e estou arruinado – qualquer um estaria!”

“O que aconteceu?” perguntou aterrorizado o Sr. Button. “Gêmeos triplos?”

“Não, não são gêmeos triplos!” respondeu, cortante, o médico. “Além disso, pode ir ver com os seus próprios olhos. E arranje outro médico. Fui eu que o trouxe a si ao mundo, meu caro rapaz, e fui médico da sua família durante quarenta anos, mas já chega! Nunca mais o quero ver, nem a si, nem a ninguém da sua família! Adeus!”

O médico voltou-se de forma brusca e, sem mais palavra, subiu para o seu fâeton, que o esperava no lancil, partindo abruptamente.

O Sr. Button ali ficou, no passeio, entorpecido e trémulo da cabeça aos pés. Que terrível contratempo teria ocorrido? Subitamente, perdera a vontade de entrar no Hospital Privado de Maryland para Senhoras e Cavalheiros. Foi com a maior das dificuldades que, momentos mais tarde, se obrigou a subir os degraus e a entrar pela porta da frente.

Atrás de uma secretária, na melancolia opaca do corredor, estava sentada uma enfermeira. Engolindo a sua vergonha, o Sr. Button aproximou-se.

“Bom dia,” observou a enfermeira, olhando amavelmente para cima, para o Sr. Button.

“Bom dia. Eu... eu sou o Sr. Button.”

Ao ouvir tais palavras, um olhar de absoluto terror invadiu o rosto da rapariga. Pôs-se então de pé e parecia prestes a voar corredor fora, acabando por refrear-se com o que aparentava ser a maior das dificuldades.

“Quero ver o meu filho,” disse o Sr. Button.

A enfermeira soltou um gritinho.

“Ó, com certeza!” respondeu ela, esganiçada. “Lá em cima. É já lá em cima. Suba!”

Apontou o caminho ao Sr. Button, que, banhado em suores frios, se virou hesitante, começando depois a subir até ao segundo piso. No corredor superior, dirigiu-se a uma

outra enfermeira, que se aproximava de bacia na mão.

“Sou o Sr. Button,” articulou a custo. “Quero ver o meu...”

Plim! Retiniu a bacia no chão, rolando na direção das escadas. *Plim! Plim!* Lançou-se a bacia numa descida metódica, como se partilhasse o terror geral provocado por aquele cavalheiro.

“Quero ver o meu filho!” exclamou o Sr. Button quase num guincho. Estava à beira do colapso.

Plim! A bacia alcançara o primeiro piso. A enfermeira conseguiu então controlar-se e atirou ao Sr. Button um olhar de sentido desprezo.

“Está *bem*, Sr. Button,” disse ela numa voz abafada. “Muito *bem*. Mas se *soubesse* em que estado tudo isto nos pôs esta manhã! É um verdadeiro ultraje! O hospital nunca mais terá sequer a sombra de uma boa reputação depois de...”

“Despache-se!” gritou ele já rouco. “Não aguento isto!”

“Venha então por aqui, Sr. Button.”

O Sr. Button arrastou-se atrás da enfermeira. Depois de percorrerem um longo corredor, chegaram a uma sala de onde provinha uma variedade de gemidos – um quarto que, de facto, viria, num linguajar posterior, a ser conhecido como “sala da berriaria”. Entraram. Ao longo das paredes, havia meia dúzia de berços de esmalte branco, com rodas, cada qual com uma etiqueta atada à cabeceira.

“Então,” arfou o Sr. Button, “qual deles é o meu?”

“Está ali,” respondeu ela.

Os olhos do Sr. Button seguiram o dedo da enfermeira e o que viram foi o seguinte: enrolado numa volumosa manta branca, e parcialmente enfiado num dos berços, estava um idoso que aparentava cerca de setenta anos. O seu pouco cabelo estava quase branco e do seu queixo pendia uma longa barba, amarelada de fumo, que ondulava, de forma absurda, para trás e para a frente, agitada pela brisa que entrava pela janela. O homem olhou para cima, para o Sr. Button, com uns olhos turvos e esbatidos, de onde espreitava uma dúvida desconcertada.

“Estarei louco?” bradou o Sr. Button, o seu terror decidido a transformar-se em fúria. “Mas isto é alguma graçola macabra que fazem nos hospitais?”

“A nós não nos parece uma graçola,” ripostou, muito séria, a enfermeira. “E eu não sei se o senhor é louco ou não, mas este é, com toda a certeza, o seu filho.”

Os suores frios multiplicaram-se na testa do Sr. Button. Fechou os olhos e, ao abri-los uma outra vez, voltou a olhar para o filho. Não havia dúvidas: encarava um homem que passara já da meia-idade, um *bebé* de setenta anos, um bebé cujos pés pendiam dos lados do berço em que repousava.

Por um instante, o velho olhou placidamente do Sr. Button para a enfermeira e, de repente, falou, numa voz quebrada e ancestral.

“O senhor é o meu pai?” perguntou.

O Sr. Button e a enfermeira sobressaltaram-se violentamente.

“Porque, se é,” continuou o velho rezingão, “gostava que me levasse daqui ou, pelo menos, que os convencesse a trazerem-me uma cadeira de baloiço confortável.”

“Por amor de Deus, mas de onde vieste tu? Quem és?” explodiu desenfreado o Sr. Button.

“Não sou capaz de lhe dizer *exatamente* quem sou,” respondeu o choramingas queixoso, “porque nasci há poucas horas, mas o meu último nome é mesmo Button.”

“Estás a mentir! És um impostor!”

Fatigado, o velho virou-se para a enfermeira.

“Bonita forma de dar as boas-vindas a um recém-nascido,” lamentou numa voz fraca. “Porque não lhe diz que está enganado?”

“Está enganado, Sr. Button,” disse a enfermeira num tom grave. “Este é o seu filho e terá de se conformar com a situação. Temos de lhe pedir que o leve para casa o mais brevemente possível. Ainda hoje.”

“Para casa?” repetiu o Sr. Button, incrédulo.

“Sim, não o podemos ter aqui. Não podemos mesmo, compreende?”

“E eu fico bem contente,” lamuriou-se o velho. “Este lugar é bom é para jovens de gostos simples. Com tanta gritaria e tantos gemidos, nem consegui pregar olho. Pedi qualquer coisa para comer” – então a sua voz elevou-se a uma esganiçada nota de protesto – “e trouxeram-me um biberão com leite!”

O Sr. Button afundou-se numa cadeira ao lado do filho e escondeu o rosto nas mãos.

“Céus!” murmurou, num êxtase de terror. “O que irão as pessoas dizer? O que devo fazer?”

“Tem de levá-lo para casa,” insistiu a enfermeira. “Imediatamente!”

Com uma nitidez aterradora, formou-se uma imagem grotesca aos olhos daquele homem atormentado: a imagem dele próprio a caminhar pelas ruas apinhadas de gente com aquela aparição arrepiante a rondá-lo.

“Não posso. Não posso,” disse num gemido.

As pessoas parariam para falar com ele e o que diria? Teria de apresentar aquele... aquele septuagenário. “Este é o meu filho, nascido esta manhã bem cedo”. Então, o velho haveria de envolver-se na sua manta e caminhariam ambos vagarosamente, passando pelas lojas cheias de vida, pelo mercado de escravos – por um instante sombrio, o Sr. Button desejou fervorosamente que o seu filho fosse negro –, pelas casas luxuosas do bairro residencial, pelo asilo dos velhos...

“Por favor! Controle-se!” ordenou a enfermeira.

“Ouça,” anunciou subitamente o velho, “se julga que vou andar até casa enrolado nesta manta, está muito enganado.”

“Todos os bebés usam mantas.”

Numa casquinada maléfica, o velho levantou umas fraldas de pano.

“Olhe só!” disse num tremor. “Era *isto* que tinham preparado para mim.”

“É isso que os bebés usam,” ripostou, empertigada, a enfermeira.

“Pois bem,” disse o velho, “dentro de dois minutos, este bebé não vai vestir é nada. Esta manta dá-me comichão. Antes me tivessem dado um lençol.”

“Não tires a manta! Não tires!” disse apressadamente o Sr. Button. Voltou-se então para a enfermeira.

“Mas o que hei de eu fazer?”

“Vá à baixa e compre roupa para o seu filho.”

A voz do filho do Sr. Button seguiu-o até ao fundo do corredor:

“E uma bengala, pai. Quero uma bengala.”

O Sr. Button saiu do hospital, batendo violentamente com a porta.

II

“Bom dia,” disse, nervoso, o Sr. Button ao vendedor da Loja de Produtos Secos de Chesapeake. “Queria comprar umas roupas para o meu filho.”

“Que idade tem o seu filho?”

“Cerca de seis horas,” respondeu o Sr. Button, sem a devida ponderação.

“A secção de roupa de bebé fica na traseira da loja.”

“Bom, não me parece que... não tenho a certeza de que seja isso que procuro. Aquilo... ele é uma criança invulgarmente grande. Excepcionalmente grande.”

“Eles têm os maiores tamanhos que existem para crianças.”

“Onde é a secção de roupa de rapaz?” inquiriu o Sr. Button, contradizendo-se num desespero. Parecia-lhe que o vendedor facilmente farejaria o seu vergonhoso segredo.

“Aqui mesmo.”

“Bom...” hesitou. A ideia de vestir o filho com roupa de homem repugnava-o. Se ao menos conseguisse encontrar, digamos, um fato de criança *muito* grande, poderia cortar-lhe aquela barba longa e medonha, pintar-lhe o cabelo branco de castanho e assim esconder o pior, preservando pelo menos um pedaço do respeito que nutria por si mesmo, já para não falar da sua posição na sociedade de Baltimore.

Mas uma inspeção frenética à secção de rapaz revelou que não existiam fatos que servissem ao mais recente membro da família Button. Roger Button pôs as culpas na loja, naturalmente. Nestes casos, o que se faz é responsabilizar a loja.

“Disse que o seu filho tinha que idade?” perguntou, curioso, o vendedor.

“Tem... dezasseis anos.”

“Ó, peço desculpa. Pensei que tivesse dito seis *horas*. A secção jovem fica no

corredor seguinte.”

O Sr. Button voltou as costas desconsolado. Então, deteve-se, iluminou-se e apontou para um manequim que estava na vitrine.

“Aquele!” exclamou. “Levo aquele fato que está no manequim.”

O vendedor fitou-o.

“Ora essa!” protestou. “Aquilo não é um fato de criança. Bom, até *é*, mas é uma fantasia. Até o senhor a poderia usar!”

“É para embrulhar,” insistiu nervosamente o freguês. “É aquilo que eu quero.”

Atónito, o vendedor obedeceu.

De volta ao hospital, o Sr. Button entrou no berçário e quase atirou o embrulho ao filho.

“Aqui está a tua roupa,” vociferou.

O velho desatou o embrulho e admirou o conteúdo com um olhar perplexo.

“Isto parece-me um pouco estranho,” queixou-se. “Não quero que façam de mim tolo...”

“Tolo fazes tu de mim!” replicou ferozmente o Sr. Button. “Bem podes parecer estranho que não é da tua conta. Veste isso ou eu... ou eu... ou eu dou-te uma *palmada!*”

O Sr. Button tragou constrangido a última palavra, embora considerasse adequado aquele modo de falar.

“Sim, pai,” assentiu o velho numa grotesca simulação de respeito filial. “O pai viveu mais do que eu, sabe o que é melhor para mim. Assim seja.”

Como acontecera anteriormente, o som da palavra *pai* provocou no Sr. Button um violento sobressalto.

“E despacha-te!”

“É o que estou a fazer, pai.”

Ao ver o filho vestido, o Sr. Button lançou-lhe um olhar deprimido. O fato consistia em meias às bolas, calças cor-de-rosa e uma blusa cintada com uma grande gola branca. Sobre ela, ondulava a longa barba esbranquiçada do filho, caída quase até à cintura. O resultado era deplorável.

“Espera!”

O Sr. Button agarrou numa tesoura cirúrgica e, em três rápidos estalos, amputou uma grande porção daquela barba. Mas, mesmo com este aprimoramento, o resultado final estava longe de ser perfeito. O pincelinho de cabelo desgrehado que ainda restava, os olhos aguados, os dentes ancestrais... tudo parecia destoar bizarramente da exuberância do fato. Mas o Sr. Button era um homem obstinado. Estendeu a mão:

“Vamos!” disse com aspereza.

O filho agarrou, confiante, aquela mão.

“Como vai chamar-me, papá?” perguntou o velho numa voz trémula ao saírem do

berçário. “Apenas *bebé* por agora? Até arranjar um nome melhor?”

O Sr. Button grunhiu.

“Não sei,” respondeu com dureza. “Talvez te chamemos Matusalém.”

III

Mesmo depois de o novo membro da família Button ter o cabelo cortado bem curto e pintado de um preto esparso e artificial, de ter o rosto barbeado tão rente que até cintilava e de ter sido vestido em roupa de criança, feita à medida por um alfaiate embasbacado, era impossível ao Sr. Button ignorar que o seu filho era um fraco exemplar de bebé primogénito. Apesar da sua idosa corcunda, Benjamin Button – pois foi este o nome que lhe deram, em vez do mais adequado, mas hostil, Matusalém – media um metro e setenta e três. As suas roupas não escondiam a sua altura, nem as suas sobrancelhas aparadas e pintadas disfarçavam o facto de os olhos que lhe estavam por baixo serem uns olhos esbatidos e aguados e cansados. Por isso, a ama contratada de antemão para tomar conta do bebé abandonou a casa mal o viu, num estado de considerável indignação.

Contudo, o Sr. Button insistia no seu plano inabalável. Benjamin era um bebé e assim deveria permanecer. Inicialmente, declarou que, se Benjamin não gostasse de leite quente, bem poderia passar sem comer, mas acabou por ser persuadido a deixar que o filho comesse pão e manteiga, e até papas de aveia, tendo para tal alcançado um acordo. Um dia, chegou a casa com uma roca e, entregando-a a Benjamin, impôs-lhe, de forma inequívoca, que “brincasse com ela”. O velho pegou na roca com uma expressão cansada e, ao longo do dia, de quando em quando, era possível ouvi-lo a fazê-la tilintar obedientemente.

Mas dúvidas não as havia de que a roca o entediava e de que, quando o deixavam sozinho, encontrava outras distrações mais apaziguadoras. Por exemplo, descobriu o Sr. Button um dia que, na semana anterior, havia fumado mais charutos do que em toda a sua vida – um fenómeno desvendado uns dias mais tarde quando, ao entrar sem aviso no quarto do bebé, o encontrou repleto de uma névoa de um azul débil, enquanto Benjamin, com ar culpado, tentava esconder a ponta de um havano escuro. Uma situação destas requeria, naturalmente, uma sova bem dada, mas o Sr. Button apercebeu-se de que não era capaz de a ministrar. Limitou-se a avisar o filho de que estava a “tolher o seu crescimento”.

Mesmo assim, manteve a sua postura. Levou para casa soldados de chumbo, levou comboios de brincar, levou grandes e agradáveis animais de algodão e, querendo aperfeiçoar a ilusão que estava a criar – para si próprio, pelo menos – perguntou entusiasmado ao vendedor da loja de brinquedos se “a tinta saía do pato cor-de-rosa caso o bebé o pusesse na boca”. Porém, a despeito de todos os seus esforços parentais, Benjamin recusava demonstrar qualquer interesse. Esgueirava-se pelas escadas traseiras e

voltava para o quarto com um volume da Enciclopédia Britânica, que devorava ao longo de uma tarde, enquanto as suas vacas de pano e a sua arca de Noé permaneciam negligenciadas no chão. Perante tamanha teimosia, os esforços do Sr. Button de pouco valiam.

A comoção que o caso provocou em Baltimore foi, inicialmente, assombrosa. Mas, a nível social, é impossível determinar o custo do contratempo para o casal Button e seus parentes, uma vez que o deflagrar da Guerra Civil atraiu a atenção da cidade para outras questões. As poucas pessoas que eram ainda infalivelmente cortesias davam voltas e voltas à cabeça em busca de elogios com que pudessem presentear os pais. Finalmente, lembraram-se do engenhoso estratagema de declarar que o bebé se parecia com o avô, o que, devido ao habitual estado de declínio comum a todos os homens dos seus setenta anos, não poderia ser negado. O Sr. e a Sr.^a Button não ficaram encantados com esta solução e o avô de Benjamin sentia-se vilmente insultado.

Por sua vez, Benjamin, depois de sair do hospital, levava a vida com serenidade. Eram vários os meninos que iam visitá-lo e chegou a passar uma tarde em que sentia especial emperro nas articulações a tentar desenvolver algum interesse por piões e berlindes. Conseguiu até, embora sem querer, partir a janela da cozinha com uma pedra atirada de uma figa, um feito que, secretamente, deleitou o seu pai.

Daí em diante, Benjamin arquitetou um plano que consistia em partir um objeto todos os dias, mas apenas o punha em prática por ser o que dele esperavam e também porque era, por natureza, obsequioso.

Quando o antagonismo inicial do seu avô começou a esmorecer, Benjamin e o dito cavalheiro passaram a regozijar-se na companhia um do outro. Sentavam-se durante horas, duas almas tão distantes em idade e experiência, e, quais velhos camaradas, conversavam com uma monotonia incansável sobre os vagarosos acontecimentos dos seus dias. Benjamin sentia-se mais à vontade na presença do avô do que na presença dos seus pais – eles pareciam sempre assombrados por Benjamin e, malgrado a autoridade ditatorial que exerciam sobre ele, várias vezes o tratavam por “senhor”.

Benjamin estava tão intrigado como qualquer outra pessoa com a idade aparentemente avançada da sua mente e do seu corpo à nascença. Procurou informar-se na revista de medicina, mas descobriu que, até à data, nenhum outro caso havia sido registado. Por insistência de seu pai, fazia um esforço honesto para brincar com outros rapazes e juntava-se frequentemente aos jogos mais brandos – o futebol mexia demasiado com ele e receava que, em caso de fratura, os seus ossos ancestrais se recusassem a unir-se de novo.

Aos cinco anos, mandaram-no para o infantário, onde se iniciou na arte de colar papel verde em papel laranja, de criar mapas coloridos e de confeccionar eternos colares de papelão. Tinha tendência para adormecer a meio destas tarefas, um hábito que irritava a

sua jovem professora, tanto quanto a assustava. Para alívio de Benjamin, a professora queixou-se aos seus pais, que o tiraram da escola. O casal Button disse aos seus amigos que consideravam o filho demasiado jovem.

Por volta dos doze anos, já os pais se lhe haviam habituado. Aliás, tal é a força de um costume que já nem o viam como diferente das outras crianças, exceto quando alguma curiosa anomalia os relembra disso. Entretanto, um dia, algumas semanas após o seu décimo segundo aniversário, ao olhar-se ao espelho, Benjamin fez, ou pensou ter feito, uma descoberta surpreendente. Estariam os seus olhos a enganá-lo ou teria o seu cabelo, ao longo dos seus doze anos de vida, passado de branco para cinza-ferro sob a tinta que o encobria? Estaria o labirinto de rugas do seu rosto menos vincado? Estaria a sua pele mais saudável e firme, até com um toque de rubor invernal? Não era capaz de perceber. Só sabia que já não andava curvado e que a sua condição física melhorara desde os seus primeiros dias de vida. “Será possível?”, pensou ele, ou melhor, mal se atreveu a pensar.

Foi ter com o pai.

“Estou crescendo,” anunciou com determinação. “Quero usar calças.”

O pai hesitou.

“Bom,” disse finalmente, “não sei. Só aos catorze anos é que se começa a usar calças, e tu só tens doze.”

“Mas o pai tem de admitir,” protestou Benjamin, “que sou grande para a minha idade.”

O pai olhou para ele numa interrogação ilusória.

“Ó, não tenho a certeza disso. Eu era do teu tamanho quando tinha doze anos.”

Não era verdade. Era apenas parte do pacto silencioso que Roger Button fizera consigo mesmo, de modo a acreditar na normalidade do filho.

Por fim, chegaram a um acordo. Benjamin teria de continuar a pintar o cabelo. Teria de esforçar-se mais para brincar com os rapazes da sua idade. Não poderia usar lunetas ou andar com a bengala na rua. Em troca destas cedências, Benjamin teve direito ao seu primeiro fato de calça.

IV

Sobre a vida de Benjamin Button no período que decorreu entre o seu décimo segundo e o seu vigésimo primeiro ano tenciono pouco dizer. Bastará recordar que foram anos de normal decréscimo. Quando Benjamin chegou aos dezoito anos, andava direito como um homem de cinquenta e tinha já mais cabelo, agora de um cinza escuro. A sua passada era firme, a sua voz perdera aquele tremor fendido e descera para um barítono saudável. Assim, o pai mandou-o para o Connecticut fazer exames para ingressar na Universidade de Yale. Benjamin passou nos exames e ingressou no primeiro ano.

Três dias depois de se matricular, recebeu um aviso do Sr. Hart, o secretário da faculdade, para que fosse ao seu gabinete organizar o horário. Benjamin, relanceando o espelho, decidiu que o seu cabelo precisava de mais uma demão de tinta castanha, mas uma ansiosa inspeção à gaveta da sua cômoda revelou que o frasco de tinta não estava lá. Então lembrou-se: havia usado toda a tinta no dia anterior e colocado o frasco no lixo.

Estava num dilema. Deveria comparecer no gabinete do secretário dentro de cinco minutos. Não havia nada a fazer. Teria de ir como estava e assim fez.

“Bom dia,” disse educadamente o secretário. “Vem averiguar a situação do seu filho?”

“Bem, na verdade, o meu nome é Button,” começou Benjamin, mas o Sr. Hart interrompeu-o.

“Muito gosto em conhecê-lo, Sr. Button. O seu filho deve estar a chegar.”

“Sou eu!” explodiu Benjamin. “Sou aluno do primeiro ano!”

“O quê?”

“Sou caloiro.”

“Com certeza não está a falar sério.”

“Estou, pois.”

O secretário franziu o sobrolho e olhou de relance para um cartão que tinha à frente.

“Ora bem, tenho aqui indicação de que o Sr. Benjamin Button tem dezoito anos.”

“É a minha idade,” afirmou Benjamin, corando ligeiramente.

O secretário olhou-o exaurido.

“Bom, Sr. Button, não espera certamente que eu acredite nisso.”

Benjamin sorriu, também ele exaurido.

“Tenho dezoito anos,” repetiu.

O secretário apontou austeramente para a porta.

“Saia,” disse. “Saia desta faculdade e desta cidade. Você é um demente perigoso!”

“Tenho dezoito anos.”

O Sr. Hart abriu a porta.

“Que ideal!” gritou. “Um homem da sua idade a tentar entrar aqui como caloiro. Dezoito anos é o que diz ter? Então dou-lhe dezoito minutos para sair da cidade.”

Benjamin Button abandonou o gabinete com dignidade enquanto meia dúzia de universitários, que esperavam no corredor, o seguiam curiosamente com o olhar. Um pouco mais à frente, voltou-se, encarou o secretário furioso, que estava ainda à porta, e repetiu numa voz firme:

“Tenho dezoito anos.”

Ao som de um coro de risadas, que se elevava do grupo de universitários, Benjamin partiu.

Mas não quis o destino que se escapasse tão facilmente. Na sua caminhada

melancólica até à estação de caminho-de-ferro, apercebeu-se de que estava a ser seguido por um grupo, depois por uma multidão e, finalmente, por uma densa massa de universitários. Espalhou-se o boato de que um demente fora aprovado nos exames de admissão a Yale e tentara fazer-se passar por um jovem de dezoito anos. Uma febre de entusiasmo invadiu a faculdade. Homens sem chapéu saíam a correr das salas, a equipa de futebol abandonava o treino para se juntar ao rebuliço, mulheres de professores com toucas de esquelha e *tournures* fora do lugar corriam aos gritos atrás da procissão, de onde procedia uma imparável sucessão de comentários destinados à delicada suscetibilidade de Benjamin Button.

“Deve ser o Judeu Errante!”

“Com aquela idade devia ir para o liceu!”

“Olhem só o menino prodígio!”

“Deve ter pensado que isto é o lar dos velhos.”

“Vai mas é para Harvard!”

Benjamin acelerou a marcha e, em pouco tempo, estava a correr. Haveria de dar-lhes uma lição! *Haveria* de ir para Harvard e aí arrepender-se-iam dos seus insultos irrefletidos!

Já a salvo, a bordo do comboio para Baltimore, pôs a cabeça fora da janela:

“Vão arrepender-se!” gritou.

“Ah ah!” riram-se os universitários. “Ah ah ah!”

Seria aquele o maior erro alguma vez cometido pela Universidade de Yale...

V

Em 1880, Benjamin Button tinha vinte anos e assinalou o seu aniversário começando a trabalhar para o pai na Roger Button & Co., Grossista de Ferragens. Foi nesse mesmo ano que começou a “sair socialmente”, isto é, que o seu pai começou a insistir em levá-lo aos bailes em voga. Roger Button tinha agora cinquenta anos e o companheirismo entre ele e o seu filho ia prosperando. Aliás, uma vez que Benjamin deixara de pintar o cabelo (que estava ainda um pouco grisalho), pareciam ter mais ou menos a mesma idade, podendo até passar por irmãos.

Numa noite de agosto, entraram no fâeton, vestidos a rigor, e foram até um baile na casa de campo da família Shevlins, mesmo à saída de Baltimore. Estava lindíssima a noite. A lua cheia encharcava a estrada de uma platina baça e as flores tardias respiravam para o ar imperturbado aromas que eram como que risadas a meia-voz. O campo aberto, atapetado por muitos metros de trigo luzidio, estava translúcido como se fosse dia. Era quase impossível não se deixar afetar pela absoluta beleza do céu. Quase.

“O negócio dos produtos secos tem um grande futuro,” dizia Roger Button. Não era um homem espiritual e o seu sentido estético não ia além do rudimentar. “Um velho como

eu já não aprende letra,” observou com profundidade. “São vocês, jovens, com energia e vitalidade, que têm pela frente um grande futuro.”

Ao fundo da estrada, começavam a ver-se as luzes da casa de campo dos Shevlins e havia um som sussurrante que rastejava persistente direito a eles. Tanto poderia ser a delicada lamentação de violinos como o rumorejar do trigo prateado sob a lua.

Pararam atrás de um bonito coche, cujos passageiros desembarcavam junto à porta. Saiu uma senhora, seguida de um cavalheiro idoso e de uma jovem senhora, bela como o pecado. Benjamin sobressaltou-se: uma alteração quase química pareceu dissolver e recompor os próprios elementos do seu corpo. Sentiu um arrepio a percorrê-lo, o sangue a subir-lhe às faces, à testa, e, nos ouvidos, um constante latejar. O primeiro amor.

A rapariga era esbelta e delicada, o cabelo cinzento sob a luz da lua e cor de mel sob os crepitantes candeeiros a gás que iluminavam o pátio. Aos seus ombros, repousava uma madrilena do mais suave amarelo, bordada a preto como uma borboleta. Os seus pés eram botões cintilantes na bainha do vestido, levantado por uma *tournure*.

Roger Button inclinou-se para o filho.

“Aquela jovem é Hildegarde Moncrief, filha do General Moncrief,” disse.

Benjamin acenou com frieza.

“É bonitinha,” disse, indiferente. Mas, depois de o rapaz negro ter levado o fáeton para outro local, acrescentou:

“Pai, talvez me pudesse apresentá-la.”

Aproximaram-se de um grupo que tinha por centro a *Miss* Moncrief.

Educada à moda antiga, Hildegarde fez uma vénia a Benjamin. Sim, concedia-lhe uma dança. Benjamin agradeceu e afastou-se, cambaleando.

O tempo foi-se arrastando interminavelmente até que chegasse a sua vez. Ficou de pé junto à parede, mudo, inescrutável, observando com um olhar mortífero o jovem sangue de Baltimore que redemoinhava em torno de Hildegarde Moncrief com uma admiração apaixonada. Quão repugnantes eram aqueles jovens para Benjamin, quão intoleravelmente confiantes! Os seus bigodinhos castanhos e encaracolados despertavam nele uma sensação equivalente à de indigestão.

Mas quando chegou a sua vez e, com Hildegarde, flutuou pelo chão cambiante ao som da última valsa de Paris, os seus ciúmes e ansiedades desfizeram-se como um manto de neve. Cego de fascínio, sentiu que a vida estava agora a começar.

“O senhor e o seu irmão chegaram ao mesmo tempo que nós, não é verdade?” perguntou Hildegarde, olhando para cima, para Benjamin, com olhos que eram com esmalte de um azul sumptuoso.

Benjamin hesitou. Se ela o tomava por irmão do seu pai, seria melhor elucidá-la? Recordou-se da sua experiência em Yale, pelo que decidiu não o fazer. Seria indelicado contradizer uma senhora. Seria um crime macular aquela requintada ocasião com a

grotesca história da sua origem. Mais tarde, talvez. Então, Benjamin acenou, sorriu, escutou, sentiu-se feliz.

“Gosto de homens da sua idade,” disse-lhe Hildegarde. “Os rapazes são uns idiotas. Chegam a dizer-me quanto champanhe bebem na faculdade e quanto dinheiro perdem a jogar às cartas. Já um homem da sua idade sabe dar valor a uma mulher.”

Benjamin sentiu-se à beira de a pedir em casamento. Com algum esforço, reprimiu o impulso.

“A sua idade é a dos românticos,” continuou Hildegarde. “Cinquenta. Os homens de vinte e cinco são demasiado experientes; aos trinta, estão prontos a deixarem-se abater pelo trabalho; quarenta é a idade das histórias longas, que demoram um charuto inteiro a contar; sessenta é... bom, os sessenta estão demasiado próximos dos setenta. Mas cinquenta é a idade madura. Adoro os cinquenta.”

Para Benjamin, os cinquenta afiguravam-se uma idade gloriosa. Ansiou apaixonadamente pelos seus cinquenta anos.

“Eu sempre disse,” prosseguiu Hildegarde, “que preferia casar com um homem de cinquenta anos que tomasse conta de mim a casar com um homem de trinta e ter de tomar conta *dele*.”

A noite continuou, para Benjamin, banhada numa névoa cor de mel. Hildegarde concedeu-lhe mais duas danças e assim descobriram que estavam maravilhosamente de acordo sobre todas as questões do momento. No domingo seguinte, iriam dar um passeio de carruagem e debater um pouco mais todas essas questões.

Ao regressar a casa no seu fáeton, mesmo antes do romper do dia, quando as primeiras abelhas começam a zumbir e a luz da lua moribunda estremece no orvalho fresco, Benjamin teve a vaga noção de que o seu pai falava de ferragens por atacado.

“E o que te parece mais importante para o nosso negócio, depois dos martelos e dos pregos?” perguntou o Button mais velho.

“Amar,” respondeu Benjamin ausente.

“Amarras?!” exclamou Roger Button. “Ora, isso nem é para aqui chamado!”

Benjamin fitou-o com um olhar confuso, enquanto o céu oriental se rasgava de luz e um papa-figos bocejava estridente nas árvores apressadas...

VI

Quando, seis meses volvidos, se tornou público o noivado da *Miss* Hildegarde Moncrief com o Sr. Benjamin Button (digo “tornar público”, porque o General Moncrief declarou preferir cravar um punhal no coração a anunciá-lo), a excitação da sociedade de Baltimore atingiu um nível febril. A quase esquecida história do nascimento de Benjamin foi lembrada e lançada aos sete ventos nas mais picarescas e incríveis formas. Chegou a

dizer-se que Benjamin era, na realidade, o pai de Roger Button ou o seu irmão que estivera preso durante quarenta anos, que era John Wilkes Booth² disfarçado e até que tinha dois chifrezinhos cónicos a brotar-lhe da cabeça.

Os suplementos de domingo dos jornais nova-iorquinos enfatizaram o caso com desenhos fascinantes que mostravam a cabeça de Benjamin Button agarrada ao corpo de um peixe, de uma cobra e até a um corpo de latão maciço. Benjamin tornou-se conhecido, no meio jornalístico, como o “Misterioso Marido de Maryland”. Mas a verdadeira história, como normalmente acontece, gozou de pouquíssima circulação.

No entanto, todos concordavam com o General Moncrief: era um “crime” que uma moça tão bela, que poderia ter casado com qualquer pretendente em Baltimore, se atirasse para os braços de um homem que tinha, seguramente, cinquenta anos. Em vão, o Sr. Roger Button publicou a certidão de nascimento do filho, em letras gordas, no jornal de Baltimore. Ninguém acreditou. Bastava olhar para Benjamin.

Por parte das duas pessoas mais envolvidas no assunto não havia, contudo, qualquer hesitação. Tantas eram as histórias falsas sobre o seu noivo que Hildegarde se recusou a acreditar até na verdadeira. Em vão, o General Moncrief fez questão de lembrar a filha da elevada taxa de mortalidade entre os homens de cinquenta anos, ou, pelo menos, entre os homens que aparentavam cinquenta anos. Em vão, falou-lhe da instabilidade que assolava o negócio da venda de ferragens. Hildegarde escolhera casar com um homem maduro. E assim fez.

VII

Num aspeto em particular, pelo menos, os amigos de Hildegarde Moncrief estavam enganados. O negócio da venda de ferragens prosperou surpreendentemente. Nos quinze anos decorridos entre o casamento de Benjamin Button, em 1880, e a aposentação do seu pai, em 1895, a fortuna da família duplicou, em grande parte devido ao mais jovem elemento da empresa.

Escusado será referir que Baltimore acabou por acolher o casal no seu seio. Até o bom velho General Moncrief se reconciliou com o genro quando este lhe deu o dinheiro de que necessitava para publicar a sua *História da Guerra Civil* em vinte volumes, que havia sido rejeitada por nove proeminentes editoras.

Para o próprio Benjamin, quinze anos haviam acarretado muitas mudanças. Tinha a sensação de que o sangue lhe corria nas veias com um novo vigor. Era agora um prazer levantar-se de manhã, caminhar com energia pelas ruas movimentadas e soalheiras, trabalhar incansavelmente com as suas remessas de martelos e os seus fretes de pregos. Foi

² Assassino do presidente norte-americano Abraham Lincoln. Booth era natural de Maryland (N. da T.).

em 1890 que executou o seu famoso golpe comercial, propondo o seguinte: *todos os pregos utilizados para pregar as caixas em que os pregos são expedidos são propriedade do destinatário*, proposta essa que se tornou um estatuto e que, tendo sido aprovada pelo Chefe de Justiça Fossile, poupou à Button & Co., Grossista de Ferragens, mais de *seiscentos pregos por ano*.

Além disso, Benjamin descobriu que se sentia cada vez mais atraído pelo lado festivo da vida. Consequência do seu crescente entusiasmo pelo prazer, Benjamin foi a primeira pessoa na cidade de Baltimore a ter e a conduzir um automóvel. Ao encontrá-lo na rua, os seus contemporâneos olhavam com inveja para a imagem de saúde e vitalidade que espelhava.

“Parece mais jovem a cada ano que passa,” observavam. E se Roger Button, já com sessenta e cinco anos, não soubera a princípio receber o filho, redimia-se agora, agraciando-o com o que ascendia a adulação.

E então chegamos a um assunto desagradável, sobre o qual devemos passar tão rapidamente quanto possível. Benjamin Button tinha apenas uma preocupação: já não se sentia atraído pela sua mulher.

Hildegarde tinha então trinta e cinco anos e um filho, Roscoe, com catorze. Nos primeiros tempos do seu casamento, Benjamin venerara-a. Mas, com o passar dos anos, o seu cabelo cor de mel passara a um castanho enfadonho e o azul esmalte dos seus olhos tomara o aspeto de louça barata – além disso, e sobretudo, Hildegarde acomodara-se demasiado ao seu modo de ser, tornara-se demasiado plácida, demasiado satisfeita, demasiado anémica nos seus entusiasmos e demasiado sóbria nas suas preferências. Antes do casamento, fora ela a “arrastar” Benjamin para bailes e jantares, mas agora a situação invertera-se. Hildegarde saía socialmente com Benjamin, mas sem entusiasmo, devorada já pela eterna inércia que conosco vem viver um dia e que conosco permanece até ao fim.

O descontentamento de Benjamin fez-se mais forte. Quando, em 1898, deflagrou a Guerra Hispano-Americana, o seu lar era-lhe tão desinteressante que decidiu alistar-se no exército. Devido à influência da sua empresa, foi nomeado capitão e revelou tanto talento para a tarefa que foi promovido a major e finalmente a tenente-coronel, mesmo a tempo de participar na célebre batalha de San Juan Hill. Ficou ligeiramente ferido e recebeu uma medalha.

Benjamin afeiçoara-se de tal modo à atividade e à excitação da vida militar que foi com grande pena que a abandonou, mas a sua empresa precisava de atenção, pelo que se demitiu das suas funções e voltou para casa. Foi recebido na estação de caminho-de-ferro por uma banda filarmónica que o acompanhou até casa.

VIII

Agitando uma grande bandeira de seda, Hildegarde recebeu-o no alpendre. Quando

Benjamin a beijou, sentiu, com um afundar de coração, que aqueles três anos haviam deixado a sua marca. Ela era agora uma mulher de quarenta, com uma débil escaramuça de cabelos grisalhos na sua cabeça. Aquela visão deprimiu-o.

No quarto, Benjamin fitou o seu reflexo no espelho já conhecido. Aproximou-se e examinou, com ansiedade, o seu próprio rosto, comparando-o depois com uma fotografia sua, em que envergava uma farda, tirada mesmo antes da guerra.

“Meu Deus!” disse em voz alta. O processo continuava. Não havia dúvidas: tinha agora a aparência de um homem de trinta anos. Em vez de se sentir encantado, sentiu-se inquieto – estava a ficar cada vez mais jovem. Até então, esperara que, mal alcançasse uma idade física equivalente à sua idade real, aquele grotesco fenómeno que assinalara o seu nascimento perdesse o efeito. Estremeceu. O seu destino afigurou-se-lhe medonho, inconcebível.

Quando desceu, Hildegarde esperava-o. Parecia aborrecida e Benjamin interrogou-se se ela descobrira finalmente que havia algo de errado. Numa tentativa de aliviar a tensão, Benjamin abordou o assunto ao jantar, numa forma que considerou delicada.

“Bem,” observou gentilmente, “toda a gente diz que pareço mais jovem do que nunca.”

Hildegarde olhou-o com desdém e fungou. “E julgas que, por isso, te deves vangloriar?”

“Não estou a vangloriar-me,” afirmou ele desconfortavelmente.

Hildegarde fungou uma outra vez. “Que ideia...” disse ela, acrescentando depois: “Julguei que fosses suficientemente orgulhoso para travar isso.”

“Como?” perguntou ele.

“Não vou discutir contigo,” ripostou ela. “Mas há uma forma correta de fazer as coisas. E há uma forma incorreta. Se te decidiste a ser diferente de toda a gente, creio que não possa impedir-te, mas realmente parece-me uma falta de consideração.”

“Mas, Hildegarde, eu não posso fazer nada.”

“Podes, sim. Só que és teimoso. Julgas que não queres ser como os outros. Sempre foste assim e sempre hás de ser. Mas pensa só em como seria se todos vissem as coisas à tua maneira. Como seria este mundo?”

Visto que o argumento de Hildegarde era inane e irreplicável, Benjamin não lhe respondeu e, a partir de então, começou a cavar-se entre eles um abismo. Benjamin perguntava-se até como fora possível que ela tivesse outrora exercido tamanho fascínio sobre ele.

A ajudar ao precipício, Benjamin percebeu, à medida que o novo século avançava, que a sua sede de diversão era cada vez maior. Não havia festa na cidade de Baltimore em que não marcasse presença, dançando com a mais bela das jovens mulheres casadas, conversando com a mais popular das debutantes, encantando-se com a companhia delas.

Enquanto isso, a sua esposa, uma idosa da alta sociedade e de mau agouro, sentava-se entre as damas de companhia, num repúdio altivo, seguindo-o com um olhar grave, desconcertado, reprovador.

“Vejam!” diziam as pessoas. “Que pena, um jovem daquela idade preso a uma mulher de quarenta e cinco anos. Deve ser uns vinte anos mais novo do que ela.” Havia esquecido – como todos inevitavelmente esquecem – que, em 1880, as suas mãezinhas e os seus paizinhos também haviam comentado aquela mal emparelhada dupla.

Benjamin compensava a crescente infelicidade que sentia em casa com os seus novos interesses, que eram muitos. Começou a jogar golfe e tornou-se um êxito. Meteu-se na dança: em 1906 era especialista em bóston, em 1908 parecia um profissional a dançar maxixe, enquanto, em 1909, o seu *castle walk* fazia inveja a qualquer jovem da cidade.

A sua vida social interferiu, evidentemente, e até certo ponto, com o seu negócio. Mas a verdade é que Benjamin trabalhara arduamente na venda de ferragens durante vinte e cinco anos e sentia que, em breve, poderia passar o negócio para as mãos do filho, Roscoe, que, pouco antes, havia terminado o curso em Harvard.

De facto, muitas vezes o confundiam com o filho, o que agradava a Benjamin: depressa esquecera o insidioso medo que se apoderara dele aquando do seu regresso da Guerra Hispano-Americana e começara a tirar um prazer ingénuo da sua aparência. Havia um único senão nesta belíssima história: Benjamin detestava aparecer em público com a sua mulher. Hildegarde tinha quase cinquenta anos e Benjamin sentia-se absurdo só de olhar para ela...

IX

Num dia de setembro de 1910, alguns anos após a Roger Button & Co., Grossista de Ferragens, ter passado para as mãos do jovem Roscoe Button, um homem, de cerca de vinte anos, inscreveu-se na Universidade de Harvard, em Cambridge. Não cometeu o erro de anunciar que não voltaria a ver os seus cinquenta anos, nem aludiu ao facto de o seu filho se ter formado na mesma instituição dez anos antes.

Foi admitido e, quase de imediato, obteve uma posição proeminente na turma, até porque parecia um pouco mais velho do que os restantes caloiros, cuja média de idades rondava os dezoito anos.

Mas o êxito de Benjamin deveu-se em grande medida à sua brilhante exibição no jogo de futebol contra Yale, em que jogou tão desenfreadamente e com uma fúria de tal modo fria e impiedosa que fez sete *touchdowns* e catorze *field goals*, levando os onze homens de Yale a serem arrastados, um a um, para fora do campo, inconscientes. Benjamin tornou-se o mais afamado homem da faculdade.

Estranho foi que, no seu terceiro ano, quase não conseguisse um lugar na equipa. Os

treinadores diziam que havia emagrecido e, segundo os mais observadores, já não era tão alto. Já não marcava *touchdowns* – aliás, mantiveram-no na equipa sobretudo na esperança de que a sua gigantesca reputação levasse terror e desordem à equipa de Yale.

No último ano, já não conseguiu entrar na equipa. Tornara-se tão pequeno e frágil que, certo dia, uns alunos do segundo ano o tomaram por um caloiro, incidente que o humilhou tremendamente. Passou a ser conhecido como uma espécie de prodígio – um aluno do último ano que não poderia ter mais de dezasseis anos – e não raras vezes o chocou a mundanidade de alguns dos seus colegas. Os estudos pareciam-lhe mais difíceis – sentia que eram demasiado avançados para ele. Ouvira umas conversas dos colegas sobre St. Midas, o conhecido liceu onde tantos deles se haviam preparado para a faculdade, pelo que decidiu que, mal terminasse o curso, se inscreveria em St. Midas, onde uma vida protegida entre rapazes do seu tamanho lhe seria mais favorável.

Quando terminou o curso, em 1914, regressou a casa, a Baltimore, com o seu diploma de Harvard no bolso. Hildegard residia agora em Itália, por isso Benjamin foi viver com o filho, Roscoe. No entanto, e ainda que fosse, de um modo geral, bem-vindo, era evidente que a atitude de Roscoe para com ele não era de todo calorosa. Aliás, havia até uma perceptível tendência por parte do filho para pensar que Benjamin, cirandando pela casa com ar de adolescente na lua, estava a mais. Roscoe era agora um homem casado e proeminente na vida de Baltimore e não queria que nenhum escândalo relacionado com a família viesse ao de cima.

Benjamin, agora *persona non grata* entre as debutantes e os universitários mais jovens, deu por si a passar cada vez mais tempo sozinho, exceção feita à companhia de três ou quatro rapazes de quinze anos que viviam no seu bairro. Ocorreu-lhe novamente a ideia de se inscrever no Liceu St. Midas.

“Ouve,” disse ele a Roscoe certo dia, “já te disse várias vezes que quero ir para o liceu.”

“Então vá,” respondeu Roscoe imediatamente. O assunto era-lhe desagradável e queria evitá-lo.

“Não posso ir sozinho,” disse Benjamin desamparado. “Tens de ser tu a inscrever-me e a levar-me lá.”

“Não tenho tempo,” declarou Roscoe abruptamente. Os seus olhos afunilaram-se e olhou constrangidamente para o pai. “Na verdade,” acrescentou, “é bom que não continue com esta história durante muito mais tempo. É bom que pare já com isto. É bom que... é bom que...”. Fez uma pausa e as suas faces enrubesceram enquanto procurava as palavras. “É bom que dê a volta e recomece em sentido contrário. Isto já foi demasiado longe para ser uma brincadeira. Já não tem graça nenhuma. O pai... o pai porte-se bem!”

Benjamin olhou-o, à beira das lágrimas.

“E outra coisa,” continuou Roscoe, “quando houver visitas cá em casa, quero que

me chame 'tio', não Roscoe, mas 'tio', percebeu? É absurdo que um rapaz de quinze anos me trate pelo primeiro nome. Talvez seja mesmo melhor que me trate *sempre* por 'tio', para que se habitue.”

Lançando um olhar severo ao pai, Roscoe virou costas.

X

Terminado este encontro, Benjamin, deambulando tristemente no andar de cima, olhou-se ao espelho. Havia três meses que não se barbeava, mas não via nada no seu rosto além de uma tímida penugem branca com que parecia desnecessário interferir. Quando voltara de Harvard, Roscoe abordara-o com a proposta de que usasse lunetas e umas suíças coladas às faces, o que, por um instante, levou Benjamin a crer que a farsa dos seus primeiros anos tornaria a repetir-se. Mas os pêlos causavam-lhe comichão, além de vergonha. Começara a chorar e Roscoe cedera relutantemente.

Benjamin abriu um livro de histórias para crianças, *Escoteiros na Baía de Bimini*, e começou a ler. Deu por si a pensar, persistentemente, na guerra. A América juntara-se aos Aliados no mês anterior e Benjamin queria alistar-se, mas, para seu infortúnio, a idade mínima para tal era de dezasseis anos e ele não parecia tê-los. A sua verdadeira idade, cinquenta e sete, tê-lo-ia excluído, de qualquer forma.

Alguém bateu à porta e apareceu-lhe o mordomo com uma carta que trazia no canto uma grande inscrição oficial e que estava endereçada ao Senhor Benjamin Button. Benjamin rasgou ansiosamente o envelope e, entusiasmado, leu o conteúdo. A carta informava-o de que vários oficiais na reserva que haviam servido na Guerra Hispano-Americana estavam a ser chamados ao serviço para um posto superior, sendo o seu posto o de Brigadeiro-General no Exército dos Estados Unidos, com ordem para se apresentar imediatamente.

Benjamin levantou-se num pulo, trémulo de entusiasmo. Era mesmo aquilo que queria. Agarrou no seu chapéu e, dez minutos depois, entrou numa grande alfaiataria em Charles Street. No seu tom de soprano entrecortado, pediu que lhe tirassem as medidas para a farda.

“Queres brincar aos soldados, filhote?” perguntou casualmente o empregado.

Benjamin corou.

“Ouça, não interessa o que queres!” respondeu zangado. “O meu nome é Button e vivo no bairro de Mount Vernon, por isso já sabe que posso pagar.”

“Bom,” admitiu, hesitante, o empregado, “se não puderes, imagino que o teu pai possa. Está bem.”

O empregado tirou as medidas a Benjamin e, uma semana mais tarde, a sua farda estava pronta. Teve alguma dificuldade em obter as insígnias de general, porque o

vendedor insistia com Benjamin na ideia de que um bonito crachá da Associação Cristã da Mocidade Feminina ficaria igualmente bem, além de que daria um ótimo brinquedo.

Sem avisar Roscoe, saiu de casa uma noite e foi de comboio até Camp Mosby, na Carolina do Sul, onde deveria comandar uma brigada de infantaria. Num abafado dia de abril, aproximou-se da entrada do campo de treino, pagou ao taxista que o trouxera da estação e dirigiu-se ao sentinela.

“Chama alguém para levar a minha bagagem!” disse Benjamin bruscamente.

O sentinela lançou-lhe um olhar reprovador.

“Olha lá,” observou, “onde vais com essa fatiota de general, rapazola?”

Benjamin, veterano da Guerra Hispano-Americana, gritou-lhe com fogo nos olhos, mas, desgraçadamente, com uma voz de soprano que começava a mudar.

“Sentido!” tentou retumbar. Fez uma pausa para retomar o fôlego e, subitamente, viu o sentinela bater os calcanhares e passar à posição de ombro-arma. Benjamin disfarçou um sorriso de satisfação, mas, quando olhou em redor, o sorriso desvaneceu-se. Não havia sido ele a inspirar a obediência, mas um imponente coronel de artilharia que se aproximava a cavalo.

“Coronel!” gritou, estridente, Benjamin.

O coronel aproximou-se, segurou as rédeas e olhou calmamente para baixo, para Benjamin, com um certo brilho nos olhos.

“Quem é o teu pai, rapazinho?” perguntou ele com delicadeza.

“Eu já lhe mostro que raio de rapazinho é que sou!” retorquiu Benjamin num tom feroz. “Desça desse cavalo!”

O coronel ribombou numa gargalhada.

“Quer ficar com ele, é, general?”

“Ouça!” gritou Benjamin desesperado. “Leia isto,” disse forçando o papel com o seu destacamento na direção do coronel.

De olhos esbugalhados, o coronel leu o documento.

“Onde arranjaste isto?” perguntou, fazendo deslizar a carta para o bolso.

“Foi o governo que mo enviou, como em breve ficará a saber!”

“Vem comigo,” disse o coronel com um ar estranho. “Vamos até ao quartel falar sobre isto. Vem comigo.”

O coronel virou-se e pôs o cavalo a passo rumo ao quartel. Benjamin nada podia fazer senão segui-lo com tanta dignidade quanto lhe fosse ainda possível. Enquanto isso, prometia a si mesmo uma vingança severa.

Mas essa vingança não chegou a acontecer. O que aconteceu foi que, dois dias depois, o seu filho Roscoe chegou de Baltimore, afogueado e enfurecido após uma viagem apressada, para acompanhar o lacrimoso general, destituído da sua farda, de volta a casa.

XI

Em 1920, nasceu o primeiro filho de Roscoe Button. Porém, nas respetivas celebrações, ninguém pensou que seria “de preceito” referir que o rapazito imundo, aparentemente com cerca de dez anos, que brincava pela casa com soldados de chumbo e um circo em miniatura, era o avô do novo rebento.

Não que houvesse quem desgostasse do rapazito, cujo rosto fresco e alegre era atravessado por uma pontinha de tristeza, mas, para Roscoe Button, a sua presença era uma fonte de tormento. Na linguagem da sua geração, Roscoe não considerava o assunto “eficiente”. Parecia-lhe que o pai, ao recusar-se ter o aspeto de um homem de sessenta anos, não se comportara como um “macho de sangue quente” – a expressão predileta de Roscoe –, mas antes de um modo curioso e perverso. De facto, Roscoe ficava à beira da loucura só de pensar no assunto durante meia hora. Acreditava que as pessoas com “sangue na guelra” deveriam manter-se jovens, mas fazê-lo a tal escala era... ineficiente. E por aí se ficava.

Cinco anos mais tarde, já o filho de Roscoe crescera o suficiente para brincar com o pequeno Benjamin sob a supervisão da mesma ama. Roscoe levou-os para o jardim-de-infância no mesmo dia e Benjamin descobriu que brincar com pequenas tiras de papel colorido, fazer molduras e correntes e ainda belos e curiosos desenhos era o que de mais fascinante havia no mundo. Uma vez portou-se mal e ficou de castigo a um canto – aí chorou –, mas as horas eram quase sempre felizes naquela sala alegre, com a luz a entrar pelas janelas e a gentil mão da *Miss* Bailey a descansar, de vez em quando, no seu cabelo desgrenhado.

Ao fim de um ano, o filho de Roscoe passou para a primeira classe, mas Benjamin permaneceu no jardim-de-infância. Sentia-se muito feliz. Por vezes, quando as outras criancinhas falavam do que queriam ser quando fossem crescidos, o seu pequeno rosto ensombrou-se, como se de um modo vago e infantil se apercebesse de que tais coisas já não lhe calhariam em sorte.

Os dias seguiam o seu curso num contentamento monótono. Benjamin voltou para o jardim-de-infância um terceiro ano, mas era demasiado pequeno para perceber qual a função das luminosas tiras de papel. Chorava porque os outros meninos eram maiores do que ele e tinha medo. A professora falava com ele, mas, por muito que tentasse compreendê-la, não era capaz de perceber o que quer que fosse.

Tiraram-no do jardim-de-infância. A sua ama, Nana, com o seu vestido xadrez sempre engomado, tornou-se o centro do seu pequeno mundo. Nos dias de sol, davam um passeio no parque. Nana apontava para um imenso monstro cinzento e dizia “elefante”, o que Benjamin repetia e, à noite, enquanto Nana o preparava para ir para a cama, ele dizia-lhe vezes sem conta, bem alto: “elifante, elifante, elifante”. Às vezes, Nana deixava-o saltar

na cama, o que o divertia, porque, se se sentasse bem direito, o movimento da cama fazia com que ficasse de pé novamente e se dissesse “Ah” durante muito tempo enquanto saltava produzia um efeito vocal entrecortado que era muito agradável.

Adorava tirar uma grande bengala do cabide e andar às voltas batendo com ela nas cadeiras e nas mesas, dizendo “bulha, bulha, bulha”. Quando havia visitas, as senhoras mais velhas dirigiam-lhe uma espécie de cacarejo, o que lhe interessava, enquanto as mais jovens tentavam beijá-lo, ao que ele se submetia com ligeiro enfado. E quando, às cinco horas, o seu longo dia chegava ao fim, Nana levava-o para o andar de cima, onde, com uma colher, lhe dava papas de aveia e outras comidas agradáveis, suaves e pastosas.

Não havia, no seu sono pueril, memórias incômodas. Não lhe acudiam quaisquer lembranças dos seus dias de coragem na faculdade ou dos resplandecentes anos em que aturdiu os corações das raparigas. Havia apenas as paredes brancas e seguras do seu berço. Havia apenas Nana e um homem que, por vezes, o visitava e uma bola laranja gigante para onde Nana apontava antes mesmo da hora crepuscular de se deitar e a que chamava “sol”. Quando o sol se ia, já os seus olhos estavam prestes a fechar-se de sono – não tinha sonhos, não tinha um sonho que o assombrasse.

O passado – a bárbara investida que encabeçara na batalha de San Juan Hill; os primeiros anos do seu casamento, quando trabalhava até tarde, até ao anoitecer estival na cidade frenética, para a jovem Hildegarda, que amava; os dias idos em que fumava até altas horas da noite, na velha e sombria casa da família Button em Monroe Street, com o seu avô – tudo isso se apagara da sua mente como sonhos sem importância, como se nunca tivesse sequer acontecido.

Benjamin não tinha qualquer recordação. Já nem se lembrava bem se o leite da sua última refeição estava quente ou frio ou de que forma passava os dias – no mundo, só havia o seu berço e a presença familiar de Nana. E depois já não se lembrava de absolutamente nada. Quando tinha fome, chorava. E nada mais. Ao longo das noites e dos dias, Benjamin apenas respirava. Sobre ele havia apenas murmurinhos e burburinhos que mal ouvia, odores levemente diferenciados, luz e escuridão.

Até que um dia tudo escureceu. O seu berço branco, as faces turvas que se movimentavam sobre ele, o aroma quente e doce do leite, tudo isso se desvaneceu por completo da sua mente.

O RUSSET WITCH!

I

Merlin Grainger was employed by the Moonlight Quill Bookshop, which you may have visited, just around the corner from the Ritz-Carlton on Forty-seventh Street. The Moonlight Quill is, or rather was, a very romantic little store, considered radical and admitted dark. It was spotted interiorly with red and orange posters of breathless exotic intent, and lit no less by the shiny reflecting bindings of special editions than by the great squat lamp of crimson satin that, lighted through all the day, swung overhead. It was truly a mellow bookshop. The words “Moonlight Quill” were worked over the door in a sort of serpentine embroidery. The windows seemed always full of something that had passed the literary censors with little to spare; volumes with covers of deep orange which offer their titles on little white paper squares. And over all there was the smell of the musk, which the clever, inscrutable Mr. Moonlight Quill ordered to be sprinkled about—the smell half of a curiosity shop in Dickens’ London and half of a coffee-house on the warm shores of the Bosphorus.

From nine until five-thirty Merlin Grainger asked bored old ladies in black and young men with dark circles under their eyes if they “cared for this fellow“ or were interested in first editions. Did they buy novels with Arabs on the cover, or books which gave Shakespeare’s newest sonnets as dictated psychically to Miss Sutton of South Dakota? he sniffed. As a matter of fact, his own taste ran to these latter, but as an employee at the Moonlight Quill he assumed for the working day the attitude of a disillusioned connoisseur.

After he had crawled over the window display to pull down the front shade at five-thirty every afternoon, and said good-bye to the mysterious Mr. Moonlight Quill and the lady clerk, Miss McCracken, and the lady stenographer, Miss Masters, he went home to the girl, Caroline. He did not eat supper with Caroline. It is unbelievable that Caroline would have considered eating off his bureau with the collar buttons dangerously near the cottage cheese, and the ends of Merlin’s necktie just missing his glass of milk—he had never asked her to eat with him. He ate alone. He went into Braegdort’s delicatessen on Sixth Avenue and bought a box of crackers, a tube of anchovy paste, and some oranges, or else a little jar of sausages and some potato salad and a bottled soft drink, and with these in a brown package he went to his room at Fifty-something West Fifty-eighth Street and ate his supper and saw Caroline.

Caroline was a very young and gay person who lived with some older lady and was possibly nineteen. She was like a ghost in that she never existed until evening. She sprang into life when the lights went on in her apartment at about six, and she disappeared, at the

latest, about midnight. Her apartment was a nice one, in a nice building with a white stone front, opposite the south side of Central Park. The back of her apartment faced the single window of the single room occupied by the single Mr. Grainger.

He called her Caroline because there was a picture that looked like her on the jacket of a book of that name down at the Moonlight Quill.

Now, Merlin Grainger was a thin young man of twenty-five, with dark hair and no mustache or beard or anything like that, but Caroline was dazzling and light, with a shimmering morass of russet waves to take the place of hair, and the sort of features that remind you of kisses—the sort of features you thought belonged to your first love, but know, when you come across an old picture, didn't. She dressed in pink or blue usually, but of late she had sometimes put on a slender black gown that was evidently her especial pride, for whenever she wore it she would stand regarding a certain place on the wall, which Merlin thought must be a mirror. She sat usually in the profile chair near the window, but sometimes honored the *chaise longue* by the lamp, and often she leaned 'way back and smoked a cigarette with posturings of her arms and hands that Merlin considered very graceful.

At another time she had come to the window and stood in it magnificently, and looked out because the moon had lost its way and was dripping the strangest and most transforming brilliance into the areaway between, turning the motif of ash-cans and clothes-lines into a vivid impressionism of silver casks and gigantic gossamer cobwebs. Merlin was sitting in plain sight, eating cottage cheese with sugar and milk on it; and so quickly did he reach out for the window cord that he tipped the cottage cheese into his lap with his free hand—and the milk was cold and the sugar made spots on his trousers, and he was sure that she had seen him after all.

Sometimes there were callers—men in dinner coats, who stood and bowed, hat in hand and coat on arm, as they talked to Caroline; then bowed some more and followed her out of the light, obviously bound for a play or for a dance. Other young men came and sat and smoked cigarettes, and seemed trying to tell Caroline something—she sitting either in the profile chair and watching them with eager intentness or else in the *chaise longue* by the lamp, looking very lovely and youthfully inscrutable indeed.

Merlin enjoyed these calls. Of some of the men he approved. Others won only his grudging toleration, one or two he loathed—especially the most frequent caller, a man with black hair and a black goatee and a pitch-dark soul, who seemed to Merlin vaguely familiar, but whom he was never quite able to recognize.

Now, Merlin's whole life was not "bound up with this romance he had constructed"; it was not "the happiest hour of his day." He never arrived in time to rescue Caroline from "clutches"; nor did he even marry her. A much stranger thing happened than any of these?

and it is strange thing that will presently be set down here. It began one October afternoon when she walked briskly into the mellow interior of the Moonlight Quill.

It was a dark afternoon, threatening rain and the end of the world, and done in that particularly gloomy gray in which only New York afternoons indulge. A breeze was crying down the streets, whisking along battered newspapers and pieces of things, and little lights were pricking out all the windows—it was so desolate that one was sorry for the tops of sky-scrapers lost up there in the dark green and gray heaven, and felt that now surely the farce was to close, and presently all the buildings would collapse like card houses, and pile up in a dusty, sardonic heap upon all the millions who presumed to wind in and out of them.

At least these were the sort of musings that lay heavily upon the soul of Merlin Grainger, as he stood by the window, putting a dozen books back in a row, after a cyclonic visit by a lady with ermine trimmings. He looked out of the window full of the most distressing thoughts—of the early novels of H. G. Wells, of the book of Genesis, of how Thomas Edison had said that in thirty years there would be no dwelling-houses upon the island, but only a vast and turbulent bazaar; and then he set the last book right side up, turned—and Caroline walked coolly into the shop.

She was dressed in a jaunty but conventional walking costume—he remembered this when he thought about it later. Her skirt was plaid, pleated like a concertina; her jacket was a soft but brisk tan; her shoes and spats were brown and her hat, small and trim, completed her like the top of a very expensive and beautifully filled candy box.

Merlin, breathless and startled, advanced nervously toward her.

“Good-afternoon——” he said, and then stopped—why, he did not know, except that it came to him that something very portentous in his life was about to occur, and that it would need no furbishing but silence, and the proper amount of expectant attention. And in that minute before the thing began to happen he had the sense of a breathless second hanging suspended in time: he saw through the glass partition that bounded off the little office the malevolent conical head of his employer, Mr. Moonlight Quill, bent over his correspondence. He saw Miss McCracken and Miss Masters as two patches of hair drooping over piles of paper; he saw the crimson lamp overhead, and noticed with a touch of pleasure how really pleasant and romantic it made the book-store seem.

Then the thing happened, or rather it began to happen. Caroline picked up a volume of poems lying loose upon a pile, fingered it absently with her slender white hand, and suddenly, with an easy gesture, tossed it upward toward the ceiling, where it disappeared in the crimson lamp and lodged there, seen through the illuminated satin as a dark, bulging rectangle. This pleased her—she broke into young, contagious laughter, in which Merlin found himself presently joining.

“It stayed up!” she cried merrily. “It stayed up, didn’t it?” To both of them this seemed the height of brilliant absurdity. Their laughter mingled, filled the bookshop, and Merlin was glad to find that her voice was rich and full of sorcery.

“Try another,” he found himself suggesting—“try a red one,”

At this her laughter increased; and she had to rest her hands upon the stack to steady herself.

“Try another,” she managed to articulate between spasms of mirth. “Oh, golly, try another!”

“Try two.”

“Yes, try two. Oh, I’ll choke if I don’t stop laughing. Here it goes.”

Suiting her action to the word, she picked up a red book and sent it in a gentle hyperbola toward the ceiling, where it sank into the lamp beside the first. It was a few minutes before either of them could do more than rock back and forth in helpless glee; but then by mutual agreement they took up the sport anew, this time in unison. Merlin seized a large, specially bound French classic and whirled it upward. Applauding his own accuracy, he took a best-seller in one hand and a book on barnacles in the other, and waited breathlessly while she made her shot. Then the business waxed fast and furious—sometimes they alternated, and, watching, he found how supple she was in every movement; sometimes one of them made shot after shot, picking up the nearest book, sending it off, merely taking time to follow it with a glance before reaching for another. Within three minutes they had cleared a little place on the table, and the lamp of crimson satin was so bulging with books that it was near breaking.

“Silly game, basket-ball,” she cried scornfully as a book left her hand. “High-school girls play it in hideous bloomers.”

“Idiotic,” he agreed.

She paused in the act of tossing a book, and replaced it suddenly in its position on the table.

“I think we’ve got room to sit down now,” she said gravely.

They had; they had cleared an ample space for two. With a faint touch of nervousness Merlin glanced toward Mr. Moonlight Quill’s glass partition, but the three heads were still bent earnestly over their work, and it was evident that they had not seen what had gone on in the shop. So when Caroline put her hands on the table and hoisted herself up Merlin calmly imitated her, and they sat side by side looking very earnestly at each other.

“I had to see you,” she began, with a rather pathetic expression in her brown eyes.

“I know.”

“It was that last time,” she continued, her voice trembling a little, though she tried to keep it steady. “I was frightened. I don’t like you to eat off the dresser. I’m so afraid you’ll—you’ll swallow a collar button.”

“I did once—almost,” he confessed reluctantly, “but it’s not so easy, you know. I mean you can swallow the flat part easy enough or else the other part—that is, separately—but for a whole collar button you’d have to have a specially made throat.” He was astonishing himself by the debonnaire appropriateness of his remarks. Words seemed for the first time in his life to ran at him shrieking to be used, gathering themselves into carefully arranged squads and platoons, and being presented to him by punctilious adjutants of paragraphs.

“That’s what scared me,” she said. “I knew you had to have a specially made throat—and I knew, at least I felt sure, that you didn’t have one.”

He nodded frankly.

“I haven’t. It costs money to have one—more money unfortunately than I possess.”

He felt no shame in saying this—rather a delight in making the admission—he knew that noting he could say or do would be beyond her comprehension; least of all his poverty, and the practical impossibility of ever extricating himself from it.

Caroline looked down at her wrist watch, and with a little cry slid from the table to her feet.

“It’s after five,” she cried. “I didn’t realize. I have to be at the Ritz at five-thirty. Let’s hurry and get this done, I’ve got a bet on it.”

With one accord they set to work. Caroline began the matter by seizing a book on insects and sending it whizzing, and finally crashing through the glass partition that housed Mr. Moonlight Quill. The proprietor glanced up with a wild look, brushed a few pieces of glass from his desk, and went on with his letters. Miss McCracken gave no sign of having heard—only Miss Masters started and gave a little frightened scream before she bent to her task again.

But to Merlin and Caroline it didn’t matter. In a perfect orgy of energy they were hurling book after book in all directions, until sometimes three or four were in the air at once, smashing against shelves, cracking the glass of pictures on the walls, falling in bruised and torn heaps upon the floor. It was fortunate that no customers happened to come in, for it is certain they would never have come in again—the noise was too tremendous, a noise of smashing and ripping and tearing, mixed now and then with the tinkling of glass, the quick breathing of the two throwers, and the intermittent outbursts of laughter to which both of them periodically surrendered.

At five-thirty Caroline tossed a last book at the lamp, and so gave the final impetus to the load it carried. The weakened satin tore and dropped its cargo in one vast

splattering of white and color to the already littered floor. Then with a sigh of relief she turned to Merlin and held out her hand.

“Good-by,” she said simply.

“Are you going?” He knew she was. His question was simply a lingering wile to detain her and extract for another moment that dazzling essence of light he drew from her presence, to continue his enormous satisfaction in her features, which were like kisses and, he thought, like the features of a girl he had known back in 1910. For a minute he pressed the softness of her hand—then she smiled and withdrew it and, before he could spring to open the door, she had done it herself and was gone out into the turbid and ominous twilight that brooded narrowly over Forty-seventh Street.

I would like to tell you how Merlin, having seen how beauty regards the wisdom of the years, walked into the little partition of Mr. Moonlight Quill and gave up his job then and there; thence issuing out into the street a much finer and nobler and increasingly ironic man. But the truth is much more commonplace. Merlin Grainger stood up and surveyed the wreck of the bookshop, the ruined volumes, the torn satin remnants of the once beautiful crimson lamp, the crystalline sprinkling of broken glass which lay in iridescent dust over the whole interior—and then he went to a corner where a broom was kept and began cleaning up and rearranging and, as far as he was able, restoring the shop to its former condition. He found that, though some few of the books were uninjured, most of them had suffered in varying extents. The backs were off some, the pages were torn from others, still others were just slightly cracked in the front, which, as all careless book returners know, makes a book unsalable, and therefore second-hand.

Nevertheless by six o'clock he had done much to repair the damage. He had returned the books to their original places, swept the floor, and put new lights in the sockets overhead. The red shade itself was ruined beyond redemption, and Merlin thought in some trepidation that the money to replace it might have to come out of his salary. At six, therefore, having done the best he could, he crawled over the front window display to pull down the blind. As he was treading delicately back, he saw Mr. Moonlight Quill rise from his desk, put on his overcoat and hat, and emerge into the shop. He nodded mysteriously at Merlin and went toward the door. With his hand on the knob he paused, turned around, and in a voice curiously compounded of ferocity and uncertainty, he said:

“If that girl comes in here again, you tell her to behave.”

With that he opened the door, drowning Merlin's meek “Yessir” in its creak, and went out.

Merlin stood there for a moment, deciding wisely not to worry about what was for the present only a possible futurity, and then he went into the back of the shop and invited Miss Masters to have supper with him at Pulpat's French Restaurant, where one could still obtain red wine at dinner, despite the Great Federal Government. Miss Masters accepted.

“Wine makes me feel all tingly,” she said.

Merlin laughed inwardly as he compared her to Caroline, or rather as he didn’t compare her. There was no comparison.

II

Mr. Moonlight Quill, mysterious, exotic, and oriental in temperament was, nevertheless, a man of decision. And it was with decision that he approached the problem of his wrecked shop. Unless he should make an outlay equal to the original cost of his entire stock—a step which for certain private reasons he did not wish to take—It would be impossible for him to continue in business with the Moonlight Quill as before. There was but one thing to do. He promptly turned his establishment from so up-to-the-minute book-store into a second-hand bookshop. The damaged books were marked down from twenty-five to fifty per cent, the name over the door whose serpentine embroidery had once shone so insolently bright, was allowed to grow dim and take on the indescribably vague color of old paint, and, having a strong penchant for ceremonial, the proprietor even went so far as to buy two skull-caps of shoddy red felt, one for himself and one for his clerk, Merlin Grainger. Moreover, he let his goatee grow until it resembled the tail-feathers of an ancient sparrow and substituted for a once dapper business suit a reverence-inspiring affair of shiny alpaca.

In fact, within a year after Caroline’s catastrophic visit to the bookshop the only thing in it that preserved any semblance of being up to date was Miss Masters. Miss McCracken had followed in the footsteps of Mr. Moonlight Quill and become an intolerable dowd.

For Merlin too, from a feeling compounded of loyalty and listlessness, had let his exterior take on the semblance of a deserted garden. He accepted the red felt skullcap as a symbol of his decay. Always a young man known as a “pusher,” he had been, since the day of his graduation from the manual training department of a New York High School, an inveterate brasher of clothes, hair, teeth, and even eyebrows, and had learned the value of laying all his clean socks toe upon toe and heel upon heel in a certain drawer of his bureau, which would be known as the sock drawer.

These things, he felt, had won him his place in the greatest splendor of the Moonlight Quill. It was due to them that he was not still making “chests useful for keeping things,” as he was taught with breathless practicality in High School, and selling them to whoever had use of such chests—possibly undertakers. Nevertheless when the progressive Moonlight Quill became the retrogressive Moonlight Quill he preferred to sink with it, and so took to letting his suits gather undisturbed the wispy burdens of the air and to throwing his socks indiscriminately into the shirt drawer, the underwear drawer, and

even into no drawer at all. It was not uncommon in his new carelessness to let many of his clean clothes go directly back to the laundry without having ever been worn, a common eccentricity of impoverished bachelors. And this in the face of his favorite magazines, which at that time were fairly staggering with articles by successful authors against the frightful impudence of the condemned poor, such as the buying of wearable shirts and nice cuts of meat, and the fact that they preferred good investments in personal jewelry to respectable ones in four per cent saving-banks.

It was indeed a strange state of affairs and a sorry one for many worthy and God-fearing men. For the first time in the history of the Republic almost any negro north of Georgia could change a one-dollar bill. But as at that time the cent was rapidly approaching the purchasing power of the Chinese *ubu* and was only a thing you got back occasionally after paying for a soft drink, and could use merely in getting your correct weight, this was perhaps not so strange a phenomenon as it at first seems. It was too curious a state of things, however, for Merlin Grainger to take the step that he did take—the hazardous, almost involuntary step of proposing to Miss Masters. Stranger still that she accepted him.

It was at Pulpat's on Saturday night and over a \$1.75 bottle of water diluted with *vin ordinaire* that the proposal occurred.

“Wine makes me feel all tingly, doesn't it you?” chattered Miss Masters gaily.

“Yes,” answered Merlin absently; and then, after a long and pregnant pause: “Miss Masters—Olive—I want to say something to you if you'll listen to me.”

The tingliness of Miss Masters (who knew what was coming) increased until it seemed that she would shortly be electrocuted by her own nervous reactions. But her “Yes, Merlin,” came without a sign or flicker of interior disturbance. Merlin swallowed a stray bit of air that he found in his mouth.

“I have no fortune,” he said with the manner of making an announcement. “I have no fortune at all.”

Their eyes met, locked, became wistful, and dreamy and beautiful.

“Olive,” he told her, “I love you.”

“I love you too, Merlin,” she answered simply. “Shall we have another bottle of wine?”

“Yes,” he cried, his heart beating at a great rate. “Do you mean?—”

“To drink to our engagement,” she interrupted bravely. “May it be a short one!”

“No!” he almost shouted, bringing his fist fiercely down upon the table. “May it last forever!”

“What?”

“I mean—oh, I see what you mean. You're right. May it be a short one.” He laughed and added, “My error.”

After the wine arrived they discussed the matter thoroughly.

“We’ll have to take a small apartment at first,” he said, “and I believe, yes, by golly, I know there’s a small one in the house where I live, a big room and a sort of a dressing-room-kitchenette and the use of a bath on the same floor.”

She clapped her hands happily, and he thought how pretty she was really, that is, the upper part of her face—from the bridge of the nose down she was somewhat out of true. She continued enthusiastically:

“And as soon as we can afford it we’ll take a real swell apartment, with an elevator and a telephone girl.”

“And after that a place in the country—and a car.”

“I can’t imagine nothing more fun. Can you?”

Merlin fell silent a moment. He was thinking that he would have to give up his room, the fourth floor rear. Yet it mattered very little now. During the past year and a half—in fact, from the very date of Caroline’s visit to the Moonlight Quill—he had never seen her. For a week after that visit her lights had failed to go on—darkness brooded out into the areaway, seemed to grope blindly in at his expectant, uncurtained window. Then the lights had appeared at last, and instead of Caroline and her callers they showed a stodgy family—a little man with a bristly mustache and a full-bosomed woman who spent her evenings patting her hips and rearranging bric-a-brac. After two days of them Merlin had callously pulled down his shade.

No, Merlin could think of nothing more fun than rising in the world with Olive. There would be a cottage in a suburb, a cottage painted blue, just one class below the sort of cottages that are of white stucco with a green roof. In the grass around the cottage would be rusty trowels and a broken green bench and a baby-carriage with a wicker body that sagged to the left. And around the grass and the baby-carriage and the cottage itself, around his whole world there would be the arms of Olive, a little stouter, the arms of her neo-Olivian period, when, as she walked, her cheeks would tremble up and down ever so slightly from too much face-massaging. He could hear her voice now, two spoons’ length away:

“I knew you were going to say this to-night, Merlin. I could see——”

She could see. Ah—suddenly he wondered how much she could see. Could she see that the girl who had come in with a party of three men and sat down at the next table was Caroline? Ah, could she see that? Could she see that the men brought with them liquor far more potent than Pulpat’s red ink condensed threefold...?

Merlin stared breathlessly, half-hearing through an auditory ether Olive’s low, soft monologue, as like a persistent honey-bee she sucked sweetness from her memorable hour. Merlin was listening to the clinking of ice and the fine laughter of all four at some pleasantries—and that laughter of Caroline’s that he knew so well stirred him, lifted him,

called his heart imperiously over to her table, whither it obediently went. He could see her quite plainly, and he fancied that in the last year and a half she had changed, if ever so slightly. Was it the light or were her cheeks 'a little thinner and her eyes less fresh, if more liquid, than of old? Yet the shadows were still purple in her russet hair; her mouth hinted yet of kisses, as did the profile that came sometimes between his eyes and a row of books, when it was twilight in the bookshop where the crimson lamp presided no more.

And she had been drinking. The threefold flush in her cheeks was compounded of youth and wine and fine cosmetic—that he could tell. She was making great amusement for the young man on her left and the portly person on her right, and even for the old fellow opposite her, for the latter from time to time uttered the shocked and mildly reproachful cackles of another generation. Merlin caught the words of a song she was intermittently singing—

*Just snap your fingers at care,
Don't cross the bridge 'till you're there*

The portly person filled her glass with chill amber. A waiter after several trips about the table, and many helpless glances at Caroline, who was maintaining a cheerful, futile questionnaire as to the succulence of this dish or that, managed to obtain the semblance of an order and hurried away...

Olive was speaking to Merlin—

“When, then?” she asked, her voice faintly shaded with disappointment. He realized that he had just answered no to some question she had asked him.

“Oh, sometime.”

“Don't you—care?”

A rather pathetic poignancy in her question brought his eyes back to her.

“As soon as possible, dear,” he replied with surprising tenderness. “In two months—in June.”

“So soon?” Her delightful excitement quite took her breath away.

“Oh, yes, I think we'd better say June. No use waiting.”

Olive began to pretend that two months was really too short a time for her to make preparations. Wasn't he a bad boy! Wasn't he impatient, though! Well, she'd show him he mustn't be too quick with *her*. Indeed he was so sadden she didn't exactly know whether she ought lo marry him at all.

“June,” he repeated sternly.

Olive sighed and smiled and drank her coffee, her little finger lifted high above the others in true refined fashion. A stray thought came to Merlin that he would like to buy five rings and throw at it.

“By gosh!” he exclaimed aloud. Soon he *would* be putting rings on one of her fingers.

His eyes swung sharply to the right. The party of four had become so riotous that the head-waiter had approached and spoken to them. Caroline was arguing with this head-waiter in a raised voice, a voice so dear and young that it seemed as though the whole restaurant would listen—the whole restaurant except Olive Masters, self-absorbed in her new secret.

“How do you do?” Caroline was saying. “Probably the handsomest head-waiter in captivity. Too much noise? Very unfortunate. Something’ll have to be done about it. Gerald ”—she addressed the man on her right—“the head-waiter says there’s too much noise. Appeals to us to have it stopped. What’ll I say?”

“Sh!” remonstrated Gerald, with laughter. “Sh!” and Merlin heard him add in an undertone: “All the bourgeoisie will be aroused. This is where the floorwalkers learn French.”

Caroline sat up straight in sudden alertness.

“Where’s a floorwalker?” she cried. “Show me a floorwalker.” This seemed to amuse the party, for they all, including Caroline, burst into renewed laughter. The head-waiter, after a last conscientious but despairing admonition, became Gallic with his shoulders and retired into the background.

Pulpat’s, as every one knows, has the unvarying respectability of the table d’hôte. It is not a gay place in the conventional sense. One comes, drinks the red vine, talks perhaps a little more and a little louder than usual under the low, smoky ceilings, and then goes home. It closes up at nine-thirty, tight as a drum; the policeman is paid off and given an extra bottle of wine for the missis, the coat-room girl hands her tips to the collector, and then darkness crushes the little round tables out of sight and life. But excitement was prepared for Pulpat’s this evening—excitement of no mean variety, A girl with russet, purple-shadowed hair mounted to her table-top and began to dance thereon.

“*Sacre nom de Dieu!* Come down off there!” cried the head-waiter. “Stop that music!”

But the musicians were already playing so loud that they could pretend not to hear his order; having once been young, they played louder and gayer than ever, and Caroline danced with grace and vivacity, her pink, filmy dress swirling about her, her agile arms playing in supple, tenuous gestures along the smoky air.

A group of Frenchmen at a table near by broke into cries of applause, in which other parties joined—in a moment the room was full of clapping and shouting; half the diners were on their feet, crowding up, and on the outskirts the hastily summoned proprietor was giving indistinct vocal evidences of his desire to put an end to this thing as quickly as possible.

“...Merlin!” cried Olive, awake, aroused at last; “she’s such a wicked girl! Let’s get out—now!”

The fascinated Merlin protested feebly that the check was not paid.

“It’s all right. Lay five dollars on the table. I despise that girl. I can’t *bear* to look at her.” She was on her feet now, tugging at Merlin’s arm.

Helplessly, listlessly, and then with what amounted to downright unwillingness, Merlin rose, followed Olive dumbly as she picked her way through the delirious clamor, now approaching its height and threatening become a wild and memorable riot. Submissively he took his coat and stumbled up half a dozen steps into the moist April air outside, his ears still ringing with the sound of light feet on the table and of laughter all about and over the little world of the cafe. In silence they walked along toward Fifth Avenue and a bus.

It was not until next day that she told him about the wedding—how she had moved the date forward: it was much better that they should be married on the first of May.

III

And married they were, in a somewhat stuffy manner, under the chandelier of the flat where Olive lived with her mother. After marriage came elation, and then, gradually, the growth of weariness. Responsibility descended upon Merlin, the responsibility of making his thirty dollars a week and her twenty suffice to keep them respectably fat and to hide with decent garments the evidence that they were.

It was decided after several weeks of disastrous and well-nigh humiliating experiments with restaurants that they would join the great army of the delicatessen-fed, so he took up his old way of life again, in that he stopped every evening at Braegdort’s delicatessen and bought potatoes in salad, ham in slices, and sometimes even stuffed tomatoes in bursts of extravagance.

Then he would trudge homeward, enter the dark hallway, and climb three rickety flights of stairs covered by an ancient carpet of long obliterated design. The hall had an ancient smell—of the vegetables of 1880, of the furniture polish in vogue when “Adam-and-Eve” Bryan ran against William McKinley, of portieres an ounce heavier with dust, from worn-out shoes and lint from dresses turned long since into patch-work quilts. This smell would pursue him up the stairs, revived and made poignant at each landing by the aura of contemporary cooking, then, as he began the next flight, diminishing into the odor of the dead routine of dead generations.

Eventually would occur the door of his room, which slipped open with indecent willingness and closed with almost a sniff upon his “Hello, dear! Got a treat for you to-night.”

Olive, who always rode home on the bus to “get a morsel of air,” would be making the bed and hanging up things. At his call she would come up to him and give him a quick

kiss with wide-open eyes, while he held her upright like a ladder, his hands on her two arms, as though she were a thing without equilibrium, and would once he relinquished hold, fall stiffly backward to the floor. This is the kiss that comes in with the second year of marriage, succeeding the bridegroom kiss (which is rather stagey at best, say those who know about such things, and apt to be copied from passionate movies).

Then came supper, and after that they went out for a walk, up two blocks and through Central Park, or sometimes to a moving picture, which taught them patiently that they were the sort of people for whom life was ordered, and that something very grand and brave and beautiful would soon happen to them if they were docile and obedient to their rightful superiors and kept away from pleasure.

Such was their day for three years. Then change came into their lives: Olive had a baby, and as a result Merlin had a new influx of material resources. In the third week of Olive's confinement, after an hour of nervous rehearsing, he went into the office of Mr. Moonlight Quill and demanded an enormous increase in salary.

"I've been here ten years," he said; "since I was nineteen. I've always tried to do my best in the interests of the business."

Mr. Moonlight Quill said that he would think it over. Next morning he announced, to Merlin's great delight, that he was going to put into effect a project long premeditated—he was going to retire from active work in the bookshop, confining himself to periodic visits and leaving Merlin as manager with a salary of fifty dollars a week and a one—tenth interest in the business. When the old man finished, Merlin's cheeks were glowing and his eyes full of tears. He seized his employer's hand and shook it violently, saying over and over again:

"It's very nice of you, sir. It's very white of you. It's very, very nice of you."

So after ten years of faithful work in the store he had won out at last. Looking back, he saw his own progress toward this hill of elation no longer as a sometimes sordid and always gray decade of worry and failing enthusiasm and failing dreams, years when the moonlight had grown duller in the areaway and the youth had faded out of Olive's face, but as a glorious and triumphant climb over obstacles which he had determinedly surmounted by unconquerable will-power. The optimistic self-delusion that had kept him from misery was seen now in the golden garments of stern resolution. Half a dozen times he had taken steps to leave the Moonlight Quill and soar upward, but through sheer faint-heartedness he had stayed on. Strangely enough he now thought that those were times when he had exerted tremendous persistence and had "determined" to fight it out where he was.

At any rate, let us not for this moment begrudge Merlin his new and magnificent view of himself. He had arrived. At thirty he had reached a post of importance. He left the shop that evening fairly radiant, invested every penny in his pocket in the most

tremendous feast that Braegdort's delicatessen offered, and staggered homeward with the great news and four gigantic paper bags. The fact that Olive was too sick to eat, that he made himself faintly but unmistakably ill by a struggle with four stuffed tomatoes, and that most of the food deteriorated rapidly in an iceless ice-box all next day did not mar the occasion. For the first time since the week of his marriage Merlin Grainger lived under a sky of unclouded tranquility.

The baby boy was christened Arthur, and life became dignified, significant, and, at length, centered. Merlin and Olive resigned themselves to a somewhat secondary place in their own cosmos; but what they lost in personality they regained in a sort of primordial pride. The country house did not come, but a month in an Asbury Park boarding-house each summer filled the gap; and during Merlin's two weeks' holiday this excursion assumed the air of a really merry jaunt—especially when, with the baby asleep in a wide room opening technically on the sea, Merlin strolled with Olive along the thronged board-walk puffing at his cigar and trying to look like twenty thousand a year.

With some alarm at the slowing up of the days and the accelerating of the years, Merlin became thirty-one, thirty-two—then almost with a rush arrived at that age which, with all its washing and panning, can only muster a bare handful of the precious stuff of youth: he became thirty-five. And one day on Fifth Avenue he saw Caroline.

It was Sunday, a radiant, flowerful Easter morning and the avenue was a pageant of lilies and cutaways and happy April-colored bonnets. Twelve o'clock: the great churches were letting out their people—St. Simon's, St. Hilda's, the Church of the Epistles, opened their doors like wide mouths until the people pouring forth surely resembled happy laughter as they met and strolled and chattered, or else waved white bouquets at waiting chauffeurs.

In front of the Church of the Epistles stood its twelve vestrymen, carrying out the time-honored custom of giving away Easter eggs full of face-powder to the church-going debutantes of the year. Around them delightedly danced the two thousand miraculously groomed children of the very rich, correctly cute and curled, shining like sparkling little jewels upon their mothers' fingers. Speaks the sentimentalist for the children of the poor? Ah, but the children of the rich, laundered, sweet-smelling, complexioned of the country, and, above all, with soft, in-door voices.

Little Arthur was five, child of the middle class. Undistinguished, unnoticed, with a nose that forever marred what Grecian yearnings his features might have had, he held tightly to his mother's warm, sticky hand, and, with Merlin on his other side, moved upon the home-coming throng. At Fifty-third Street, where there were two churches, the congestion was at its thickest, its richest. Their progress was of necessity retarded to such an extent that even little Arthur had not the slightest difficulty in keeping up. Then it was

that Merlin perceived an open landaulet of deepest crimson, with handsome nickel trimmings, glide slowly up to the curb and come to a stop. In it sat Caroline.

She was dressed in black, a tight-fitting gown trimmed with lavender, flowered at the waist with a corsage of orchids. Merlin started and then gazed at her fearfully. For the first time in the eight years since his marriage he was encountering the girl again. But a girl no longer. Her figure was slim as ever—or perhaps not quite, for a certain boyish swagger, a sort of insolent adolescence, had gone the way of the first blooming of her cheeks. But she was beautiful; dignity was there now, and the charming lines of a fortunate nine-and-twenty; and she sat in the car with such perfect appropriateness and self-possession that it made him breathless to watch her.

Suddenly she smiled—the smile of old, bright as that very Easter and its flowers, mellow than ever—yet somehow with not quite the radiance and infinite promise of that first smile back there in the bookshop nine years before. It was a steelier smile, disillusioned and sad.

But it was soft enough and smile enough to make a pair of young men in cutaway coats hurry over, to pull their high hats off their wetted, iridescent hair; to bring them, flustered and bowing, to the edge of her landaulet, where her lavender gloves gently touched their gray ones. And these two were presently joined by another, and then two more, until there was a rapidly swelling crowd around the landaulet. Merlin would hear a young man beside him say to his perhaps well-favored companion:

“If you’ll just pardon me a moment, there’s some one I *have* to speak to. Walk right ahead. I’ll catch up.”

Within three minutes every inch of the landaulet, front, back, and side, was occupied by a man—a man trying to construct a sentence clever enough to find its way to Caroline through the stream of conversation. Luckily for Merlin a portion of little Arthur’s clothing had chosen the opportunity to threaten a collapse, and Olive had hurriedly rushed him over against a building for some extemporaneous repair work, so Merlin was able to watch, unhindered, the salon in the street.

The crowd swelled. A row formed in back of the first, two more behind that. In the midst, an orchid rising from a black bouquet, sat Caroline enthroned in her obliterated car, nodding and crying salutations and smiling with such true happiness that, of a sudden, a new relay of gentlemen had left their wives and consorts and were striding toward her.

The crowd, now phalanx deep, began to be augmented by the merely curious; men of all ages who could not possibly have known Caroline jostled over and melted into the circle of ever-increasing diameter, until the lady in lavender was the center of a vast impromptu auditorium.

All about her were faces—clean-shaven, bewhiskered, old, young, ageless, and now, here and there, a woman. The mass was rapidly spreading to the opposite curb, and, as St.

Anthony's around the corner let out its box-holders, it overflowed to the sidewalk and crushed up against the iron picket-fence of a millionaire across the street. The motors speeding along the avenue were compelled to stop, and in a jiffy were piled three, five, and six deep at the edge of the crowd; auto-busses, top-heavy turtles of traffic, plunged into the jam, their passengers crowding to the edges of the roofs in wild excitement and peering down into the center of the mass, which presently could hardly be seen from the mass's edge.

The crush had become terrific. No fashionable audience at a Yale-Princeton football game, no damp mob at a world's series, could be compared with the panoply that talked, stared, laughed, and honked about the lady in black and lavender. It was stupendous; it was terrible. A quarter mile down the block a half-frantic policeman called his precinct; on the same corner a frightened civilian crashed in the glass of a fire-alarm and sent in a wild paean for all the fire-engines of the city; up in an apartment high in one of the tall buildings a hysterical old maid telephoned in turn for the prohibition enforcement agent, the special deputies on Bolshevism, and the maternity ward of Bellevue Hospital.

The noise increased. The first fire-engine arrived, filling the Sunday air with smoke, clanging and crying a brazen, metallic message down the high, resounding walls. In the notion that some terrible calamity had overtaken the city, two excited deacons ordered special services immediately and set tolling the great bells of St. Hilda's and St. Anthony's, presently joined by the jealous gongs of St. Simon's and the Church of the Epistles. Even far off in the Hudson and the East River the sounds of the commotion were heard, and the ferry-boats and tugs and ocean liners set up sirens and whistles that sailed in melancholy cadence, now varied, now reiterated, across the whole diagonal width of the city from Riverside Drive to the gray water-fronts of the lower East Side...

In the center of her landaulet sat the lady in black and lavender, chatting pleasantly first with one, then with another of that fortunate few in cutaways who had found their way to speaking distance in the first rush. After a while she glanced around her and beside her with a look of growing annoyance.

She yawned and asked the man nearest her if he couldn't run in somewhere and get her a glass of water. The man apologized in some embarrassment. He could not have moved hand or foot. He could not have scratched his own ear...

At the first blast of the river sirens keened along the air, Olive fastened the last safety-pin in little Arthur's rompers and looked up. Merlin saw her start, stiffen slowly like hardening stucco, and then give a little gasp of surprise and disapproval.

"That woman," she cried suddenly. "Oh!"

She flashed a glance at Merlin that mingled reproach and pain, and without another word gathered up little Arthur with one hand, grasped her husband by the other, and darted amazingly in a winding, bumping canter through the crowd. Somehow people gave

way before her; somehow she managed to retain her grasp on her son and husband; somehow she managed to emerge two blocks up, battered and disheveled, into an open space, and, without slowing up her pace, darted down a side-street. Then at last, when uproar had died away into a dim and distant clamor, did she come to a walk and set little Arthur upon his feet.

“And on Sunday, too! Hasn’t she disgraced herself enough?” This was her only comment. She said it to Arthur, as she seemed to address her remarks to Arthur throughout the remainder of the day. For some curious and esoteric reason she had never once looked at her husband during the entire retreat.

IV

The years between thirty-five and sixty-five revolve before the passive mind as one unexplained, confusing merry-go-round. True, they are a merry-go-round of ill-gaited and wind-broken horses, painted first in pastel colors, then in dull grays and browns, but perplexing and intolerably dizzy the thing is, as never were the merry-go-rounds of childhood or adolescence, as never, surely, were the certain-coursed, dynamic roller-coasters of youth. For most men and women these thirty-years are taken up with a gradual withdrawal from life, a retreat first from a front with many shelters, those myriad amusements and curiosities of youth, to a line with less, when we peel down our ambitions to one ambition, our recreations to one recreation, our friends to a few to whom we are anesthetic; ending up at last in a solitary, desolate strong point that is not strong, where the shells now whistle abominably, now are but half-heard as, by turns frightened and tired, we sit waiting for death.

At forty, then, Merlin was no different from himself at thirty-five; a larger paunch, a gray twinkling near his ears, a more certain lack of vivacity in his walk. His forty-five differed from his forty by a like margin, unless one mention a slight deafness in his left ear. But at fifty-five the process had become a chemical change of immense rapidity. Yearly he was more and more an “old man” to his family—senile almost, so far as his wife was concerned. He was by this time complete owner of the bookshop. The mysterious Mr. Moonlight Quill, dead some five years and not survived by his wife, had deeded the whole stock, and store to him, and there he still spent his days, conversant now by name with almost all that man has recorded for three thousand years, a human catalogue, an authority upon tooling and binding, upon folios and first editions, an accurate inventory of a thousand authors whom he could never have understood and had certainly never read.

At sixty-five he distinctly doddered. He had assumed the melancholy habits of the aged so often portrayed by the second old man in standard Victorian comedies. He consumed vast warehouses of time searching for mislaid spectacles. He “nagged” his wife

and was nagged in turn. He told the same jokes three or four times a year at the family table, and gave his son weird, impossible directions as to his conduct in life. Mentally and materially he was so entirely different from the Merlin Grainger of twenty-five that it seemed incongruous that he should bear the same name.

He worked still in the bookshop with the assistance of a youth, whom, of course, he considered very idle, indeed, and a new young woman, Miss Gaffney. Miss McCracken, ancient and unvenerable as himself, still kept the accounts. Young Arthur was gone into Wall Street to sell bonds, as all the young men seemed to be doing in that day. This, of course, was as it should be. Let old Merlin get what magic he could from his books—the place of young King Arthur was in the counting-house.

One afternoon at four when he had slipped noiselessly up to the front of the store on his soft-soled slippers, led by a newly formed habit, of which, to be fair, he was rather ashamed, of spying upon the young man clerk, he looked casually out of the front window, straining his faded eyesight to reach the street. A limousine, large, portentous, impressive, had drawn to the curb, and the chauffeur, after dismounting and holding some sort of conversation with persons in the interior of the car, turned about and advanced in a bewildered fashion toward the entrance of the Moonlight Quill. He opened the door, shuffled in, and, glancing uncertainly at the old man in the skull-cap, addressed him in a thick, murky voice, as though his words came through a fog.

“Do you—do you sell additions?”

Merlin nodded.

“The arithmetic books are in the back of the store.”

The chauffeur took off his cap and scratched a close-cropped, fuzzy head.

“Oh, naw. This I want’s a detecatif story.” He jerked a thumb back toward the limousine. “She seen it in the paper. Firs’ addition.”

Merlin’s interest quickened. Here was possibly a big sale.

“Oh, editions. Yes, we’ve advertised some firsts, but—detective stories, I—don’t—believe—What was the title?”

“I forget. About a crime.”

“About a crime. I have—well, I have ‘The Crimes of the Borgias’—full morocco, London 1769, beautifully——“

“Naw,” interrupted the chauffeur, “this was one fella did this crime. She seen you had it for sale in the paper.” He rejected several possible titles with the air of connoisseur.

“Silver Bones,” he announced suddenly out of a slight pause.

“What?” demanded Merlin, suspecting that the stiffness of his sinews were being commented on.

“Silver Bones. That was the guy that done the crime.”

“Silver Bones?”

“Silver Bones. Indian, maybe.”

Merlin stroked his grizzly cheeks.

“Gees, Mister,” went on the prospective purchaser, “if you wanna save me an awful bawlin’ out jes’ try an’ think. The old lady goes wile if everything don’t run smooth.”

But Merlin’s musings on the subject of Silver Bones were as futile as his obliging search through the shelves, and five minutes later a very dejected charioteer wound his way back to his mistress. Through the glass Merlin could see the visible symbols of a tremendous uproar going on in the interior of the limousine. The chauffeur made wild, appealing gestures of his innocence, evidently, to no avail, for when he turned around and climbed back into the driver’s seat his expression was not a little dejected.

Then the door of the limousine opened and gave forth a pale and slender young man of about twenty, dressed in the attenuation of fashion and carrying a wisp of a cane. He entered the shop, walked past Merlin, and proceeded to take out a cigarette and light it. Merlin approached him.

“Anything I can do for you, sir?”

“Old boy,” said the youth coolly, “there are several things. You can first let me smoke my ciggy in here out of sight of that old lady in the limousine, who happens to be my grandmother. Her knowledge as to whether I smoke it or not before my majority happens to be a matter of five thousand dollars to me. The second thing is that you should look up your first edition of the ‘Crime of Sylvester Bonnard’ that you advertised in last Sunday’s *Times*. My grandmother there happens to want to take it off your hands.”

Detecatif story! Crime of somebody! Silver Bones! All was explained. With a faint deprecatory chuckle, as if to say that he would have enjoyed this had life put him in the habit of enjoying anything, Merlin doddered away to the back of his shop where his treasures were kept, to get this latest investment which he had picked up rather cheaply at the sale of a big collection.

When he returned with it the young man was drawing on his cigarette and blowing out quantities of smoke with immense satisfaction.

“My God!” he said, “She keeps me so dose to her the entire day running idiotic errands that this happens to be my first puff in six hours. What’s the world coming to, I ask you, when a feeble old lady in the milk-toast era can dictate to a man as to his personal vices? I happen to be unwilling to be so dictated to. Let’s see the book.”

Merlin passed it to him tenderly and the young man, after opening it with a carelessness that gave a momentary jump to the book-dealer’s heart, ran through the pages with his thumb.

“No illustrations, eh?” he commented. “Well, old boy, what’s it worth? Speak up! We’re willing to give you a fair price, though why I don’t know.”

“One hundred dollars,” said Merlin with a frown.

The young man gave a startled whistle.

“Whew! Come on. You’re not dealing with somebody from the cornbelt. I happen to be a city-bred man and my grandmother happens to be a city-bred woman, though I’ll admit it’d take a special tax appropriation to keep her in repair. Well give you twenty-five dollars, and let me tell you that’s liberal. We’ve got books in our attic, up in our attic with my old playthings, that were written before the old boy that wrote this was born.”

Merlin stiffened, expressing a rigid and meticulous horror.

“Did your grandmother give you twenty-five dollars to buy this with?”

“She did not. She gave me fifty, but she expects change. I know that old lady.”

“You tell her,” said Merlin with dignity, “that she has missed a very great bargain,”

“Give you forty,” urged the young man. “Come on now—be reasonable and don’t try to hold us up——”

Merlin had wheeled around with the precious volume under his arm and was about to return it to its special drawer in his office when there was a sudden interruption. With unheard-of magnificence the front door burst rather than swung open, and admitted into the dark interior a regal apparition in black silk and fur which bore rapidly down upon him. The cigarette leaped from the fingers of the urban young man and he gave breath to an inadvertent “Damn!”—but it was upon Merlin that the entrance seemed to have the most remarkable and incongruous effect—so strong an effect that the greatest treasure of his shop slipped from his hand and joined the cigarette on the floor. Before him stood Caroline.

She was an old woman, an old woman remarkably preserved, unusually handsome, unusually erect, but still an old woman. Her hair was a soft, beautiful white, elaborately dressed and jeweled; her face, faintly rouged à la grande dame, showed webs of wrinkles at the edges of her eyes and two deeper lines in the form of stanchions connected her nose with the corners of her mouth. Her eyes were dim, ill natured, and querulous.

But it was Caroline without a doubt: Caroline’s features though in decay; Caroline’s figure, if brittle and stiff in movement; Caroline’s manner, unmistakably compounded of a delightful insolence and an enviable self assurance; and, most of all, Caroline’s voice, broken and shaky, yet with a ring in it that still could and did make chauffeurs want to drive laundry wagons and cause cigarettes to fall from the fingers of urban grandsons.

She stood and sniffed. Her eyes found the cigarette upon the floor.

“What’s that?” she cried. The words were not a question—they were an entire litany of suspicion, accusation, confirmation, and decision. She tarried over them scarcely an instant. “Stand up!” she said to her grandson, “stand up and blow that nicotine out of your lungs!”

The young man looked at her in trepidation.

“Blow!” she commanded.

He pursed his lips feebly and blew into the air.

“Blow!” she repeated, more peremptorily than before.

He blew again, helplessly, ridiculously.

“Do you realize,” she went on briskly, “that you’ve forfeited five thousand dollars in five minutes?”

Merlin momentarily expected the young man to fall pleading upon his knees, but such is the nobility of human nature that he remained standing—even blew again into the air, partly from nervousness, partly, no doubt, with some vague hope of reingratiating himself.

“Young ass!” cried Caroline. “Once more, just once more and you leave college and go to work.”

This threat had such an overwhelming effect upon the young man that he took on an even paler pallor than was natural to him. But Caroline was not through.

“Do you think I don’t know what you and your brothers, yes, and your asinine father too, think of me? Well, I do. You think I’m senile. You think I’m soft. I’m not!” She struck herself with her fist as though to prove that she was a mass of muscle and sinew. “And I’ll have more brains left when you’ve got me laid out in the drawing-room some sunny day than you and the rest of them were born with.”

“But Grandmother——”

“Be quiet. You, a thin little stick of a boy, who if it weren’t for my money might have risen to be a journeyman barber out in the Bronx—Let me see your hands. Ugh! The hands of a barber—*you* presume to be smart with *me* who once had three counts and a bona-fide duke, not to mention half a dozen papal titles pursue me from the city of Rome to the city of New York.” She paused, took breath, “Stand up! Blow!”

The young man obediently blew. Simultaneously the door opened and an excited gentleman of middle age who wore a coat and hat trimmed with fur, and seemed, moreover, to be trimmed with the same sort of fur himself on upper lip and chin, rushed into the store and up to Caroline.

“Found you at last,” he cried. “Been looking for you all over town. Tried your house on the phone and your secretary told me he thought you’d gone to a book-shop called the Moonlight——”

Caroline turned to him irritably.

“Do I employ you for your reminiscences?” she snapped. “Are you my tutor or my broker?”

“Your broker,” confessed the fur-trimmed man, taken somewhat aback. “I beg your pardon. I came about that phonograph stock. I can sell for a hundred and five.”

“Then do it”

“Very well. I thought I’d better——”

“Go sell it. I’m talking to my grandson.”

“Very well. I——”

“Good-by.”

“Good-by, Madame.” The fur-trimmed man made a slight bow and hurried in some confusion from the shop.

“As for you,” said Caroline, turning to her grandson, “you stay just where you are and be quiet.”

She turned to Merlin and included his entire length in a not unfriendly survey. Then she smiled and he found himself smiling too. In an instant they had both broken into a cracked but none the less spontaneous chuckle. She seized his arm and hurried him to the other side of the store. There they stopped, faced each other, and gave vent to another long fit of senile glee.

“It’s the only way,” she gasped in a sort of triumphant malignity. “The only thing that keeps old folks like me happy is the sense that they can make other people step around. To be old and rich and have poor descendants is almost as much fun as to be young and beautiful and have ugly sisters.”

“Oh, yes,” chuckled Merlin. “I know. I envy you.”

She nodded, blinking.

“The last time I was in here, forty years ago,” she said, “you were a young man very anxious to kick up your heels.”

“I was,” he confessed.

“My visit must have meant a good deal to you.”

“You have all along,” he exclaimed. “I thought—I used to think at first that you were a real person—human, I mean.”

She laughed.

“Many men have thought me inhuman.”

“But now,” continued Merlin excitedly, “I understand. Understanding is allowed to us old people—after nothing much matters. I see now that on a certain night when you danced upon a table-top you were nothing but my romantic yearning for a beautiful and perverse woman,”

Her old eyes were far away, her voice no more than the echo of a forgotten dream.

“How I danced that night! I remember.”

“You were making an attempt at me. Olive’s arms were closing about me and you warned me to be free and keep my measure of youth and irresponsibility. But it seemed like an effect gotten up at the last moment. It came too late.”

“You are very old,” she said inscrutably. “I did not realize.”

“Also I have not forgotten what you did to me when I was thirty-five. You shook me with that traffic tie-up. It was a magnificent effort. The beauty and power you radiated!

You became personified even to my wife, and she feared you. For weeks I wanted to slip out of the house at dark and forget the stuffiness of life with music and cocktails and a girl to make me young. But then—I no longer knew how.”

“And now you are so very old.”

With a sort of awe she moved back and away from him.

“Yes, leave me!” he cried. “You are old also; the spirit withers with the skin. Have you come here only to tell me something I had best forget: that to be old and poor is perhaps more wretched than to be old and rich; to remind me that *my* son hurls my gray failure in my face?”

“Give me my book,” she commanded harshly. “Be quick, old man!”

Merlin looked at her once more and then patiently obeyed. He picked up the book and handed it to her, shaking his head when she offered him a bill.

“Why go through the farce of paying me? Once you made me wreck these very premises.”

“I did,” she said in anger, “and I’m glad. Perhaps there had been enough done to ruin *me*.”

She gave him a glance, half disdain, half ill-concealed uneasiness, and with a brisk word to her urban grandson moved toward the door.

Then she was gone—out of his shop—out of his life. The door clicked. With a sigh he turned and walked brokenly back toward the glass partition that enclosed the yellowed accounts of many years as well as the mellowed, wrinkled Miss McCracken.

Merlin regarded her parched, cobwebbed face with an odd sort of pity. She, at any rate, had had less from life than he. No rebellious, romantic spirit cropping out unbidden had, in its memorable moments, given her life a zest and a glory.

Then Miss McCracken looked up and spoke to him:

“Still a spunky old piece, isn’t she?”

Merlin started.

“Who?”

“Old Alicia Dare. Mrs. Thomas Allerdyce she is now, of course; has been these thirty years.”

“What? I don’t understand you.” Merlin sat down suddenly in his swivel chair; his eyes were wide.

“Why, surely, Mr. Grainger, you can’t tell me that you’ve forgotten her, when for ten years she was the most notorious character in New York. Why, one time when she was the correspondent in the Throckmorton divorce case she attracted so much attention on Fifth Avenue that there was a traffic tie-up. Didn’t you read about it in the papers?”

“I never used to read the papers.” His ancient brain was whirring.

“Well, you can’t have forgotten the time she came in here and ruined the business. Let me tell you I came near asking Mr. Moonlight Quill for my salary, and dealing out”

“Do you mean that—that you *saw* her?”

“Saw her! How could I help it with the racket that went on. Heaven knows Mr. Moonlight Quill didn’t like it either, but of course *he* didn’t say anything. He was daffy about her and she could twist him around her little finger. The second he opposed one of her whims she’d threaten to tell his wife on him. Served him right. The idea of that man falling for a pretty adventuress! Of course he was never rich enough for *her*, even though the shop paid well in those days.”

“But when I saw her,” stammered Merlin, “that is, when I *thought* I saw her, she lived with her mother.”

“Mother, trash!” said Miss McCracken indignantly. “She had a woman there she called ‘Aunty’ who was no more related to her than I am. Oh, she was a bad one—but clever. Right after the Throckmorton divorce case she married Thomas Allerdyce, and made herself secure for life.”

“Who was she?” cried Merlin, “For God’s sake what was she—a witch?”

“Why, she was Alicia Dare, the dancer, of course. In those days you couldn’t pick up a paper without finding her picture.”

Merlin sat very quiet, his brain suddenly fatigued and stilled. He was an old man now indeed, so old that it was impossible for him to dream of ever having been young, so old that the glamour was gone out of the world, passing not into the faces of children and into the persistent comforts of warmth and life, but passing out of the range of sight and feeling. He was never to smile again or to sit in a long reverie when spring evenings wafted the cries of children in at his window until gradually they became the friends of his boyhood out there, urging him to come and play before the last dark came down. He was too old now even for memories.

That night he sat at supper with his wife and son, who had used him for their blind purposes. Olive said:

“Don’t sit there like a death’s-head. Say something.”

“Let him sit quiet,” growled Arthur. “If you encourage him he’ll tell us a story we’ve heard a hundred times before.”

Merlin went up-stairs very quietly at nine o’clock. When he was in his room and had closed the door tight he stood by it for a moment, his thin limbs trembling. He knew now that he had always been a fool.

“O Russet Witch!”

But it was too late. He had angered Providence by resisting too many temptations. There was nothing left but heaven, where he would meet only those who, like him, had wasted earth.

Ó, FEITICEIRA DE CABELO VERMELHO!

I

Merlin Grainer trabalhava na livraria Moonlight Quill, que o leitor poderá até já ter visitado, pois fica mesmo ao virar da esquina do Ritz-Carlton na rua Quarenta e Sete. A Moonlight Quill é, ou era, uma lojinha muito romântica, considerada radical e tida por sombria. O seu interior manchava-se de cartazes vermelhos e alaranjados de intuitos exóticos e empolgantes, sendo iluminado em igual medida pelas lombadas resplandcentes das edições especiais e pelo enorme candeeiro de cetim vermelho escuro que, aceso durante todo o dia, balançava no teto. Era, realmente, uma livraria agradável. Por cima da porta, liam-se as palavras “Moonlight Quill”, trabalhadas numa espécie de bordado sinuoso. As vitrines pareciam sempre cheias de alguma coisa que, por pouco, passara na censura literária. Havia ainda volumes com capas de um laranja intenso, cujos títulos se davam a ler em quadradinhos de papel branco. Acima de tudo, havia o aroma do almíscar, borrifado por ordem do inescrutável e hábil Sr. Moonlight Quill: o odor de uma loja de curiosidades da Londres de Dickens entremeado com o de um café da beira-mar cálida do Bósforo.

Das nove às cinco e meia, Merlin Grainger perguntava a entediadas velhotas de negro e a jovens com círculos escuros por baixo dos olhos se “gostavam de fulano tal” ou se tinham algum interesse em primeiras edições, se compravam romances com árabes na capa ou livros com os mais recentes sonetos de Shakespeare, tal como psiquicamente ditados à *Miss* Sutton do Dakota do Sul. Então fungava. Na verdade, a sua preferência inclinava-se para estes últimos, mas, na qualidade de empregado da Moonlight Quill, tomava, durante a jornada de trabalho, a postura de um *connoisseur* desencantado.

Todas as tardes, às cinco e meia, gatinhava vitrine adiante para fazer descer a persiana da frente, após o que se despedia do misterioso Sr. Moonlight Quill, da contabilista, a *Miss* McCracken, e da estenógrafa, a *Miss* Masters, voltando depois para casa, para Caroline. Não ceava com ela, porém. Era inconcebível que Caroline pudesse sequer contemplar a ideia de comer na cómoda de Merlin, com os botões do colarinho perigosamente próximos do queijo fresco e a ponta da gravata quase a afogar-se no seu copo de leite. Ele nunca lhe pedira que ceassem juntos. Comia sozinho. Ia à mercearia Braegdort, na Sexta Avenida, e comprava uma caixa de biscoitos salgados, um tubo de pasta de anchovas e algumas laranjas ou então um frasquinho de salsichas, um pouco de salada de batata e uma garrafa de refresco. Com estas iguarias num saco castanho, ia para o seu quarto no número cinquenta e qualquer coisa da Rua Cinquenta e Oito Oeste, ceava e observava Caroline.

Caroline era muito jovem e alegre, deveria ter uns dezanove anos, e vivia com uma

senhora mais velha. Era uma espécie de fantasma, na medida em que só existia à noite. Irrompia para a vida quando as luzes se acendiam no seu apartamento, por volta das seis, e desaparecia, o mais tardar, pela meia-noite. O seu apartamento era agradável, num edifício agradável, com uma fachada de pedra clara, do outro lado da parte sul do Central Park. As traseiras davam para a janela solteira do quarto de solteiro do Sr. Grainger, também ele solteiro. Chamava-lhe Caroline porque ela se parecia com a pessoa na sobrecapa de um livro com o mesmo nome, que vira lá na Moonlight Quill.

Ora, Merlin Grainger era um jovem magro de vinte e cinco anos, de cabelo negro, sem barba, nem bigode, nem nada que com isso se parecesse, mas Caroline era deslumbrante e delicada, com um flamejante caudal de ondas avermelhadas fazendo as vezes do cabelo e com aquelas feições que nos fazem pensar em beijos, aquelas feições que julgamos pertencerem ao nosso primeiro amor, mas que, ao depararmo-nos com uma velha fotografia, percebemos que não. Vestia normalmente de rosa ou azul, mas nos últimos tempos trazia, por vezes, um vestidinho preto que era, sem dúvida, o seu orgulho, pois que, sempre que o envergava, parava a olhar para uma determinada zona na parede, que Merlin calculava ser um espelho. Por norma, Caroline sentava-se numa cadeira baixa junto à janela, ainda que, por vezes, concedesse essa honra à *chaise longue* ao lado do candeeiro, recostando-se muito e fumando um cigarro com poses de braços e mãos que Merlin considerava muito graciosas.

Numa outra ocasião, fora até à janela e ali permanecera, magnificamente emoldurada, olhando para lá fora, que a lua perdera o rumo e deixava escorrer o mais estranho e cambiante fulgor na estreita passagem entre os dois prédios, tornando o motivo de caixotes do lixo e estendais num vívido impressionismo de barris prateados e teias de aranha, gigantescas, delicadas, envelhecidas. Merlin estava sentado à vista desarmada a comer queijo fresco com açúcar e leite e tão rapidamente se atirou ao cordão da persiana que, com a mão que estava livre, virou o queijo no colo. O leite estava frio e o açúcar manchou-lhe as calças e, além disso, estava certo de que Caroline acabara por vê-lo.

Por vezes, ela recebia visitas: homens de casaca, que ficavam de pé e faziam vénias, de chapéu na mão e casaca no braço, enquanto falavam com ela. Depois, faziam mais uma vénia e seguiam-na até à escuridão, evidentemente com destino ao teatro ou a um baile. Apareciam ainda outros jovens, que se sentavam e fumavam cigarros e pareciam tentar dizer algo a Caroline – ela sentada na cadeira, observando-os com uma atenção ávida, ou na *chaise longue* junto ao candeeiro, com um ar deveras encantador e juvenilmente inescrutável.

Merlin gostava dessas visitas. Aprovava a presença de alguns daqueles homens. Outros apenas lhe inspiravam uma tolerância relutante. A um ou dois nutria ódio – especialmente ao visitante mais frequente, um homem de cabelo preto, com uma barbicha escura e uma alma negra como breu e que lhe parecia vagamente familiar, ainda que nunca

tivesse sido capaz de o reconhecer.

Mas note-se que a vida de Merlin não “girava toda à volta daquele romance que fantasiara”, não era aquele “o momento mais feliz do seu dia”. Nunca chegou a tempo de salvar Caroline das “garras” daqueles homens, nem sequer chegou a casar com ela. O que aconteceu foi bem mais estranho e é esse estranho acontecimento que irei aqui registar. Tudo começou numa tarde de outubro, quando ela irrompeu pelo agradável interior da Moonlight Quill.

A tarde estava escura, ameaçando chuva e o fim do mundo, cobrindo-se daquele cinza particularmente sombrio que só as tardes de Nova Iorque se permitem. Uma brisa chorava rua abaixo, sacudindo e levando consigo jornais despedaçados e bocados de objetos, enquanto algumas luzinhas picotavam as janelas: o cenário era tão desolador que se tinha pena dos topos dos edifícios perdidos lá em cima, naqueles céus de verde e cinza escuros, e se sentia que a farsa estava prestes a chegar ao fim e que, logo logo, todos os prédios ruiam como casas de cartas, empilhando-se num monte poeirento e sardónico sobre os milhões de pessoas que ousavam serpentear dentro e fora deles.

Pelo menos era esta a sorte de divagações que pesava na alma de Merlin Grainger, de pé junto à vitrine enfileirando uma dúzia de livros depois da visita ciclónica de uma senhora enfeitada de arminho. Olhou pela vitrine atormentado pelos mais angustiantes pensamentos – os primeiros romances de H.G. Wells, o livro do Génesis, o facto de Thomas Edison ter dito que, em trinta anos, deixariam de existir moradias na ilha, restando apenas um enorme e turbulento bazar. Pousou então o último livro com o lado direito para cima, voltou-se e viu Caroline entrar descontraidamente na loja.

Envergava traje de passeio, vistoso, mas ainda assim convencional. Merlin lembrou-se disso quando, mais tarde, voltou a pensar no assunto. Trazia uma saia xadrez, plissada como uma concertina; o casaco era de um castanho suave, mas vigoroso; os sapatos e as polainas eram também castanhos e o chapéu, pequeno e adornado, completava-a como a tampa de uma caríssima caixa recheada dos mais maravilhosos chocolates.

Merlin, perplexo e afogueado, avançou nervosamente ao seu encontro.

“Boa tarde,” disse, detendo-se. Porque o fez não percebeu, mas sentiu que algo deveras portentoso estava prestes a acontecer na sua vida e que não seria necessária qualquer delicadeza, mas antes silêncio, bem como a quantidade adequada de atenção expectante. E no minuto que precedeu o acontecimento da coisa, teve a sensação de viver um segundo ofegante pairando no tempo: viu, através da divisória de vidro que repartia o pequeno escritório, a malévola e cónica cabeça do seu patrão, o Sr. Moonlight Quill, debruçada sobre a correspondência. Viu as Misss McCracken e Masters como duas mechas de cabelo caídas sobre montanhas de papel. Viu o candeeiro carmesim preso no teto e reparou, com um toque de prazer, que dava à livraria um ar verdadeiramente agradável e romântico.

Então a coisa aconteceu. Ou melhor, começou a acontecer. Caroline pegou num volume de poemas deixado ao acaso num monte de livros, folheou-o ausente com a sua delicada mão alva e, sem mais, com um gesto fácil, arremessou-o ao teto, fazendo-o desaparecer no candeeiro carmesim, onde se alojou. Através da seda iluminada, o livro ganhava o aspeto de um retângulo escuro e intumescido. A situação pareceu agradar a Caroline, que irrompeu numa gargalhada juvenil e contagiante, à qual Merlin acabou por se juntar sem sequer se aperceber.

“Ficou lá em cima,” gritou ela alegremente. “Ficou lá em cima, não ficou?”

Para ambos, aquilo parecia o cúmulo luminoso do absurdo. As suas gargalhadas misturavam-se, enchiam a livraria e Merlin regozijou-se ao descobrir que a voz dela era rica e enfeitiçante.

“Tente outra vez,” deu por si a sugerir. “Experimente com o vermelho.”

Com isto, as gargalhadas foram aumentando e ela teve de pousar as mãos na pilha de livros para se equilibrar.

“Atire outro,” conseguiu ela articular entre espasmos de hilaridade. “Ah, céus, atire outro!”

“Experimente atirar dois.”

“Sim, dois. Vou engasgar-me se não parar de rir. Aqui vai.”

Fazendo corresponder os atos às palavras, Caroline pegou num livro vermelho e atirou-o numa suave hipérbole rumo ao teto, onde o livro se afundou no candeeiro ao lado do outro. Só ao fim de alguns minutos é que Merlin e Caroline conseguiram fazer algo mais do que balançar-se para trás e para a frente numa exultação irremediável, mas então, por mútuo acordo, deram ao jogo uma nova forma, desta vez em uníssono. Merlin agarrou num clássico francês, grande, com uma encadernação especial, e fê-lo rodopiar até ao teto. Para celebrar a sua pontaria, pegou, com uma das mãos, num dos livros mais vendidos e, como a outra, num livro sobre mexilhões e esperou ofegante enquanto ela fazia a sua tentativa. Então a história começou a evoluir frenética e furiosamente: por vezes, atiravam cada um à vez e, ao observar Caroline, Merlin percebeu quão ágeis eram os seus movimentos; por vezes, um deles fazia lançamento atrás de lançamento, pegando nos livros que estavam mais próximos e atirando-os ao ar, mal conseguindo acompanhá-los com os olhos antes de agarrar no livro seguinte. Em três minutos, já uma pequena parte da mesa fora limpa e o candeeiro carmesim estava tão carregado de livros que parecia prestes a cair.

“Que jogo tolo, o basquetebol!” gritou Caroline desdenhosamente enquanto um livro lhe saía da mão. “As raparigas do liceu jogam basquetebol com umas ceroulas horríveis.”

“Uma tolice,” concordou Merlin.

Fazendo uma pausa no ato de atirar livros, ela devolveu subitamente a obra ao seu

lugar na mesa.

“Penso que já temos espaço para nos sentarmos,” disse séria.

E tinham. Haviam desimpedido um amplo espaço para dois. Com uma leve pitada de nervosismo, Merlin relanceou a divisória de vidro do Sr. Moonlight Quill, mas as três cabeças estavam ainda solenemente debruçadas sobre o trabalho e era evidente que não tinham visto o que acabara de acontecer na loja. Assim sendo, quando Caroline colocou as mãos na mesa e se içou para se sentar sobre ela, Merlin imitou-a calmamente. Ficaram sentados lado a lado, olhando-se muito sérios.

“Tinha de o ver,” começou ela, com uma expressão deveras patética nos olhos castanhos.

“Eu sei.”

“Foi aquela última vez,” continuou Caroline, a voz tremendo-lhe um tanto, ainda que tentasse mantê-la firme. “Estava assustada. Não gosto que coma na cómoda. Tenho tanto medo que... que engula um botão de colarinho.”

“E engoli uma vez – quase,” confessou ele relutante. “Mas não é assim tão fácil, sabe? Quer dizer, é fácil engolir a parte lisa ou então a outra parte – ou seja, partes separadas –, mas para engolir um botão inteiro é preciso uma garganta feita por medida.” Merlin estava impressionado com a charmosa pertinência das suas observações. Pela primeira vez na vida, as palavras pareciam correr na sua direção, guinchando para serem usadas, reunindo-se em esquadões e pelotões cuidadosamente organizados e apresentando-se diante dele com o auxílio de meticulosos oficiais de ligação.

“Foi isso que me assustou,” disse ela. “Eu sabia que era preciso uma garganta feita por medida e sabia, pelo menos estava quase certa disso, de que não tinha uma garganta dessas.”

Merlin acenou com franqueza.

“Não tenho. Uma coisa dessas custa dinheiro. Mais dinheiro, infelizmente, do que aquele que tenho.”

Não se envergonhou ao dizer tal coisa. Aliás, dava-lhe certo deleite admiti-lo. Sabia que nada do que dissesse ou fizesse seria, para ela, incompreensível, muito menos, se se tratasse da sua miséria e da impossibilidade prática de alguma vez se libertar dela.

Caroline olhou para o seu relógio de pulso e, com um gritinho, deslizou da mesa, pondo-se de pé.

“Já passa das cinco!” exclamou. “Não dei conta. Tenho de estar no Ritz às cinco e meia. Temos de nos apressar e despachar isto. Estou apostada no assunto.”

Unânimes, lançaram-se ao trabalho. Começou Caroline, agarrando num livro sobre insetos e lançando-o num zumbido. O livro acabou por se espatifar contra o cubículo de vidro que alojava o Sr. Moonlight Quill. O proprietário levantou a cabeça com um olhar esgazeado, varreu da secretária uns pedaços de vidro e continuou com as suas cartas. A

Miss McCracken não deu sinais de ter ouvido o que quer que fosse. Apenas a *Miss Masters* se sobressaltou, lançando um gritinho assustado antes de se debruçar novamente sobre as suas tarefas.

Mas nada disso interessava a Merlin e Caroline. Num perfeito deboche de energia, arremessaram livro atrás de livro em todas as direções, havendo, por vezes, três ou quatro no ar ao mesmo tempo, estraçalhando-se contra as estantes, partindo os vidros das fotografias penduradas nas paredes, estatelando-se, feridos e rasgados, no chão. Felizmente, não entrou na loja nenhum cliente, pois por certo não voltariam a entrar – o barulho era tremendo, o barulho do despedaçar e do rasgar e do esfarrapar, mesclava-se, cá e lá, com o tilintar de vidros, a rápida respiração dos dois atiradores e as intermitentes explosões de riso a que ambos, por vezes, se rendiam.

Às cinco e meia, Caroline atirou ao candeeiro o último livro, dando o ímpeto final à carga que aquele suportava. A seda enfraquecida rasgou-se e deixou cair o seu fardo num único e vasto respingo de brancura e cor no chão já entulhado. Então, com um suspiro de alívio, Caroline voltou-se para Merlin e estendeu-lhe a mão.

“Adeus,” disse simplesmente.

“Já vai?”

Ele sabia que sim. A pergunta de Merlin era apenas uma manobra vagarosa para a deter e extrair, por mais um segundo, aquela essência de luz estonteante que irradiava da sua presença, para dar continuidade à enorme satisfação que retirava das suas feições, que eram como beijos e, pensou ele, como as feições de uma rapariga que conhecera em 1910. Por um instante, Merlin aconchegou a suavidade da mão dela, posto o que ela sorriu e retirou a mão. Antes mesmo de ele saltar para abrir a porta, já Caroline saíra para o crepúsculo turvo e ameaçador que pairava sobre a estreita Rua Quarenta e Sete.

Gostaria de vos dizer que Merlin, tendo percebido a forma como a beleza olha para a sabedoria que vem com o tempo, entrou no cubículo do Sr. Moonlight Quill e se demitiu naquele preciso momento, saindo dali como um homem muito mais refinado e nobre e cada vez mais irónico. Mas a verdade é apenas mais um lugar-comum. Merlin Grainger ergueu-se e examinou os escombros da livraria, os volumes arruinados, os restos de seda rasgada do outrora belíssimo candeeiro carmesim, os salpicos cristalinos do vidro partido jazendo na poeira iridescente que cobria o interior da loja. Então, dirigiu-se a um canto onde se guardava uma vassoura e começou a limpar e a reorganizar e, tanto quanto lhe era possível, a devolver à loja o seu aspeto original. Percebeu que, embora alguns poucos livros tivessem saído ilesos, a maioria sofrera ferimentos de diferentes graus. Uns haviam perdido a capa e outros, as páginas, enquanto alguns tinham apenas umas rachas na frente, o que, como bem sabem os restituidores displicentes de livros, era suficiente para não os vender, fazendo deles livros em segunda mão.

Todavia, quando bateram as seis, Merlin conseguira já reparar muitos dos estragos.

Devolvera os livros aos seus locais de origem, varrera o chão e colocara lâmpadas novas nos bocais do teto. O quebra-luz vermelho, esse, não tinha reparação possível e ocorreu-lhe, não sem alguma trepidação, que o dinheiro necessário para o substituir teria de sair do seu ordenado. Assim, às seis, tendo dado o seu melhor, gatinhou pela vitrine para baixar a persiana. Ao trilhar delicadamente o caminho de volta, viu o Sr. Moonlight Quill levantar-se da secretária, vestir o paletó, colocar o chapéu e aparecer na loja. Acenou misteriosamente a Merlin e dirigiu-se para a porta. Com a mão no puxador, deteve-se, voltou-se e, numa voz curiosamente temperada de ferocidade e incerteza, disse:

“Se aquela rapariga voltar a entrar aqui, diga-lhe que se comporte.”

Com isto, abriu a porta, afogando o manso “Sim, senhor” de Merlin no ranger da dobradiça, e saiu. Merlin ali permaneceu ainda um momento, tendo, sensatamente, decidido não se preocupar com o que era, naquele instante, uma mera futuridade. Então, foi até às traseiras da loja e convidou a *Miss* Masters para cear com ele no restaurante francês Pulpat's, onde ainda se conseguia beber vinho tinto ao jantar, malgrado o Grandioso Governo Federal. A *Miss* Masters aceitou.

“O vinho dá-me um formigueirozinho,” disse ela.

Merlin riu-se em segredo, comparando-a a Caroline. Ou melhor, não a comparando. Não havia comparação possível.

II

O Sr. Moonlight Quill, misterioso, exótico e oriental em temperamento, era, não obstante, um homem determinado. E foi determinado que abordou a questão da loja arruinada. A menos que desembolsasse um montante igual ao custo de todo o seu inventário – um passo que, por certos motivos de ordem pessoal, não queria dar – ser-lhe-ia impossível manter a Moonlight Quill em atividade nos mesmos moldes. Só havia uma solução. Assim sendo, rapidamente transformou a sua livraria sempre atualizada numa livraria de segunda mão. Os livros danificados desvalorizaram entre vinte e cinco a cinquenta por cento, enquanto o nome sobre a porta, cujo bordado em serpentina outrora brilhara com tamanha insolência, se deixou ficar a meia-luz e tomou a cor indescritivelmente vaga de tinta velha. Além disso, dada a sua especial predileção por cerimónias, o proprietário chegou ao ponto de comprar dois solidéus de feltro vermelho ordinário, um para si e outro para o seu empregado, Merlin Grainger. Como se não bastasse, deixou a pera crescer até se assemelhar às penas da cauda de um pardal vetusto e substituiu o fato garboso por uma espécie de alpaca reluzente, que inspirava uma certa reverência.

Efetivamente, um ano após a catastrófica visita de Caroline, a única coisa naquela loja que preservava ainda a aparência de estar atualizada era a *Miss* Masters. A *Miss*

McCracken havia seguido as pisadas do Sr. Moonlight Quill, tornando-se uma intolerável desmazelada.

Também Merlin, num misto de lealdade e apatia, deixara o seu exterior tomar o aspeto de um jardim deserto. Aceitou o solidéu de feltro vermelho como símbolo do seu declínio. Sempre tido como um “videirinho”, era, desde o dia em que concluíra a sua formação numa escola industrial de Nova Iorque, um inveterado escovador de roupa, cabelo, dentes e até sobranceiras, tendo aprendido o valor de depositar todas as suas imaculadas meias, dedo sobre dedo, calcanhar sobre calcanhar, numa certa gaveta da cómoda, que viria a ser denominada de “gaveta das meias”.

Estas coisas, acreditava ele, granjearam-lhe um lugar no excepcional esplendor da Moonlight Quill. Era graças a elas que já não tinha de fazer “arcas úteis para guardar coisas”, como lhe haviam ensinado com um pragmatismo esbaforido na escola industrial, e de as vender a quem quer que desse uso a tais arcas – cangalheiros talvez. Contudo, quando a Moonlight Quill progressista se transformou na Moonlight Quill retrógrada, decidiu afundar-se com ela, deixando assim que os seus fatos acumulassem, imperturbados, os finos fardos do ar e atirando indiscriminadamente as meias para a gaveta das camisolas, da roupa interior e até para gaveta nenhuma. Não era raro permitir, na sua vigente negligência, que muitas das suas roupas lavadas regressassem diretamente à lavanderia sem que tivessem sequer sido usadas, uma excentricidade aliás comum a solteiros carenciados. E tudo isto malgrado as suas revistas prediletas, que, à época, fervilhavam de artigos escritos por autores famosos insurgindo-se contra o medonho despudor dos eternos condenados a pobres, conforme ilustrado pelo hábito de comprar camisas que pudessem, de facto, vestir e de comprar boas peças de carne, ou a preferência por bons investimentos em joias de uso pessoal em vez de investimentos respeitáveis em contas poupança com juros a quatro por cento.

Tratava-se, de facto, de um estranho estado de coisas, especialmente lamentável para muitos homens dignos e tementes a Deus. Pela primeira vez na história da República, quase todos os negros a norte do estado da Geórgia podiam trocar uma nota de um dólar. Porém, como naquela altura o centavo se aproximava rapidamente do poder de compra do ubu chinês e mais não era do que uma coisa que se recebia de vez em quando depois de se pagar uma gasosa, ou que apenas se utilizava para saber quanto se pesa ao certo, talvez o fenómeno não fosse tão estranho como à primeira vista parecia. Demasiado curioso foi, porém, o estado de coisas que levou Merlin Grainger a dar o passo que efetivamente deu: o arriscado, quase involuntário passo de pedir a mão da *Miss Masters*. Ainda mais estranho foi ela ter aceitado.

A proposta teve lugar no Pulpat's, num sábado à noite, na presença de uma garrafa de água de um dólar e setenta e cinco cêntimos diluída em *vin ordinaire*.

“O vinho dá-me um formigueirozinho, a ti não?”

A *Miss* Masters palavra alegremente.

“Sim,” respondeu, ausente, Merlin. Ao fim de uma pausa longa e prenhe, disse: “*Miss* Masters – Olive –, quero dizer-te uma coisa, se estiveres disposta a ouvir-me.”

O formigueiro da *Miss* Masters (que sabia o que aí vinha) aumentou ao ponto de lhe parecer que seria eletrocutada pelos seus próprios nervos. Mas o seu “Sim, Merlin” saiu-lhe sem o mais breve sinal ou a mais pequena centelha de tumulto interno. Merlin engoliu um fio de cabelo que lhe vagueava na boca.

“Não tenho fortuna,” disse como que para iniciar a proclamação. “Não tenho fortuna alguma.”

Os olhos de ambos encontraram-se, fundiram-se, anelaram-se, tornaram-se sonhadores e belos.

“Olive,” disse-lhe, “amo-te.”

“Eu também te amo, Merlin,” respondeu ela simplesmente. “Pedimos outra garrafa de vinho?”

“Sim!” exclamou ele, o coração a bater-lhe a um ritmo imenso. “Queres dizer que...”

“Brindemos ao nosso noivado,” interrompeu Olive destemida. “E que seja curto!”

“Não,” respondeu ele quase num grito, esmurrando ferozmente a mesa. “Que dure para sempre!”

“O quê?”

“Quero dizer... ó, já percebi. Tens razão. Que seja curto.” Merlin riu-se e acrescentou: “Enganei-me.”

Quando o vinho chegou, debateram exaustivamente o assunto.

“Temos de arrendar um apartamento pequeno para começar,” disse ele. “Acho, aliás, *c’os* diabos, sei que há um pequeno na casa onde vivo. Um quarto grande e uma espécie de toucador com cozinha. E serventia da casa de banho no mesmo piso.”

Olive aplaudiu alegremente e Merlin pensou que ela era mesmo bonita. Bom, pelo menos a parte superior do seu rosto – da cana do nariz para baixo, Olive estava um pouco para o torto. Ela continuou, entusiástica:

“E logo que tenhamos dinheiro, mudamo-nos para um apartamento mesmo chique, com um elevador e uma telefonista.”

“E, depois disso, teremos uma casa no campo. E um carro.”

“Não consigo imaginar nada mais divertido. E tu?”

Merlin caiu num silêncio momentâneo. Lembrou-se de que teria de deixar os seus aposentos, nas traseiras do quarto piso. Mas isso pouco importava agora. No último ano e meio – aliás, desde aquele dia em que Caroline visitara a *Moonlight Quill* – nunca mais a vira. Na semana que se seguiu, as luzes do seu apartamento nunca se acenderam. A escuridão aninhava-se na passagem, como que apalpando às cegas a rua até chegar à janela dele, expectante e despida de cortinas. Certo dia, as luzes surgiram finalmente, mas, em vez

de Caroline e das suas visitas, revelaram uma família entediante: um homenzinho de bigode eriçado e uma mulher de seios fartos que passava os serões a dar palmadinhas nas ancas e a reorganizar bricabraques. Ao fim de dois dias, Merlin baixou impiedosamente a persiana.

Não, Merlin não conseguia imaginar nada mais divertido do que subir na vida com Olive. Teriam uma casa de campo nos subúrbios, uma casinha pintada de azul, apenas um segmento abaixo do das casas de campo de estuque branco com telhado verde. No relvado à volta da casa haveria pás enferrujadas, um banco verde a desfazer-se e um carrinho de bebé em vime a descair para a esquerda. E à volta do relvado e do carrinho de bebé e da casa de campo, à volta de todo o seu mundo, haveria os braços de Olive, um pouco mais robustos, os braços do seu período neo-oliviano, aquele em que, enquanto caminhava, lhe estremeciam as faces para cima e para baixo, ainda que muito ligeiramente, por força de muitas massagens ao rosto. Ouvia agora a voz dela, à distância de duas colheres:

“Eu sabia que ias dizer isto hoje, Merlin. Estava mesmo a ver...”

Estava mesmo a ver. De repente, Merlin interrogou-se sobre o que estaria ela a ver. Estaria ela a ver que a mulher que entrara no restaurante com três homens e se sentara na mesa ao lado era Caroline? Estaria ela a ver isso? Estaria ela a ver que os homens traziam consigo bebidas muito mais fortes do que aquela tinta vermelha dissolvida em três medidas do Pulpat's?

Merlin estava paralisado, perdera o fôlego, mal ouvindo, através de um éter auditivo, o monólogo que Olive proferia em tom baixo e suave, qual abelha persistente sugando a doçura do seu memorável momento. Merlin ouvia o tilintar de cubos de gelo e o sofisticado riso daquelas quatro pessoas numa troca de cordialidades – e aquele riso de Caroline, que conhecia tão bem, abalou-o, animou-o, chamou imperiosamente o seu coração à mesa dela, ao que ele obedeceu. Conseguia vê-la bastante bem e apreciava o facto de ela ter mudado no último ano e meio, ainda que pouco. Seria da iluminação ou estaria o seu rosto mais magro e os seus olhos menos frescos, embora mais líquidos, do que no passado? Contudo, eram ainda púrpuras as sombras do seu cabelo avermelhado, a sua boca insinuava ainda beijos, tal qual o perfil que, por vezes, surgia entre os seus olhos e uma fila de livros, quando pousava o crepúsculo na loja onde o candeeiro carmesim já não reinava.

E ela tinha estado a beber. O triplo rubor das suas faces era composto de juventude, vinho e bons cosméticos – disso tinha Merlin a certeza. Caroline estava a fazer as delícias do jovem à sua esquerda e do indivíduo corpulento à sua direita e até do velho camarada à sua frente, pois que este, de quando em vez, emitia os cacarejos escandalizados e ligeiramente reprovadores de uma outra geração. Merlin apanhou a letra de uma cantiga que ela entoava a intervalos:

*Just snap your fingers at care,
Don't cross the bridge 'til you're there*³

O indivíduo corpulento encheu-lhe o copo com um âmbar gelado. Após muitas viagens à volta da mesa e muitos olhares impotentes lançados a Caroline, que dava continuidade a um questionário, alegre e fútil, sobre a suculência deste e daquele prato, o *garçon* lá conseguiu obter algo semelhante a um pedido e depressa se afastou.

Olive falava com Merlin.

“Então quando?” perguntou numa voz um tanto sombreada de decepção. Merlin apercebeu-se de que lhe respondera negativamente a algumas perguntas.

“Ó, um dia destes.”

“Não te interessa?”

Havia naquela pergunta uma aflição bastante ridícula que devolveu os olhos de Merlin aos dela.

“Quanto antes, minha querida,” respondeu ele com uma ternura surpreendente. “Dentro de dois meses, em junho.”

“Tão cedo?” O entusiasmo encantador de Olive quase lhe roubava o fôlego.

“Sim, acho melhor apontarmos para junho. Esperar para quê?”

Olive começou a fingir que, em dois meses, não conseguiria ter tudo preparado. Mas que malandro! E que impaciente! Bom, havia de lhe mostrar que, com *ela*, não podia exigir muitas pressas. Aliás, Merlin fora tão brusco que ela já nem sabia se devia casar com ele.

“Junho,” repetiu ele severo.

Olive suspirou e sorriu e bebericou o café, o mindinho erguido bem acima dos restantes dedos, num movimento verdadeiramente refinado. De repente, deambulou na mente de Merlin a ideia de comprar cinco anéis e de os atirar àquele mindinho em riste.

“Ó diabo!” exclamou em voz alta. Em breve, estaria *mesmo* a colocar anéis num daqueles dedos. Os seus olhos lançaram-se bruscamente para a direita. O grupo tornara-se de tal forma desordeiro que o *maître* se aproximara para falar com os seus elementos. Caroline discutia com ele numa voz exaltada, numa voz tão clara e jovial que, assim parecia, todo o restaurante parara para ouvir – todo o restaurante exceto Olive Masters, ensimesmada com o seu novo segredo.

“Ora como vai?” perguntava Caroline. “Você é provavelmente o mais bonito *maître* em cativo. Demasiado barulho? É uma pena. Lá terá de se fazer alguma coisa. Gerald” – dirigia-se ao homem à sua direita – “o *maître* diz que está muito barulho. Pede-nos que paremos. Que devo dizer?”

³ Canção composta por B.G. DeSylva e Louis Silvers inserida na comédia musical “The Greenwich Village Follies of 1920”. Em virtude do êxito alcançado, o musical foi transferido, em 1920, do Greenwich Village Theatre para o Schubert Theatre, na Broadway. Propõe-se a seguinte tradução: “Esquece as tuas preocupações / Não ponhas o carro à frente dos bois”. (N. da T.)

“Chiu!” reprovou Gerald com um risinho. “Chiu!” e Merlin ouviu-o dizer a meia-voz: “A burguesia vai ficar toda excitada. É aqui que os chefes de sala aprendem a falar francês.”

Caroline endireitou-se na cadeira num súbito estado de alerta.

“E onde há um chefe de sala?” gritou ela. “Mostrem-me onde há um chefe de sala”. Aquilo parecia ter divertido o grupo, pois todos, incluindo Caroline, desataram a rir numa nova gargalhada. Após uma última admoestação, conscienciosa, mas desesperada, o *maître*, qual gaulês, encolheu os ombros e retirou-se para o fundo do restaurante.

Como todos sabem, o Pulpat’s goza da invariável respeitabilidade dos restaurantes que servem jantares com tudo incluído. Não é um lugar alegre no sentido mais convencional. Entra-se, bebe-se o vinho tinto, fala-se talvez um pouco mais e um pouco mais alto do que o habitual, sob os tetos baixos e defumados, e depois regressa-se a casa. Fecha às nove e meia, à justa. Paga-se o suborno ao polícia, que ainda recebe uma garrafa de vinho para a patroa, a moça do bengaleiro entrega as suas espórtulas ao coletor e, a seguir, a escuridão amontoa-se sobre aquelas mesinhas redondas até que desapareçam da vista e da vida. Mas, naquela noite, havia um espetáculo preparado para o Pulpat’s – e de grande categoria. Uma rapariga de cabelo avermelhado, sombreado de púrpura, subiu para cima da sua mesa e começou a dançar.

“*Sacré nom de Dieu!* Desça já daí!” gritou o *maître*. “Parem de tocar!”

Mas os músicos estavam já a tocar tão alto que podiam fingir não ouvir aquela ordem. Recordando-se de que também eles já haviam sido jovens, tocaram mais alto e com mais alegria do que nunca. Enquanto isso, Caroline dançava, graciosa e vivaz, o vestido rosa e fino rodopiando à sua volta, os braços ágeis movendo-se docilmente em gestos ténues por entre o ar enfumaçado.

Um grupo de franceses numa mesa próxima irrompeu em ruidosos aplausos, aos quais se juntaram outros grupos – num segundo, a sala encheu-se de gritos e salvas de palmas, metade dos frequentadores estava já de pé, aglomerando-se, enquanto nos arredores daquela cena o proprietário, que fora rapidamente convocado, soltava indistintas provas vocais do seu desejo de pôr fim à coisa tão depressa quanto possível.

“Merlin!” exclamou Olive, já desperta e aflita. “Que mulher malvada! Vamos embora – já!”

Merlin, fascinado, protestou debilmente, alegando que a conta estava por pagar.

“Não há problema. Deixa cinco dólares na mesa. Tenho repúdio àquela mulher. Nem *supporto* olhar para ela.” Olive estava já de pé, puxando pelo braço de Merlin.

Indefeso, apático e com o que acabaria por se transformar em total relutância, Merlin levantou-se e, taciturno, seguiu Olive, à medida que ela se tentava orientar entre o clamor delirante, que chegava agora ao seu auge e ameaçava tornar-se num selvagem e memorável tumulto. Submisso, Merlin pegou no casaco e, tropeçando em meia dúzia de

passos, saiu para o ar húmido de abril, os ouvidos ainda ecoando o som daqueles passos delicados em cima da mesa e do riso que se espalhara pelo pequeno mundo daquele café. Em silêncio, caminharam juntos rumo à Quinta Avenida e a um ônibus. Só no dia seguinte é que Olive disse a Merlin o que decidira sobre o casamento: antecipara-o. Seria muito melhor que se casassem no primeiro de maio.

III

E assim foi: casaram, não sem algum afogo, por baixo do candelabro do apartamento que Olive partilhava com a mãe. Depois do casamento, veio a exaltação, e depois disso, aos poucos, foi crescendo a fadiga. A responsabilidade descera sobre Merlin, a responsabilidade de fazer dos seus trinta dólares semanais e dos vinte dela o suficiente para os manter respeitavelmente gordos e para esconder com vestimentas decentes as provas de que o eram.

Ficou decidido, ao fim de várias semanas de experiências desastrosas em restaurantes, roçando mesmo a humilhação, que se juntariam ao grandioso exército dos que se alimentavam em mercearias que vendiam comida pronta, pelo que Merlin retomou o seu antigo modo de vida: todas as tardes parava no Braegdort e comprava salada de batata, fiambre em fatias e, por vezes, num acesso de extravagância, tomates recheados.

Depois, arrastava-se penosamente até casa, entrava pelo átrio escuro e subia três lanços de escadas já bambos, cobertos por uma tapete ancestral de um modelo há muito obliterado. O aroma do átrio era, também ele, ancestral – de vegetais de 1880, de verniz da mobília em voga quando o Bryan do Adão e Eva⁴ se candidatou a presidente dos EUA contra William McKinley e de cortinas uns quilos mais pesadas com o pó de sapatos gastos e fios de vestidos há muito transformados em mantas de retalhos. Este cheiro perseguia-o escadas acima, reavivando-se e tornando-se mais pungente a cada patamar pela aura de cozinhados coetâneos, reduzindo-se depois, a cada novo lance, ao odor da rotina morta de gerações mortas.

Aparecia-lhe então a porta do quarto, que deslizava para se abrir numa prontidão indecente e se fechava como que num resmungo depois do seu “Olá, querida! Hoje tenho uma surpresa para ti.”

Olive, que tinha o hábito de ir de ônibus para casa, para “apanhar uma nica de ar”, estava sempre, a essa hora, a fazer a cama e a pendurar coisas. À chamada de Merlin, ia ao seu encontro e, de olhos bem abertos, dava-lhe um beijo breve, enquanto ele a levantava

⁴ William Jennings Bryan, advogado três vezes candidato à presidência dos EUA, duas delas (em 1896 e 1900) contra William McKinley, tendo sido sempre derrotado. Ficaria especialmente conhecido pela sua vigorosa defesa da Bíblia, e da criação do ser humano, no chamado *Scopes Trial*, julgamento que teve lugar em 1925 e no qual representou o Estado do Tennessee contra um professor, John T. Scopes, que, infringindo a legislação daquele Estado, ensinou aos seus alunos a teoria da evolução. (N. da T.)

direita como um escadote, as mãos nos braços dela, como se ela fosse uma coisa sem equilíbrio e, quando Merlin prescindisse de a agarrar, ela caísse, rígida, de costas no chão. É este o beijo que vem com o segundo ano do casamento, sucedendo ao beijo do noivo (que, na melhor das hipóteses, é uma encenação, dizem os que sabem alguma coisa sobre isso, e passível de ser copiado de filmes românticos).

Chegava então a hora de jantar, posto o que iam dar um passeio a pé, nos dois quarteirões acima e no Central Park, ou, às vezes, ver um filme sentimental, que pacientemente lhes ensinava que eram o género de pessoas para quem a vida estava destinada e que algo grandioso e admirável e belo lhes aconteceria em breve se fossem dóceis e obedientes para com os seus legítimos superiores e se mantivessem longe do prazer.

Assim foram os seus dias durante três anos. E então a vida mudou: Olive foi mãe e, conseqüentemente, Merlin teve uma nova afluência de recursos materiais. Na terceira semana após o parto, e ao fim de uma hora de nervosos ensaios, Merlin entrou no escritório do Dr. Moonlight Quill e exigiu um enorme aumento salarial.

“Trabalho aqui há dez anos,” disse. “Desde os meus dezanove. Sempre tentei dar o meu melhor para o bem do negócio.”

O Sr. Moonlight Quill disse que iria pensar no assunto. Na manhã seguinte, anunciou, para grande felicidade de Merlin, que decidira levar a cabo um projeto há muito planeado: aposentar-se do trabalho ativo na livraria, limitando-se a visitas periódicas. Merlin passaria a gerente, com um salário de cinquenta dólares semanais e um décimo de participação na empresa. Quando o velho terminou de falar, já as faces de Merlin resplandeciam e os seus olhos se marejavam de lágrimas. Agarrou a mão do patrão e apertou-a violentamente, repetindo vezes sem conta:

“É muito generoso da sua parte. É muito bondoso. Muito, muito generoso da sua parte.”

Após dez anos de trabalho árduo e leal na livraria, Merlin triunfara finalmente. Olhando para trás, via o seu progresso rumo àquela ladeira de sublimidade já não como uma década, por vezes sórdida e sempre cinzenta, de preocupações, entusiasmo debilitado e sonhos fracassados, anos esses em que o luar se desbotara cada vez mais naquela passagem entre prédios e a juventude se desvanecera do rosto de Olive, mas antes como uma subida gloriosa e triunfante, em que galgara, determinado, todos os obstáculos com a sua invencível força de vontade. A otimista ilusão que criara de si mesmo e o mantivera afastado da infelicidade aparecia-lhe agora nas vestes douradas da determinação. Por meia dúzia de vezes tomara medidas para deixar a Moonlight Quill e singrar aos céus, mas por mera tibieza nada fizera. Por estranho que fosse, olhava agora para esses tempos como anos de uma tremenda persistência, em que se mantivera “determinado” a prosseguir a sua luta exatamente onde estava.

Em todo o caso, não levemos a mal, para já, a nova e magnífica visão que Merlin alcançara de si mesmo. Ele conseguira. Aos trinta anos, alcançara uma posição de peso. Nessa noite, saiu radiante da loja, investiu cada cêntimo que tinha no bolso no mais sensacional festim que o Braegdort tinha para oferecer e cambaleou até casa levando consigo a boa nova e quatro enormes sacos de papel. O facto de Olive estar demasiado enjoada para comer, de ele ter causado a si mesmo uma ligeira, mas incontornável má disposição à custa de quatro tomates recheados e de a maioria da comida se ter rapidamente estragado numa geleira sem gelo durante todo o dia seguinte não arruinaram o momento. Pela primeira vez desde a semana em que se casara, Merlin Grainger vivia sob um céu de tranquilidade desassombrada.

O bebé foi batizado Arthur e a vida tornou-se digna, importante e, em grande medida, monopolizada. Merlin e Olive resignaram-se a um lugar algo secundário no seu próprio universo, mas o que perderam em personalidade ganharam numa espécie de orgulho primordial. A casa de campo não chegou a aparecer, mas esse vazio era compensado pelo mês que passavam numa pensão em Asbury Park todos os verões. Durante as duas semanas de férias de Merlin, a viagem tomava o ar de um passeio deveras alegre, em especial quando, estando o bebé a dormir num amplo quarto que dava, tecnicamente, para o mar, Merlin caminhava com Olive no apinhado passadiço de madeira, baforando o charuto e fazendo-se passar por alguém que ganha vinte mil dólares por ano.

Um tanto alarmado com a demora dos dias e a pressa dos anos, Merlin fez trinta e um, trinta e dois... então, quase numa correria, chegou àquela idade em que, depois de tanta lavagem e rodagem, já só se consegue juntar uma mancheia despejada das preciosidades da juventude: fez trinta e cinco anos. E, certo dia, na Quinta Avenida, viu Caroline.

Era domingo, uma manhã de Páscoa, florida e radiante: a avenida era um cortejo de lírios e fraques e toucados das cores alegres de abril. Meio-dia: as grandes igrejas deixavam sair as suas gentes. As igrejas de São Simão, Santa Ilda e das Epístolas haviam escancarado as portas como bocas imensas e as pessoas que iam jorrando faziam lembrar gargalhadas alegres, à medida que se encontravam e caminhavam e conversavam ou acenavam ramos de flores brancas aos *chauffeurs* que as aguardavam.

Em frente à Igreja das Epístolas estavam os seus doze sacristãos, pondo em prática o há muito consagrado costume de distribuir ovos de Páscoa cobertos de pó-de-arroz às devotas debutantes do ano. À sua volta, dançavam deliciados os dois mil filhos dos muito ricos: miraculosamente asseados, corretamente aprumados e penteados, brilhando como joiazinhas cintilantes nos dedos das suas mães. Fala o sentimentalista em nome dos filhos dos pobres? Ah, mas os filhos dos ricos, lavados, cheirosos, com a compleição das férias no campo e, acima de tudo, com as suas suaves vozes treinadas dentro de portas.

O pequeno Arthur tinha cinco anos, filho da classe média. Indistinto, discreto, com

um nariz que desfigurava irremediavelmente quaisquer laivos de feições helénicas, agarrava-se bem à mão quente e pegajosa da mãe e, com Merlin do outro lado, movimentava-se entre a multidão que regressava a casa. Na rua Cinquenta e Três, onde havia duas igrejas, o congestionamento achava-se no auge da densidade e da fartura. Tinham de caminhar de modo tão atravancado que nem o pequeno Arthur teve dificuldade em acompanhá-los. Foi então que Merlin deu conta de um pequeno landó, com a capota baixa, do mais profundo carmesim e com uns belíssimos enfeites em níquel, deslizando lentamente até à berma e aí se detendo. Nele estava Caroline.

Vestia de preto, um vestido justo com debrum em alfazema, floreado na cintura por um *bouquet* de orquídeas. Merlin estacou e olhou-a a medo. Pela primeira vez nos oito anos do seu casamento, reencontrava a rapariga. Mas ela já não era uma rapariga. A sua figura era tão esbelta como sempre fora – ou talvez nem tanto, pois que aquela jactância arrapazada, aquela espécie de adolescência insolente, seguira o caminho da primeira eflorescência do seu rosto. Mas Caroline era ainda belíssima. Havia nela agora uma dignidade e as charmosas rugas de uns felizes vinte e nove. Estava sentada no landó com uma decência e um autocontrolo de tal forma perfeitos que Merlin ficou afogado só de olhar.

Subitamente, ela sorriu – o sorriso do passado, cintilante como aquele dia de Páscoa e as suas flores, mas mais suave do que nunca – faltava-lhe, contudo, o brilho e a promessa eterna daquele primeiro sorriso na livraria, nove anos antes. Era mais metálico este seu sorriso, desenganado e triste.

Porém, foi um sorriso suficientemente delicado e sorridente para levar um par de jovens de fraque a correrem ao seu encontro, tirando os chapéus altos dos cabelos húmidos e iridescentes; foi suficiente para os levar, aturdidos e curvados, até à beira do landó, onde as luvas alfazema de Caroline tocaram gentilmente as suas luvas cinzentas. E a estes dois jovens juntou-se logo outro, e então outros dois, até que, à volta do landó, depressa se avolumou uma enchente. Merlin ouviu, ao seu lado, um jovem a dizer ao seu possivelmente bem-apegoado companheiro:

“Dá-me licença um instantinho. Está ali alguém com quem *tenho* de falar. Vai andando. Já te apanho.”

Em três minutos, cada centímetro do landó, frente, traseira e flancos, estava ocupado por um homem – um homem que tentava construir uma frase assaz inteligente para chegar a Caroline através daquela enxurrada de palavras. Para sorte de Merlin, uma peça da roupa do pequeno Arthur escolhera aquela oportunidade para ameaçar um colapso e Olive apressou-se a encostá-lo a um edifício para um trabalho de reparação improvisado. Assim, Merlin pôde observar, desimpedido, aquela tertúlia de rua.

O magote inchava. Formou-se uma fila atrás da primeira e duas outras atrás dessa. No meio, qual orquídea erguendo-se de um negro *bouquet*, estava Caroline, entronizada no

seu carro esvanecido, acenando e exclamando saudações e sorrindo com tão genuína felicidade que, de repente, uma nova remessa de *gentlemen* havia já deixado para trás as suas esposas e acompanhantes e corria no seu encalço.

A legião, já do tamanho de uma falange, teve o reforço de meros curiosos: homens de todas as idades, que não poderiam, de forma alguma, conhecer Caroline, empurravam-se e fundiam-se no círculo, cujo diâmetro não parava de aumentar, até que a senhora de alfazema se tornou o centro de um vasto auditório improvisado.

Tudo à sua volta se resumia a caras – barbeadas, cabeludas, velhas, jovens, intemporais. Aqui e ali, uma mulher. O ajuntamento espalhava-se rapidamente até à berma oposta e, como a Igreja de Santo António, ao virar da esquina, deixasse sair os seus crentes com lugar cativo, a massa foi transbordando no passeio, esmagando-se contra a vedação de ferro de um milionário, do outro lado da rua. Os carros a motor que aceleravam avenida abaixo eram compelidos a parar e num ápice ali se empilharam, três, cinco, seis, mesmo à beira da multidão. Os ônibus, pesadas tartarugas do trânsito, acabaram também no congestionamento, os passageiros amontoando-se até à beira dos tejadilhos numa exaltação diabólica, espreitando para o centro do aglomerado, que já mal se dava a ver por quem estivesse na periferia.

A multidão era tremenda. Não havia comparação possível entre o público elegante dos jogos de futebol entre Princeton e Yale, nem sequer entre a gentilha languinhenta de um campeonato mundial e aquela panóplia que falava, observava, ria e buzina à conta da senhora de negro e alfazema. Era estupendo, era assombroso. Uns metros abaixo, um agente da polícia meio desenfreado chamou os seus colegas de esquadra. No mesmo canto da rua, um civil assustado estampou-se no vidro de um alarme de incêndio, lançando um cântico lúgubre a todos os carros de bombeiros da cidade. Num apartamento, no topo de um dos altos edifícios da zona, uma velha solteirona histérica telefonou para o agente responsável pela fiscalização da Lei Seca, para os deputados especiais contra o Bolchevismo e para a maternidade do Hospital de Bellevue.

O ruído aumentou. Chegou o primeiro carro de bombeiros e, enchendo de fumo o ar de domingo, cantou e clangorou uma mensagem metálica e insolente que ressoou ao longo das paredes altas dos edifícios. Imaginando que uma terrível catástrofe se abatera sobre a cidade, dois diáconos excitados ordenaram prontamente a realização de cerimónias especiais e mandaram dobrar os grandes sinos das igrejas de Santa Ilda e Santo António, logo acompanhados pelos invejosos gongos de São Simão e da Igreja das Epístolas. Mesmo lá longe, nos rios Hudson e East, se ouviam os sons daquela comoção, pelo que os *ferries* e os rebocadores e os paquetes acionaram sirenes e apitos que navegaram pela cidade numa cadência melancólica, ora variada, ora repetida, desde a estrada à beira-rio às margens cinzentas da zona leste.

No centro do seu landó, estava sentada a senhora de negro e alfazema, conversando

alegremente ora com um ora com outro dos afortunados homens de fraque que haviam conseguido aproximar-se dela na primeira leva. Ao fim de algum tempo, Caroline olhou à volta e além com um ar de enfado cada vez mais evidente. Bocejou e perguntou ao homem mais próximo se ele poderia ir a algum sítio buscar-lhe um copo de água. O homem desculpou-se com algum embaraço. Não conseguia mexer nem um dedo. Não conseguia sequer coçar a sua própria orelha...

Quando a primeira explosão de sirenes vindas do rio lançou no ar o seu lamento, Olive apertou o último alfinete do fato-macaco do pequeno Arthur e olhou para cima. Merlin viu-a sobressaltada, enrijecendo lentamente como estuque e, depois, arfando de surpresa e reprovação.

“Aquela mulher!” exclamou Olive subitamente. “Que coisa!”

Lançou um olhar rápido a Merlin, no qual conviviam condenação e dor, e, sem mais palavra, levantou o pequeno Arthur com uma mão, agarrou no marido com a outra, e disparou num sinuoso galope de encontrões por entre a multidão. Sem se saber como, as pessoas desviaram-se para a deixar passar. Sem se saber como, conseguiu manter-se agarrada ao filho e ao marido. Sem se saber como, conseguiu aparecer dois quarteirões à frente, desancada e desgrenhada, num espaço aberto e, sem perder o ritmo, disparou rua abaixo. Finalmente, quando o alvoroço desfaleceu para dar lugar a um clamor indistinto e distante, Olive desacelerou o passo e colocou Arthur no chão.

“Ainda para mais num domingo! Mas aquela mulher não se desgraçou já o suficiente?”

Foi o seu único comentário. Dirigiu-o a Arthur, como fez com todas as observações que emitiu durante o resto do dia. Por algum motivo curioso e esotérico, nem por uma vez olhara para o marido durante o processo de retirada.

IV

Os anos volvidos entre os trinta e cinco e os sessenta e cinco volteiam perante a mente inerte como um carrossel misterioso e confuso. Verdade seja dita, são como um carrossel puxado a cavalos de marcha lenta e fôlego débil, inicialmente pintado em tons de pastel, depois em cinzas e castanhos insípidos, mas deveras desconcertante e intoleravelmente vertiginoso, como nunca o foram os carrosséis da infância ou da adolescência, como nunca o foram, com certeza, as montanhas-russas da juventude, dinâmicas e de rumo definido. Para a maioria dos homens e mulheres, esses trinta anos assumem-se como um abandono gradual da vida, como a retirada de uma frente com muitos refúgios, essas incontáveis diversões e curiosidades da juventude, rumo a uma trincheira que se vai despojando, onde começamos a abater as ambições até ficarmos só com uma, as distrações até ficarmos só com uma, os amigos até ficarmos só com uns

poucos, aos quais nos tornamos insensíveis, acabando por fim num forte solitário e desolado que nada tem de forte, onde agora os projéteis uivam já abominavelmente, onde já mal os ouvimos, enquanto, ora aterrorizados, ora extenuados, nos sentamos à espera da morte.

Aos quarenta anos, Merlin não era muito diferente da pessoa que fora aos trinta e cinco: a pança era maior, cintilava-lhe um brilho grisalho por cima das orelhas e era mais decidida a ausência de vivacidade no seu andar. Os seus quarenta e cinco diferenciaram-se dos seus quarenta por uma margem semelhante, a menos que se faça menção à ligeira surdez que lhe começou a atacar o ouvido esquerdo. Mas, aos cinquenta e cinco, o processo transformara-se numa alteração química imensamente veloz. A cada ano que passava, tornava-se cada vez mais um “velho” para a sua família, estava quase senil, de acordo com a sua mulher. Por essa altura, era já o proprietário da livraria. O misterioso Sr. Moonlight Quill, falecido cerca de cinco anos antes, depois de ter sobrevivido à esposa, transferira para Merlin a propriedade do armazém e da loja. Era lá que Merlin passava ainda os seus dias, conhecedor, pelo menos no que toca aos títulos, de quase tudo o que a humanidade havia registado nos últimos três mil anos: um catálogo humano, uma autoridade em encadernações e gravuras, em fólhos e primeiras edições, um inventário rigoroso de mil autores que nunca poderia ter compreendido e que seguramente nunca lera.

Aos sessenta e cinco, tremia muitíssimo. Tomara para si os costumes melancólicos do idoso tantas vezes retratado no papel secundário do velho das comédias vitorianas. Consumia vastos armazéns de tempo em busca de lunetas perdidas. Azucrinava a mulher e era, por sua vez, azucrinado. À mesa com a família, contava as mesmas graçolas três ou quatro vezes por ano e dava ao filho conselhos estranhos e impossíveis sobre como deveria viver a sua vida. Quer mental, quer fisicamente, era uma pessoa tão diferente do Merlin Grainger de vinte e cinco anos que parecia incongruente manter o mesmo nome.

Trabalhava ainda na livraria, com a ajuda de um moço que, evidentemente, considerava ocioso, muito ocioso mesmo, e de uma jovem recém-contratada, a *Miss* Gaffney. A *Miss* McCracken, tão antiga e tão desacreditada quanto ele, continuava a fazer a contabilidade. O jovem Arthur fora para Wall Street vender obrigações, como pareciam fazer todos os jovens da época. Como, aliás, deveria ser. O velho Merlin que retirasse dos seus livros toda a magia que conseguisse – o lugar do jovem Rei Artur era no escritório de guarda-livros.

Certa tarde, às quatro horas, ao esgueirar-se até à loja nas suas pantufas de sola macia, levado por um novo hábito, de que, na verdade, bastante se envergonhava e que consistia em espiar o jovem empregado, olhou casualmente pela vitrine, esforçando a visão desbotada para alcançar a rua. Uma limusina, longa, portentosa, impressionante, parara na berma e o *chauffeur*, após dela sair e trocar umas breves palavras com as pessoas no seu

interior, voltou-se e avançou, meio desnorreado, para a entrada da Moonlight Quill. Abriu a porta, arrastou os pés para o interior e, olhando incerto para o velho de solidéu, falou-lhe numa voz abafada e lamacenta, como se as suas palavras atravessassem um espesso nevoeiro.

“Vende... vende adições?”

Merlin assentiu.

“Os livros de aritmética estão ao fundo da loja.”

O *chauffeur* tirou o chapéu e coçou um cabelo bem curto e encrespado.

“Ah, *nã*. *Quer’ é* uma história de *detectives*.”

Sacudiu para trás um polegar, na direção da limusina.

“Ela viu no jornal. *Primeir’ adição*.”

A frase despertou o interesse de Merlin. Poderia estar ali uma grande venda.

“Ah, edições. Sim, fizemos reclame a algumas primeiras edições, mas... histórias de *detectives*... não me parece que... qual era o título?”

“*Nã* sei. Sobre um crime.”

“Sobre um crime. Tenho... bom, tenho *Os Crimes dos Bórgias*. Capa toda em pele, editado em Londres em 1769, belíssimo...”

“*Nã*,” interrompeu o motorista, “foi só um fulano que fez o crime. Ela viu no jornal que estava aqui à venda.”

Rejeitou, de seguida, vários títulos com a confiança de um *connoisseur*.

“Silvano Bom-Ar,” anunciou de repente depois de uma pequena pausa.

“O quê?” perguntou Merlin, suspeitando de que aquelas palavras pudessem ser um comentário irónico à sua compleição.

“Silvano Bom-Ar. Era o nome do fulano que fez o crime.”

“Silvano Bom-Ar?”

“Silvano Bom-Ar. Às tantas, é índio.”

Merlin afagou as faces pardas.

“Chança, homem!” continuou o possível comprador. “Salve-me lá da gritaria da mulher e pense! Ela fica doida *s’ as* coisas *nã* lhe correm de feição.”

Mas as reflexões de Merlin sobre o caso do tal Silvano Bom-Ar eram tão fúteis quanto a sua busca serviçal pelas prateleiras, de modo que, cinco minutos depois, um motorista muito desanimado voltou para a sua senhora. Pela vitrine, Merlin observou os conspícuos símbolos do tremendo alvoroço vivido no interior da limusina. O *chauffeur* gesticulava selvática e suplicantemente em nome da sua inocência, mas em vão, pois que, quando se voltou e regressou ao assento do condutor, a sua expressão já não era de mero desânimo.

Então, abriu-se a porta da limusina, deixando sair um jovem pálido e esguio, de cerca de vinte anos, envergando um traje discretamente moderno e arrastando uma bengala

delgada. Entrou na loja, passou por Merlin e puxou de um cigarro, que acendeu. Merlin aproximou-se.

“Em que posso ser-lhe útil?”

“Caro jovem”, disse o rapaz tranquilamente, “pode fazer várias coisas. Primeiro, pode deixar-me fumar aqui a minha cigarrada, longe da vista daquela senhora na limusina, que vem a ser minha avó. Acontece que, se ela ficar a saber que eu fumo antes da maioridade, posso vir a perder cinco mil dólares. A segunda coisa é procurar a primeira edição de *O Crime de Silvestre Bonnard*, que anunciou no *Times* de domingo. Acontece que ali a minha avó quer ficar com ela para si.”

História de *detevitives!* Crime! Silvano Bom-Ar! Estava tudo explicado. Com um débil riso escarninho, como quem diz que estava ali algo que apreciaria caso a vida o tivesse acostumado a apreciar o que quer que fosse, Merlin tremelicou até às traseiras da loja, onde guardava os seus tesouros, para ir buscar o mais recente investimento, que arranjava a um preço bastante módico durante a venda de uma grande coleção.

Quando voltou com o livro, o jovem tragava o seu cigarro e bafejava massas de fumo com uma enorme satisfação.

“Meu Deus!” disse ele. “Ela tem-me tão à perna o dia todo, a fazer-lhe recados idiotas, que este é o meu primeiro bafo em seis horas. Que mundo é este, pergunto-lhe eu, em que uma velhota franzina, já mole como as papas que come, é capaz de mandar nos vícios de um homem? Acontece que eu não estou disposto a ser mandado. Deixe-me lá ver esse livro.”

Merlin passou-lhe o livro com delicadeza e o jovem, depois de o abrir com um descuido que provocou no coração do livreiro um baque momentâneo, folheou-o com o polegar.

“Nada de ilustrações, não é?” observou. “Bom, quanto vale, ó rapazola? Diga lá! Estamos dispostos a pagar-lhe um valor justo. Porquê não sei.”

“Cem dólares,” respondeu Merlin de má cara.

O jovem emitiu um assobio de incredulidade.

“Caramba! Por favor. Não está a lidar com um campónio. Acontece que sou um homem da cidade e que a minha avó é uma mulher da cidade, embora tenha de admitir que é preciso um esforço especial para a manter em bom estado. Damos-lhe vinte e cinco dólares e deixe-me que lhe diga que já é muito. Temos livros no sótão, lá no sótão onde estão os meus antigos brinquedos, e que foram escritos antes de o rapazola que escreveu este ter sequer nascido.”

Merlin inteiriçou-se, expressando um horror austero e meticuloso.

“A sua avó deu-lhe vinte e cinco dólares para comprar este livro?”

“Não, não deu. Deu-me cinquenta, mas está à espera de troco. Sei como é aquela mulher.”

“Diga-lhe,” respondeu Merlin com dignidade, “que ela acabou de perder um grande negócio.”

“Dou-lhe quarenta,” apressou-se o jovem a dizer. “Por favor, seja razoável e não nos faça perder mais tempo.”

Merlin virara costas com o precioso volume debaixo do braço e já se preparava para o devolver à sua gaveta especial no escritório quando, de súbito, se deu uma interrupção. Com uma magnificência nunca antes ouvida, a porta da frente abriu-se num estrondo, em vez de oscilar como habitualmente, admitindo no interior escuro da livraria uma majestosa aparição em seda negra e casaco de pele, que avançou rapidamente na direção de Merlin. O cigarro saltou dos dedos do jovem cosmopolita, que bafou um inadvertido “Bolas!”. Mas foi em Merlin que aquela entrada teve o efeito mais marcante e incongruente – tão intenso foi que o maior tesouro da sua loja lhe escorregou das mãos e se foi juntar ao cigarro caído no chão. Perante Merlin estava Caroline.

Era uma mulher velha, uma mulher velha notavelmente bem conservada, invulgarmente bela, invulgarmente ereta, mas, mesmo assim, uma mulher velha. O seu cabelo era de um branco macio, lindíssimo, e estava cuidadosamente arranjado e adornado de joias. O rosto, com um toque de *rouge, à la grande dame*, exibia labirintos de rugas nos cantos dos olhos e duas linhas mais profundas ligavam, como pilares, o nariz aos cantos da boca. O olhar era vago, malévol, quezilento.

Era, sem dúvida, Caroline: as suas feições, ainda que em declínio; a sua figura, ainda que frágil e emperrada; a sua postura, incontornavelmente composta de uma insolência deliciosa e de uma autoconfiança invejável. Acima de tudo, era a sua voz, fendida e periclitante, mas ainda assim detentora de uma reverberação capaz de fazer com que *chauffeurs* quisessem conduzir, e conduzissem de facto, carroças com roupa suja e fazer com que cigarros caíssem dos dedos de netos cosmopolitas.

Caroline deteve-se e inspirou. Os seus olhos encontraram o cigarro no chão.

“O que é isto?!” exclamou. Aquelas palavras não constituíam uma interrogação, mas toda uma litania de suspeição, acusação, prova e sentença. Ficou-se com elas pouco mais de um instante. “Levanta-te!” ordenou Caroline ao neto. “Levanta-te e sopra essa nicotina dos pulmões!”

O jovem olhou-a aterrorizado.

“Sopra!” decretou-lhe.

O jovem apertou ligeiramente os lábios e soprou.

“Sopra!” repetiu Caroline, agora mais perentória.

Ele soprou uma outra vez, indefeso e ridículo.

“Sabes,” continuou, mantendo o vigor, “que acabaste de perder cinco mil dólares em cinco minutos?”

Por momentos, Merlin julgou que o jovem iria ajoelhar-se e suplicar, mas tal é a

nobreza da natureza humana que ele se manteve de pé – voltou até a soprar, em parte porque estava nervoso, em parte, sem dúvida, porque tinha a vaga esperança de cair novamente nas boas graças da avó.

“Seu fedelho!” vociferou Caroline. “Mais uma destas, mais uma, e saís do colégio para ir trabalhar.”

Esta ameaça surtiu no rapaz um efeito tão avassalador que a sua tez ficou ainda mais pálida do que era natural. Mas Caroline não tinha terminado.

“Julgas que não sei o que tu e os teus irmãos, e, sim, também o teu pai jumental, pensam de mim? Pois sei. Pensam que estou senil. Pensam que amoleci. Mas não!” Bateu em si própria com o punho cerrado como que para provar que era uma massa de músculo e tendões. “E quando, um belo dia, me deitarem no salão de visitas, hão de me restar mais miolos do que aqueles com que tu e os outros nasceram.”

“Mas Avó...”

“Caluda. Tu... rapazito magricela... se não fosse pelo meu dinheiro, ter-te-iam criado para seres barbeiro lá no Bronx. Deixa-me ver essas mãos! Uh! As mãos de um barbeiro – julgas que *te* armas em esperto *comigo*, eu que cheguei a ter por pretendentes três condes e um duque bem sério, já para não falar de meia dúzia de títulos papais, que me seguiram da cidade de Roma à cidade de Nova Iorque.” Então deteve-se e recuperou o fôlego. “Levanta-te! Sopra!”

O jovem soprou obedientemente. Em simultâneo, abriu-se a porta e um exaltado cavalheiro de meia-idade, envergando um casaco e um chapéu orlados de peles, sendo que ele próprio parecia ter o lábio superior e o queixo forrados do mesmo pelo, apressou-se loja dentro em direção a Caroline.

“Afinal sempre a encontrei!” exclamou. “Andei à sua procura pela cidade toda. Telefonei-lhe para casa e o seu secretário disse-me que lhe parecia que tinha ido a uma livraria chamada Moonlight...”

Caroline voltou-se para ele, irritada.

“Mas é por causa das suas reminiscências que lhe dou emprego?” explodiu. “É meu pai ou meu procurador?”

“Sou seu procurador,” respondeu o homem orlado de peles, algo surpreso. “As minhas desculpas. Vim por causa das vitrolas. Consigo vendê-las por cento e cinco.”

“Então venda.”

“Muito bem. Pensei que...”

“Vá lá vender isso. Estou a falar com o meu neto.”

“Muito bem. Eu...”

“Adeus.”

“Adeus, minha Senhora.”

O homem orlado de peles fez uma vénia discreta e desandou da loja, um tanto

confuso.

“Quanto a ti,” disse Caroline voltando-se para o neto, “fica onde estás e mantém-te calado.”

Virou-se então para Merlin e inspecionou-o ao comprido, numa vistoria relativamente amistosa. Posto isto, sorriu e ele deu por si a sorrir também. Num instante, irromperam ambos numa risada quebradiça, mas, ainda assim, espontânea. Ela agarrou-lhe no braço e levou-o para o outro lado da loja. Aí pararam, cara a cara, dando largas a outro longo espasmo de alegria senil.

“Não há outra solução,” arfou Caroline numa espécie de malignidade triunfante. “A única coisa que faz felizes os velhos como eu é a sensação de que podem dar a volta aos outros. Ser velha e rica e ter descendentes pobres é quase tão divertido como ser jovem e bela e ter irmãs feias.”

“Ah, sim,” riu-se Merlin. “Eu sei. Invejo-a.”

Ela assentiu num piscar de olho.

“A última vez que cá estive, há quarenta anos,” disse ela, “era você um jovem ansioso por pintar a manta.”

“Era,” admitiu ele.

“A minha visita deve ter sido muito importante para si.”

“Sempre foi muito importante para mim,” respondeu Merlin. “Pensei... aliás, no início, pensava que era uma pessoa real. Humana, quero dizer.”

Ela riu-se.

“Muitos homens me consideraram desumana.”

“Mas agora,” continuou Merlin entusiasmado, “compreendo. A compreensão é-nos permitida, a nós, velhos, até porque já nada tem grande importância. Agora vejo que, certa noite, quando dançou em cima de uma mesa, não representava mais do que o meu desejo romântico por uma mulher bonita e perversa.”

Os velhos olhos de Caroline estavam lá longe, a sua voz era apenas o eco de um sonho esquecido.

“O que eu dancei nessa noite! Bem me lembro.”

“Estava a tentar dizer-me alguma coisa. Os braços da Olive fechavam-se à minha volta e alertou-me para ser livre e manter o meu quê de juventude e irresponsabilidade. Mas parecia uma coisa improvisada à última da hora. Foi demasiado tarde.”

“É muito velho,” disse ela impenetrável. “Não me tinha apercebido disso.”

“Também não me esqueço do que me fez quando eu tinha trinta e cinco. Bem me abalou com aquele trânsito todo congestionado. Foi um esforço magnífico. A beleza e o poder que irradiava! Até para a minha mulher se tornou uma personificação, e ela temia-a. Durante semanas, apeteceu-me sair de casa à noite, de mansinho, e esquecer o sufoco que é a vida, com música e cocktails e uma rapariga que fizesse de mim jovem. Mas depois já

não sabia como fazê-lo.”

“E agora já é tão velho.”

Como que estarecida, Caroline deu um passo atrás e afastou-se dele.

“Sim, deixe-me!” berrou Merlin. “Também você é velha. O espírito vai murchando com a pele. Veio aqui só para me dizer o que já devia ter esquecido: que ser velho e pobre é talvez mais deplorável do que ser velho e rico? Para me lembrar de que o *meu* filho me atira à cara o meu grisalho fracasso?”

“Dê-me o meu livro,” ordenou ela com dureza. “Despache-se lá, velhote!”

Merlin olhou-a uma vez ainda e, pacientemente, obedeceu-lhe. Pegou no livro e deu-lho, sacudindo a cabeça quando ela lhe estendeu uma nota.

“Porquê prestarmo-nos à farsa de me pagar? Uma vez fez-me destruir esta mesma sala.”

“Sim,” respondeu ela irada, “e ainda bem. Se calhar também já muito se tinha feito para que *eu* fosse destruída.”

Caroline lançou a Merlin um olhar que era em parte desdém, em parte inquietação mal disfarçada e, atirando uma palavra brusca ao neto cosmopolita, encaminhou-se para a porta.

E, de repente, desapareceu – estava já fora da loja de Merlin, estava já fora da sua vida. A porta emitiu um estalido. Com um suspiro, Merlin voltou-se e regressou desfeito ao cubículo de vidro que guardava a contabilidade amarelada de muitos anos, bem como a amena e enrugada *Miss McCracken*.

Com uma piedade bizarra, Merlin observou-lhe o rosto, ressequido e como que em teia de aranha. Em todo o caso, ela tivera menos da vida do que ele. Nenhum espírito rebelde e romântico, surgido do nada, concedera à vida daquela mulher, nos seus momentos memoráveis, qualquer entusiasmo ou glória.

Então, a *Miss McCracken* olhou para cima e falou-lhe:

“Que peça! Continua com sangue na gueltra, não é?”

Merlin sobressaltou-se.

“Quem?”

“Aquela Alicia Dare. Agora é a Sr.^a Thomas Allerdyce, claro. Aliás, tem sido nos últimos trinta anos.”

“Como? Não estou a percebê-la.”

Merlin sentou-se de repente na sua cadeira giratória. Estava de olhos arregalados.

“Ora, o Sr. Grainger com certeza não se esqueceu dela, até porque, durante dez anos, foi a figura mais mal-afamada de Nova Iorque. Até houve uma vez, quando estava a cobrir o divórcio dos Throckmorton, em que atraiu tanta atenção na Quinta Avenida que o trânsito ficou congestionado. Não leu sobre isso nos jornais?”

“Nunca tive por hábito ler jornais.”

O seu cérebro ancestral rodopiava.

“Ora essa, não pode ter-se esquecido daquela vez em que ela entrou aqui e deu cabo da loja. Olhe que estive quase a pedir o meu salário ao Sr. Moonlight Quill e a pôr-me a andar.”

“Está a sério? *Viu-a?*”

“Ora se vi! Como podia não ver com aquela algazarra toda? Sabe Deus que o Sr. Moonlight Quill também não gostou, mas, claro, não disse nada. Era doido por ela e ela fazia dele gato-sapato. Mal lhe rejeitasse um capricho, ela ameaçava contar tudo à mulher dele. Foi bem feito. A ideia daquele homem... apaixonar-se por uma oportunista bonitinha! Claro que ele nunca foi suficientemente rico para *ela*, mesmo que, na altura, ganhasse bem com a loja.”

“Mas quando eu a vi,” gaguejou Merlin, “isto é, quando eu *julguei* que a tinha visto, ela vivia com a mãe.”

“Qual mãe, qual quê!” exclamou a *Miss McCracken* indignada. “Ela tinha lá uma mulher a quem chamava *Tiazinha* e que não era mais parente dela do que eu. Ah, ela era má, mas era esperta. Logo depois do caso sobre o divórcio dos Throckmorton, casou com o Thomas Allerdyce e arranjou poiso para a vida.”

“Mas quem era ela?” bradou Merlin. “Por amor de Deus, o que era ela? Uma feiticeira?”

“Então, era a Alicia Dare, a bailarina, claro. Naquela altura não se podia folhear um jornal sem encontrar a fotografia dela.”

Merlin deixou-se ficar sentado muito quieto; a mente, de súbito, fatigada e tranquila. Era um velho, de facto. Tão velho que lhe era agora impossível conceber que um dia fora jovem, tão velho que, para ele, o *glamour* já se desvanecera do mundo, não se transferindo para os rostos das crianças, nem para os persistentes confortos dos afetos e da vida, mas passando além dos *limites* da visão e das emoções. Não voltaria a sorrir, nem a acomodar-se em longos devaneios naquelas tardes de primavera que lhe traziam gritos de crianças à sua janela, os quais, aos poucos, se iam tornando nas vozes dos seus amigos de infância, chamando-o para brincar antes que caísse a derradeira escuridão. Até para as memórias era já velho demais.

Nessa noite, sentou-se para cear com a esposa e o filho, que o haviam usado para os seus cegos fins. Então Olive disse:

“Não fiques aí como um morto. Diz alguma coisa.”

“Deixe-o estar calado,” rosou Arthur. “Se o incentivar, ele vai contar-nos uma história que já ouvimos mil vezes.”

Às nove horas, Merlin foi para o andar de cima. No seu quarto, depois de ter fechado bem a porta, encostou-se a ela por um momento, com os seus fracos membros a tremer. Sabia agora que sempre fora um idiota.

“Ó, feiticeira de cabelo vermelho!”

Mas era já demasiado tarde. Merlin enfurecera a Providência ao resistir a demasiadas tentações. Nada mais lhe restava que não o céu, onde haveria de se encontrar apenas com aqueles que, como ele, haviam desperdiçado a terra.